

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
NÍVEL MESTRADO**

LEONARDO DA SILVA FRANCISCO

**BOLSONARISMO EM ISOLAMENTO:
Uma cartografia pelos sentidos do bolsonarismo em acontecimentos
referentes à pandemia da covid-19**

**SÃO LEOPOLDO
2022**

LEONARDO DA SILVA FRANCISCO

BOLSONARISMO EM ISOLAMENTO:

**Uma cartografia pelos sentidos do bolsonarismo em acontecimentos
referentes à pandemia da covid-19**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Cesar Henn

São Leopoldo

2022

F819b Francisco, Leonardo da Silva.
Bolsonarismo em isolamento : uma cartografia pelos sentidos do bolsonarismo em acontecimentos referentes à pandemia da covid-19 / por Leonardo da Silva Francisco. – 2022.
110 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, São Leopoldo, RS, 2022.
“Orientador: Dr. Ronaldo Cesar Henn”.

1. Bolsonarismo. 2. Covid-19. 3. Identidades.
4. Acontecimentos. I. Título.

CDU: 659.3:329.05

LEONARDO DA SILVA FRANCISCO

**BOLSONARISMO EM ISOLAMENTO: UMA CARTOGRAFIA PELOS
SENTIDOS DO BOLSONARISMO EM ACONTECIMENTOS REFERENTES À
PANDEMIA DACOVID-19**

Dissertação apresentada como
requisito parcial para obtenção do
título de Mestre, pelo Programa de
Pós-Graduação em Ciências da
Comunicação da Universidade do Vale
do Rio dos Sinos - UNISINOS.

APROVADO EM 3 DE MAIO DE 2022.

BANCA EXAMINADORA

**PROFA. DRA. NISIA MARTINS DO ROSÁRIO - UFRGS
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**

**PROFA. DRA. MARIA CLARA JOBST DE AQUINO -
UNISINOS(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**



PROF. DR. RONALDO CÉSAR HENN - UNISINOS

AGRADECIMENTOS À CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Ao Sandro, ao Felipe e a Manoela, por acompanharem não apenas o Leonardo de agora, mas por ajudarem todos os Leonardos que já foram e por aceitarem os que não vieram a ser. Vocês construíram o Leonardo que ainda será.

AGRADECIMENTOS

Os dois anos como mestrando não teriam sido concluídos sozinhos. Por isso, é de extrema importância destinar os meus mais sinceros agradecimentos a todos que participaram diretamente desta importante formação.

Agradeço ao meu orientador, Ronaldo Henn, por toda paciência ao longo do processo de escrita e por ter me acompanhado e incentivado nos momentos difíceis da pesquisa.

Minha gratidão a todos e todas as professoras do PPG em Ciências da Comunicação da Unisinos por terem colaborado não apenas com a produção desse trabalho, mas por contribuir com minha formação humana.

O maior agradecimento possível ao Sandro e ao Felipe, por me acompanharem acordados durante noites intermináveis e por não me deixarem esquecer do meu potencial.

Por último, agradeço a duas mulheres fortes que me acompanharam diretamente ao longo dos últimos anos. Obrigado, Diana, por ter me ensinado a não desistir de minhas metas; Obrigado, Samira, por ter me acompanhado com sua intensidade e seu entusiasmo.

RESUMO

Jair Bolsonaro foi eleito o trigésimo oitavo presidente da República em outubro de 2018. Figura controversa, ele ganhou popularidade por seus discursos antipetistas e populistas, atraindo milhões de eleitores fiéis dispostos a defendê-lo e apoiar suas decisões incondicionalmente. Em 2020, eclodiu o novo coronavírus, altamente contagioso e possivelmente letal, levando a OMS a decretar uma nova pandemia em março do mesmo ano. Jair Bolsonaro tomou medidas diferentes das recomendadas por especialidades da saúde, levando o Brasil a alcançar a marca de mais de 650 mil mortos até o momento da publicação deste trabalho. A presente pesquisa tem como objetivo coletar pistas da construção do bolsonarismo como identidade por meio de interações feitas em postagens sobre a covid-19 realizadas por páginas noticiosas no *Facebook* e compreender suas relações com os acontecimentos em destaque. Por meio de uma cartografia realizada na plataforma, foram coletadas 38 publicações e 1224 interações para construir um mapa de sentidos para compreender aspectos do bolsonarismo. Após a análise, observei que a identidade do grupo político não tem apenas como figura central a imagem de Jair Bolsonaro, mas cria suas identificações a partir de seus opositores, compreendidos como inimigos. Entre eles, está Luiz Inácio Lula da Silva, o Partido dos Trabalhadores, a Rede Globo e o STF.

Palavras-chave: bolsonarismo; covid-19; identidades; acontecimentos.

ABSTRACT

Jair Bolsonaro was elected the thirty-eighth president of the Republic in October 2018. A controversial figure, he gained popularity for his anti-PT and populist speeches, attracting millions of loyal voters willing to defend him and support his decisions unconditionally. In 2020, the highly contagious and possibly lethal new coronavirus broke out, leading WHO to declare a new pandemic in March of the same year. Jair Bolsonaro took different measures from those recommended by health specialties, leading Brazil to reach the mark of more than 650,000 deaths by the time of the publication of this research. The present research aims to collect clues to the construction of bolsonarism as an identity through interactions made in posts about covid-19 made by news pages on Facebook and to understand its relationship with the highlighted events. Through a cartography carried out on the social platform, 38 publications and 1224 interactions were collected to build a map of meanings to understand aspects of bolsonarism. After the analysis, I observed that the identity of the political group does not only have the image of Jair Bolsonaro as a central figure, but creates its own identifications from its opponents, understood as enemies. Among them are Luiz Inácio Lula da Silva, PT, Rede Globo and Brazilian Federal Court of Justice.

Key-words: bolsonarism; covid-19; identities; events.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Exemplo de postagem noticiosa sobre a pandemia.	13
Figura 2 - Exemplo de comentário feito por bolsonaristas em páginas noticiosas. ..	14
Figura 3 - Exemplos de discursos compartilhados.....	52
Figura 4. Desenho dos sentidos do bolsonarismo	62
Figura 5 - Exemplo de utilização de imagem de burros	68
Figura 6 - Referência ao pão com mortadela.....	69
Figura 7 - Sequência de comentários sobre protestos pela vacina	86
Figura 8 - Sequência de comentários sobre protestos pela vacina	87
Figura 9 – Comentário sobre protestos pela vacina.....	88
Figura 10 - Sequência de comentários sobre protestos pela vacina	89
Figura 11 - Sequência de comentários sobre protestos pela vacina	90
Figura 12 - Sequência de comentários sobre protestos pela vacina	91
Figura 13 - Exemplos de comentários sobre os protestos a favor da vacina.....	92
Figura 14 - Sequência de comentários sobre Bolsonaro e passaporte de vacina	93
Figura 15 - Sequência de comentários sobre Bolsonaro e passaporte de vacina	95
Figura 16 - Sequência de comentários sobre Bolsonaro e passaporte de vacina	96
Figura 17 - Sequência de comentários sobre Bolsonaro e passaporte de vacina	96
Figura 18 - O desenho do bolsonarismo	100

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Postagens relacionadas à covid-19 coletadas em páginas noticiosas no <i>Facebook</i>	56
Quadro 2 - Exemplos de comentários citando Lula	64
Quadro 3 - Exemplos de comentários com referência à esquerda brasileira	67
Quadro 4 - Comentários com referência ao pão com mortadela	69
Quadro 5 - Exemplos de comentários fazendo referência à esquerda em geral	70
Quadro 6 - Exemplos de comentários com referência ao comunismo.....	72
Quadro 7 - Exemplos de comentários relacionados ao STF.....	75
Quadro 8 - Exemplos de comentários referente à CPI da covid-19.....	77
Quadro 9 - Exemplos de comentários sobre a justiça brasileira	78
Quadro 10 - Exemplos de comentários sobre a Globo e o G1	80
Quadro 11 - Exemplos de comentários negativos sobre a mídia em geral.....	81

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 ESTADO DA ARTE	17
2 DE ONDE VEIO BOLSONARO? UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO	22
2.1 A REVIRAVOLTA DE 2013 E SEUS DESDOBRAMENTOS	22
2.2 A ASCENSÃO DE BOLSONARO E DA EXTREMA-DIREITA	25
2.2.1 A extrema-direita e sua ascensão no contexto mundial	26
2.2.2 Bolsonaro e o bolsonarismo: uma breve história de suas polêmicas	30
3 SOBRE O MÉTODO E A RELAÇÃO OBJETO-PESQUISADOR	33
3.1 SOBRE A DEFINIÇÃO DO OBJETO E A ATENÇÃO NO MOVIMENTO CARTOGRÁFICO	37
4 LINHAS TEÓRICAS E FORMAS PARA SE PENSAR O BOLSONARISMO	40
4.1 IDENTIDADE, <i>SELF</i> E EXPERIÊNCIA	40
4.1.1 Representações de si e as plataformas de redes sociais	47
4.2 ACONTECIMENTOS	53
5 BOLSONARISMO EM ISOLAMENTO: A CARTOGRAFIA DOS SEUS SENTIDOS ENQUANTO IDENTIDADE	56
5.1 OS SENTIDOS DO BOLSONARISMO	62
5.1.1 Bolsonaro e a esquerda	63
5.1.2 Bolsonaro e as autoridades	75
5.1.3 Bolsonaro e a imprensa	79
5.2 O CONTEXTO COMO AGENCIADOR DE SENTIDOS	84
5.2.1 Os protestos	84
5.2.2 Passaporte de vacina	93
5.3 O BOLSONARISMO, SUA IDENTIFICAÇÃO E SUA EXPRESSÃO	97
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS	108

1 INTRODUÇÃO

O cenário político brasileiro que acompanhou a década de 2010 foi marcado por controvérsias e polaridades. Foram três eleições presidenciais, diversos protestos em praça pública, alguns pedidos de *impeachment* (um deles, concretizado de forma ilegítima) e, por fim, a eleição de uma figura de extrema-direita após quatro pleitos de consagração da centro-esquerda. No dia 28 de outubro de 2018, Jair Messias Bolsonaro foi eleito o trigésimo oitavo presidente da República do Brasil, com 55,13% dos votos válidos. Bolsonaro foi deputado federal por 28 anos e, ao longo da década, foi se consagrando como principal figura antipetista por meio de uma campanha caracterizada por diversos protestos e ataques contra a ex-presidenta Dilma Rouseff, o ex-presidente Lula, o Partido dos Trabalhadores e uma possível ameaça comunista.

Abrindo uma nova década, o início de 2020 afunila em uma série de acontecimentos bastante singulares que levaram a OMS a decretar, no dia 12 de março, a pandemia de um vírus altamente contagioso e potencialmente fatal. O Brasil, sob a presidência de Jair Bolsonaro, tomou medidas de proteção diferentes das vistas em outros países acometidos por grandes taxas de casos da covid-19. No dia 24 de março do mesmo ano, o presidente declarou, em pronunciamento em cadeia de rádio e televisão, que o Brasil estava se preparando para futuros casos de infecção do vírus e que o foco era manter vidas e empregos, registrando seu posicionamento contra *lockdowns* nos estados e o fechamento do comércio e de serviços não essenciais. Ele cita, também, os estudos que comprovariam a eficácia da Cloroquina, remédio amplamente utilizado no tratamento de outras doenças como malária e lúpus. No mesmo pronunciamento, Bolsonaro disse “no meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma *gripezinha ou resfriadinho*”¹.

Em um breve balanço da pandemia no Brasil até o momento da publicação do trabalho, foram mais de 650 mil mortos pela doença, 4 ministros da saúde passaram pelo cargo e, após um ano do início da campanha de vacinação, mais de 70% da população está totalmente imunizada. Ao final de 2021, Jair Bolsonaro alcançou a

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VI_DYb-XaAE>. Acesso em 26 abr 2021.

rejeição de 60% segundo o instituto de pesquisa Datafolha². Em março de 2021, o mesmo instituto constatou que 22% da população considerava a gestão do presidente boa ou ótima durante a pandemia. Como demonstra a pesquisa, 43% dos entrevistados acreditavam que Bolsonaro foi o principal culpado pela crise³.

Apesar de boa parte da população brasileira acreditar que o governo brasileiro e suas medidas de proteção têm responsabilidade nos altos números de mortalidade e infecção da covid-19 no Brasil, o presidente ainda possui muitos apoiadores. Mesmo que representem uma minoria da população, como mostra as pesquisas citadas anteriormente, seus seguidores são presentes digitalmente e conseguem grande visibilidade nos seus conteúdos. Suas manifestações são sempre notáveis dentro do ambiente digital (mesmo que, muitas vezes, seja por *bots*) como no *Twitter*, espaço onde frequentemente tentam levantar *hashtags* de apoio ao presidente ou, ainda, no WhatsApp, onde se agrupam em grupos e divulgam informações (nem sempre verdadeiras) como conteúdos midiáticos de fácil compartilhamento. A partir dos resultados de pesquisas anteriores e a realidade quase distópica que acompanhou o contexto brasileiro em 2020 e 2021, senti a necessidade de entrar nas especificidades que caracterizam os apoiadores de Bolsonaro como um grupo social.

Para isso, neste trabalho, o *bolsonarismo* será pensado como uma identidade que, como pensa Hall (2019), se caracteriza pela identificação de sujeitos participantes de um mesmo grupo social com símbolos, crenças e demais objetos. Um ponto que tenho observado ao longo de movimentos empíricos nas redes sociais ao longo dos últimos anos em relação a quem aqui chamaremos de *bolsonaristas* é sua lealdade à uma figura política que parece não estar sujeita ao erro. Na defesa do presidente, observo que frequentemente alguns sentidos e imaginários são utilizados como argumentos até a sua exaustão.

No *Facebook*, vemos a presença dos apoiadores de Bolsonaro bastante próxima do que vemos na cultura de fãs (GROHMANN, 2018). São diversas páginas de apoio que buscam pela manutenção da imagem do presidente como um herói cujo poder seria manter o Brasil limpo e íntegro até o fim de seu mandato.

² Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/datafolha-bolsonaro-enfrenta-rejeicao-de-60-lula-ve-queda-de-quatro-pontos-no-indicador-25322353>>. Acesso em 1 mar 2022.

³ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/datafolha-rejeicao-a-bolsonaro-na-gestao-da-pandemia-bate-recorde-e-vai-a-54.shtml>>. Acesso em 6 jun 2021.

Observando a página SomostodosBolsonaro⁴, por exemplo, notamos que todas as publicações têm um número muito grande de comentários, sempre chegando à marca de milhares, sem contabilizar curtidas e reações.

A presença dos defensores de Bolsonaro não se limita apenas a suas páginas de apoio, mas também chega a demais páginas noticiosas, seja de veículos já consagrados ou não. Quando a publicação envolve a pandemia ou qualquer aspecto do contexto político brasileiro, a seção de comentários é abastecida pelo confronto entre apoiadores do presidente e aqueles que discordam de seu governo. Mesmo quando o nome de Jair Bolsonaro não é citado, podemos encontrar, nos comentários, exaltações à sua figura.

Figura 1 - Exemplo de postagem noticiosa sobre a pandemia.



Fonte: Página do G1 no *Facebook*.

⁴ Disponível em: <<https://www.facebook.com/SomostodosJairMessiasBolsonaro/>>. Acesso em 01 mar 2022.

Figura 2 - Exemplo de comentário feito por bolsonaristas em páginas noticiosas.



Fonte: Página do G1 no Facebook.

Quando a publicação ocorre em páginas externas, noticiosas e não dedicadas somente ao conteúdo do presidente, alguns de seus seguidores postam frases de apoio, às vezes sem relação direta com o conteúdo da notícia. Na medida em que o assunto da publicação está relacionado à pandemia da covid-19, percebo que existe uma grande tentativa do público bolsonarista de defender o posicionamento controverso do presidente sobre as medidas sanitárias de proteção. É a partir da coleta e da leitura dessas interações que este trabalho é construído.

Após explicitar alguns pontos iniciais, apresento o problema da presente pesquisa: Como o bolsonarismo enquanto identidade coletiva se atualiza a partir de interações feitas em postagens noticiosas sobre a covid-19 no *Facebook*? De que maneira essa identidade se articula com os acontecimentos apresentados por veículos midiáticos?

Quando digo que ele se atualiza, penso não apenas no que já está construído como parte deste grupo identitário, mas também novos sentidos que são adicionados com novas expressões. Para compreender a questão, por meio de uma cartografia realizada dentro do *Facebook* e tomando como ponto inicial as páginas noticiosas com publicações relacionadas à pandemia, buscarei por sentidos que emergem desses acontecimentos e que fazem referência ao bolsonarismo.

A presente pesquisa tem como objetivo geral coletar pistas da construção do bolsonarismo como identidade por meio de interações feitas em postagens sobre a covid-19 realizadas por páginas noticiosas no *Facebook*. Para isso, defini os seguintes objetivos específicos:

- a) compreender aspectos do surgimento do bolsonarismo como movimento político;
- b) coletar interações, partindo de postagens em páginas noticiosas que carregam sentidos que constituem o bolsonarismo como identidade;
- c) agrupar e analisar os sentidos derivados nessas interações, considerando os acontecimentos apresentados como agenciadores de experiências.
- d) desenvolver experiências metodológicas que façam conexões entre manifestações identitárias e acontecimentos a partir de publicações em plataformas de redes sociais.

Existem inúmeras outras questões que envolvem o governo Bolsonaro que podem ser pensadas dentro da pesquisa em comunicação, como a utilização de *bots* e a disseminação de *fake news*. Contudo, não pretendo trazer grandes tensionamentos ou abordar esses tópicos sem ser em um segundo plano. Meu foco aqui é observar as características identitárias do seu grupo de apoiadores e os sentidos expostos quando o assunto é a administração do presidente em meio à pandemia, mas sem deixar de evocar esses tópicos caso estejam presentes nesses imaginários sociais.

A presente pesquisa justifica-se no âmbito pessoal, social e comunicacional. Em 2019, período em que estava concluindo a graduação em comunicação digital, procurei entender os sentidos identitários carregados pela bandeira brasileira no contexto das eleições de 2018 (FRANCISCO, 2019)⁵. Era nítido, seja pela estética

⁵ Orientado pela Prof^ª Dr^ª Ana Paula da Rosa, desenvolvi esta pesquisa no âmbito de trabalho de conclusão de curso para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social pelo curso de Comunicação Digital da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

dos protestos antipetistas ou pela campanha eleitoral feita por Bolsonaro em 2018, que a bandeira e suas cores tinham se tornado um símbolo de extrema-direita. Em um movimento cartográfico feito no *Facebook*, vi diversos imaginários evocados junto ao símbolo que não o acompanhavam anteriormente. A bandeira se tornou uma identificação, apropriada pelos defensores de Jair Bolsonaro, representando suas ideias e posicionamentos.

Ao ingressar no mestrado, no ano de 2020, eu tinha como objetivo continuar observando imaginários sociais que acompanhavam as identidades nacionais brasileiras. O problema de pesquisa construído anteriormente questionava formas com que imaginários de brasilidades se mostravam presentes a partir da *hashtag* #Brasil e de suas imagens em circulação em diferentes plataformas de redes sociais. Meu objeto era amplo e bastante desafiador já que a *tag* possui grande variedade de conteúdos circulando, como *selfies*, *cartoons*, manifestações políticas, etc. O resultado dessa cartografia me possibilitaria visualizar uma grande quantidade de sentidos diferentes que, junto a essas imagens, me dariam pistas de como uma possível identidade nacional é construída dentro das plataformas de redes sociais. Contudo, me vi inserido em um contexto em que a dispersão e essa variedade de temáticas que eram apresentadas dentro da *hashtag* #Brasil não mais me parecia ser a prioridade; naquele momento, a realidade demandava cada vez mais foco.

A postura tomada pelo governo brasileiro, guiada pela negação da gravidade da transmissão do vírus, levou o país ao segundo lugar no ranking de nações com mais mortes decorrentes da doença. Diante esse contexto, ser um pesquisador brasileiro e, acima de tudo, um cidadão, me levou a um estado de luto e de negação; porém, sentia uma negação diferente da praticada do governo nacional e pelo bolsonarismo. Pelo excesso de informação e pelo aumento de notícias negativas, decidi me isolar e ignorar o que estava acontecendo. Claro, ainda tomava todas as medidas de segurança necessárias para evitar o espalhamento do vírus, mas construí minha própria quarentena informacional para bloquear qualquer dano adicional à minha saúde mental.

Inevitavelmente, em algum momento eu voltei a realidade, ainda que em uma espécie de luto. Não posso dizer que deixei de negá-la, mas o que anteriormente chamei de negação agora se aproxima mais de inconformidade, sentimento que considero o principal motivo a levar alguém à mudança. A preocupação com todas as pessoas próximas a mim e com a população brasileira em geral me levaram a

procurar, a partir das lentes da pesquisa em comunicação, alguma forma de compreender o contexto caótico e quase distópico no qual adentramos no ano de 2021.

Dessa forma, repensei o problema e os objetivos da presente pesquisa. Anteriormente, a pergunta que iria guiar meu trabalho era “como que diferentes plataformas de redes sociais participam da constituição de imaginários coletivos de brasilidades a partir da inferência de imagens e da circulação de seus sentidos com a hashtag #Brasil?”. Com novos desafios teóricos e empíricos, agora a identidade que busco compreender por meio da pesquisa é a do bolsonarismo.

Penso, ainda, na importância desta pesquisa no âmbito da pesquisa em comunicação. Por mais que a centralidade do objeto esteja no bolsonarismo, os resultados encontrados dão sentidos para além de uma única identidade. Vejo que grupos sociais têm suas singularidades e se manifestam de formas distintas, mas suas exposições podem ser feitas de formas similares. Para além de compreender os sentidos do bolsonarismo, esse trabalho tem como eixo teórico a identificação de grupos sociais e sua relação com acontecimentos. Dessa forma, o conhecimento a ser produzido aqui pode contribuir com o entendimento da expressão de outros grupos dentro das plataformas de redes sociais.

Como abordarei a seguir, pela emergência do tema e pela sua simultaneidade com a escrita do trabalho, ainda existem poucas publicações dentro da pesquisa em comunicação o abordam. A presente pesquisa se situa no mesmo espaço de tempo em que novos acontecimentos marcam a relação entre o bolsonarismo e a pandemia da covid-19. Por isso, percebo a importância do que aqui será observado para a compreensão de alguns aspectos do que aconteceu até agora no contexto político brasileiro na última década por meio da análise da constituição de um grupo social político bastante presente nos debates. Espero, também, que os achados desta pesquisa colaborem com trabalhos futuros que procurem entender não apenas o que está se passando agora no contexto brasileiro, mas também no que está por vir.

1.1 ESTADO DA ARTE

Para compreender o estado do tema da pesquisa (bolsonarismo como identidade) e suas proximidades, realizei a pesquisa da pesquisa em busca de

outras dissertações e teses com objetos próximos ao aqui abordado. Como palavras-chave, utilizei Bolsonaro e bolsonarismo e filtrei o período para trabalhos publicados a partir de 2016. Pela emergência do tema, existem poucas teses e dissertações já publicadas que convergem entre os dois temas. Conforme o esperado, no caso do banco de dados escolhidos para a análise, nenhum foi encontrado. Contudo, selecionei algumas publicações que podem colaborar com o entendimento do fenômeno aqui selecionado para análise, seja por suas linhas teóricas ou por suas proximidades metodológicas.

Em um primeiro movimento, no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, a palavra-chave bolsonarismo resultou em 7 trabalhos, sendo eles das áreas de linguística, ciências sociais, ciência política, história, e um em comunicação. Destes, trago 2 que se destacam por sua proximidade do que aqui será exposto ou que poderão contribuir para sua escrita. Importante destacar que nenhum deles trata diretamente do bolsonarismo a partir de uma análise das características de sua identidade e nem se referem ao contexto da pandemia no Brasil.

A dissertação de Julia Guimarães (2020) observa a partir das lentes da ciência política a ascensão de figuras de nova direita em escala global na última década. O trabalho proposto pela autora procura compreender os aspectos históricos do fascismo - palavra constantemente usada pela oposição ao citar Bolsonaro e seu governo - e se é possível caracterizar a nova-direita que se constituiu na última década como fascista. A partir de um estado da arte, a autora retoma aspectos políticos históricos do Brasil como um Estado democrático. O trabalho não tem centralidade na figura de Bolsonaro ou da identidade do bolsonarismo, mas encontra traços fascistas fortemente ligados ao seu grupo de apoiadores – dados importantes para a contextualização desta pesquisa.

Guimarães (2020) percebe como um padrão entre os novos projetos de extrema-direita como nacionalismo exacerbado, extremismo religioso, uma suposta luta contra a corrupção etc. Esses e outros apontamentos realizados pela autora, apesar de se tratar de um trabalho externo à área da comunicação e ter uma perspectiva teórica diferente do que aqui é proposto, pode colaborar com a presente pesquisa ao trazer uma perspectiva histórica e política da ascensão do Bolsonarismo, pensando-a não como um fenômeno localizado, mas mundialmente contextualizado.

Já o segundo trabalho encontrado é a tese de Angelo Giroto Neto (2020), com foco na eleição de Jair Messias Bolsonaro em 2018 e com o objetivo de investigar sua vitória por meio da observação de fatores políticos e ideológicos. O autor aponta três fatores que julga preponderantes para o desfecho do pleito: a crise de democracias liberais nas últimas décadas que tem levado populismos de direita ao destaque em diversos países – no Brasil, essa ascensão foi marcada pelos protestos de junho de 2013; a alternância entre o PSDB e o PT nas 6 eleições anteriores que começaram a demonstrar desgaste nas Jornadas de Junho; e um descontentamento geral em relação a eficiência da política em resolução de problemas. Com achados próximos ao trabalho citado anteriormente, a tese de Giroto (2020) fornece uma boa perspectiva para contextualizar o início do bolsonarismo, dando pistas do que constitui sua identidade, mas sem apresentar foco ao tema.

Retomando a busca no mesmo banco de dados, ao usar a palavra-chave Bolsonaro, encontrei outros 3 trabalhos⁶. Desses, apenas um se destaca e colabora com o que aqui proponho, mas sem trazer grandes reflexões sobre o bolsonarismo como identidade. A dissertação de Tiago Segabinazzi, defendida em 2020, tem como tema a disseminação de *fake news* derivadas da facada sofrida por Bolsonaro em 2018, ano das eleições. Utilizando a cartografia de forma experimental, Segabinazzi (2020) percorreu o Twitter em busca de informações falsas e/ou distorcidas para pensar novas formas de pós-verdade. Num primeiro momento, o trabalho não apresenta muitas proximidades com o que aqui é proposto além de ter a imagem de Bolsonaro como destaque. Contudo, a cartografia usada por Segabinazzi colabora e serve de insumo para a produção desta dissertação por ser a metodologia aqui proposta.

Retomando à busca por outros trabalhos, procurei por outras publicações, agora sem me limitar a teses e dissertações publicadas, procurei pelas mesmas palavras chaves nos anais dos encontros da Compós. De 2016 a 2021, encontrei 5 publicações, sendo 3 delas apenas no ano de 2020, confirmando a emergência nas publicações de trabalhos sobre Bolsonaro e o bolsonarismo tem tido maior destaque nos últimos anos.

⁶ Ao todo, foram encontrados 5 trabalhos, mas dois deles entraram dentro do filtro pelo sobrenome dos autores também ser Bolsonaro.

O primeiro trabalho que trago é o de Grohmann (2018), que utiliza como objeto empírico *tweets* de contas de apoiadores (ou fãs, como aborda o autor) para trazer reflexões epistemológicas para pesquisas em circulação de sentidos. A partir dos dados coletados dentro do Twitter, Grohmann analisa postagens feitas em janeiro de 2018, ano em que ocorreu as eleições presidenciais que elegeu Bolsonaro, em *hashtags* como #Bolsonaro2018 ou, então, concatenando palavras chaves como “Bolsonaro” e “fã”. Este trabalho, por ser do campo das ciências da comunicação e possuir, de certa forma, proximidade não apenas no assunto do material empírico coletado, mas também no tipo de conteúdo reunido para sua análise, traz importantes considerações que colaboram para a produção desta dissertação. O autor reúne um apanhado de outros trabalhos que tratam da circulação de sentidos e o trabalho qualitativo dentro de pesquisas em plataformas de redes sociais que contribuem diretamente para a construção do método a ser desenvolvido aqui.

Os trabalhos de Rizzoto, Saraiva e Nascimento (2019), Oliveira (2020), Fachine (2020) e de Gomes, Campos e Oliveira (2020) apresentam o Bolsonaro ou o Bolsonarismo também com centralidade em seus trabalhos; contudo, mesmo sendo da área da comunicação, se distanciam deste trabalho, seja pelas escolhas metodológicas, conceituais e demais abordagens. Já o de Santos (2020) oferece importantes inferências que podem colaborar com a construção teórica aqui estabelecida.

O autor realizou um estudo exploratório em manifestações de apoio à Jair Bolsonaro logo antes ao segundo turno de 2018 para compreender a seguinte questão: “por que alguns eleitores de Bolsonaro acreditaram no vídeo da ‘mamadeira de piroca’?” (SANTOS, 2020, p. 5). O vídeo em questão era um material caseiro que apontava Fernando Haddad e o Partido dos Trabalhadores (PT) como responsáveis por distribuir mamadeiras em formato de pênis, parte do “kit gay”, como chamavam os apoiadores de Bolsonaro o material para combater a homofobia proposto pelo governo Dilma em 2011, porém vetado pela presidenta. Baseando-se na semiótica e nos textos de Peirce, o autor percebe que os entrevistados apresentam crenças anteriores quando questionados sobre a veracidade das informações apresentadas no vídeo. Os sistemas de crenças constituídos e enraizados em seu desenvolvimento como indivíduos e agravados pelas lógicas de disseminação de informação e de criação de bolhas informacionais

derivados das plataformas de redes sociais levaram uma porcentagem dos apoiadores de Bolsonaro a acreditar em um vídeo que beirava o ridículo. Os resultados apresentados pelo autor e sua apropriação teórica à textos de Peirce me parecem bastante fecundos e podem apropriados à identidade de um grupo de “fãs” de Bolsonaro como político, principalmente quando o que está em análise são suas interações dentro da pandemia da covid-19, extremamente controversa e com grande quantidade de desinformação compartilhada.

Ao todo, foram 15 trabalhos encontrados, destacando o aumento de publicações nos últimos dois anos. A análise do bolsonarismo é emergente, principalmente quando relacionada a pandemia da covid-19, iniciada em 2020. Com isso destaque novamente a relevância da presente pesquisa tanto para a sociedade em geral, como para a pesquisa no campo das ciências da comunicação.

2 DE ONDE VEIO BOLSONARO? UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

Jair Messias Bolsonaro foi eleito, no dia 28 de outubro de 2018, o trigésimo oitavo Presidente da República brasileiro. Anterior a isso, foram 28 anos como deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro e um mandato como vereador pela capital do estado. Apesar do nome do capítulo trazer centralidade na figura do presidente, não pretendo ser, aqui, biográfico. Nessa seção, irei fazer uma breve contextualização do cenário brasileiro anterior à eleição de Bolsonaro. Apesar do tema ser amplo e existirem diversos trabalhos que o abordem em maior profundidade, pretendo apresentar aqui alguns momentos importantes da última década que possam, futuramente, ser retomados durante a pesquisa empírica. Não procuro aqui fazer uma análise política e questionar se os acontecimentos citados contribuíram ou não com a ascensão do bolsonarismo e de que forma isso pode ter acontecido, mas sim citá-los, não necessariamente em ordem cronológica, trazendo alguns de seus principais pontos.

2.1 A REVIRAVOLTA DE 2013 E SEUS DESDOBRAMENTOS

Em junho de 2013, uma série de acontecimentos e um descontentamento generalizado com a classe política eclodiram em uma série de protestos que desestabilizou o contexto brasileiro pelo resto da década. Muitos pesquisadores percebem nas Jornadas de Junho o início da ascensão da extrema-direita no contexto brasileiro. Para Rosana Pinheiro-Machado (2019a), pensar nas manifestações ocorridas em 2013 como o início de uma sequência de fatos que levaram à eleição de Bolsonaro em 2018 é insuficiente. É necessário que se observe o contexto mundial na última década, marcado por protestos e diferentes indignações que conectaram as plataformas de redes sociais e a praça pública como forma de demonstração do descontentamento com o sistema político em geral.

Como aborda Manuel Castells (2017), com as ferramentas proporcionadas pela tecnologia e suas formas de conexão, a população de diversos países reencontrou uma forma de usar sua força coletiva para se unir e movimentar em praça pública a partir de sua indignação compartilhada. Partindo da Primavera Árabe no Oriente Médio, passando por países europeus como Espanha, Grécia e Islândia, e chegando também aos Estados Unidos, Castells (ibidem) percebe o rompimento

da normalidade em uma série de protestos mundialmente espalhados que, apesar de terem pautas diferentes, se assemelham em sua insatisfação generalizada com o sistema político vigente. Como observa Pinheiro-Machado (2019a), todos esses protestos aconteceram pela maturidade que a internet e suas ferramentas tinham naquele momento com suas possibilidades de conexão e sem grande atividade dos filtros-bolha. Para a autora (PINHEIRO-MACHADO, 2019a), podemos pensar os protestos como uma consequência do avanço do neoliberalismo no início do século e pela insatisfação por políticas de austeridade. Com isso, figuras populistas encontram espaços para se desenvolver, como no caso do Brasil.

Junho de 2013 ficou marcado na história brasileira. Centenas de milhares de pessoas foram às ruas para protestar, inicialmente contra o aumento da passagem de ônibus, e após dias de protesto, tornou-se uma manifestação contra tudo e todos. No dia 6, começaram os primeiros protestos em São Paulo¹, mobilizados contra o aumento de 20 centavos nas tarifas do transporte público. O início do protesto sucedeu uma série de outras manifestações que aconteceram no mesmo ano, de menor tamanho e com outras pautas. Contudo, foi a partir do anúncio do aumento das tarifas no final de maio que os protestos tomaram maiores proporções.

Os protestos, apesar de terem sido convocados principalmente pelo MPL (Movimento Passe Livre), não possuíam lideranças e se organizavam em redes. No início, sofreram extrema repressão policial e eram noticiados majoritariamente como atos de vandalismo e desordem pela grande mídia. Porém, entre os dias 17 de 20 de junho, os manifestantes passaram a passear pelas ruas com apoio midiático que começou a expor também a repressão policial, anteriormente divulgado de forma independente pelos manifestantes nas redes sociais (PINHEIRO-MACHADO, 2019a). Iniciados pelos 20 centavos a mais na tarifa do transporte público, os protestos abriram espaço para novas pautas – como o próprio lema das manifestações dizia. A partir disso, os protestos passaram a ser, de forma genérica, sobre a ineficiência do cenário político brasileiro, contra a corrupção e sobre os governos em geral. Podemos observar que as pautas em destaque nos protestos de 2013 não se assemelham às pautas legitimadas pela extrema-direita e, sobretudo, pelo governo de Bolsonaro. Como aponta Pinheiro-Machado (ibidem), o

¹ Saiba mais sobre os protestos em SP contra aumentos de ônibus e Metrô. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/entenda-os-protestos-em-sp-contra-aumento-das-tarifas-do-transporte.html>> Acesso em 25 jun 2021.

autoritarismo, conservadorismo e o punitivismo eram temas repreendidos nos protestos das Jornadas de Junho, diferente do que podemos observar nas manifestações que a sucederam, até 2018.

O apartidarismo, característico das Jornadas, se confundiu com antipartidarismo e, junto ao apoio da Globo e a leitura de que os protestos eram contra a corrupção dos governos petistas levaram as elites a apoiar os protestos e ir junto às ruas no dia 20 de julho (PINHEIRO-MACHADO, 2019a). Ainda no mesmo mês, podemos observar o impacto negativo que os protestos tiveram ao governo da então presidenta Dilma Rouseff. Sua popularidade caiu 27 pontos, segundo o Instituto Datafolha².

Ao final dos protestos, os governos de São Paulo e Rio de Janeiro decidiram juntos a revogação do aumento das passagens. Após isso, o MPL não convocou novas manifestações. Mesmo que tenha terminado, os protestos mudaram a forma como o povo enxergava a política e, por isso, ouvimos frequentemente que aquela série de protestos levou ao golpe de 2016 e à eleição de Bolsonaro. De fato, a extrema-direita soube se apropriar do período pós Jornadas de Junho com maior excelência (PINHEIRO-MACHADO, 2019a), aproveitando a baixa popularidade da presidente naquele momento.

Nas eleições de 2014, a disputa pela presidência no segundo turno foi feita entre a então presidenta Dilma Rousseff (PT) e o senador de Minas Gerais Aécio Neves (PSDB). Grande parte das pesquisas eleitorais naquele momento apontavam para uma vitória do candidato tucano, projetada a partir da grande rejeição detida por Dilma. Porém, no dia 26 de outubro, Dilma é oficialmente reeleita para o seu segundo mandato, levando Aécio Neves a questionar a eficiência do sistema eleitoral e pedir a recontagem das urnas. A postura do então Senador de Minas Gerais dava pistas do golpe sofrido pela presidenta em 2016 e contestava o funcionamento da democracia brasileira. Naquele ano, foi eleita uma das bancadas mais conservadoras na história do Brasil (PINHEIRO-MACHADO, 2019a), abrindo espaço para a extrema-direita e os acontecimentos que seriam vistos a seguir.

² Popularidade de Dilma cai 27 pontos após protestos. Disponível em: <<https://m.folha.uol.com.br/poder/2013/06/1303541-popularidade-de-dilma-cai-27-pontos-apos-protestos.shtml>> Acesso em 25 jun 2021.ß

2.2 A ASCENSÃO DE BOLSONARO E DA EXTREMA-DIREITA

De 2013 adiante, podemos perceber a notoriedade que pautas conservadoras e liberais adquiriram, seja nas ruas, no parlamento brasileiro, na mídia etc. Logo no início de 2015 começaram os protestos pedindo o impeachment de Dilma Rousseff que se estenderam até 2016, quando o processo se concretizou no Senado Brasileiro. Os protestos possuíam grandes características identitárias que até hoje estão presentes na estética do bolsonarismo. Inclusive, foram nesses protestos que começamos a ouvir com maior intensidade os pedidos para Bolsonaro ocupar o cargo da presidência. Convocados para demonstrar suporte ao golpe em processo, as manifestações também foram acompanhadas por pautas morais, como a defesa da família tradicional, contra o fantasma da “ideologia de gênero” e outras imoralidades que, para os participantes, eram características dos governos petistas. Como retoma Luciana Tatagiba (2018), entre todos os protestos ocorridos no Brasil mapeados entre 2011 e 2016 (1358 no total), 10% foram classificados como de direita, tendo seu pico nos anos de 2015 e 2016,

Marcados pelo verde e amarelo da bandeira brasileira e das camisas da CBF, os protestos pró-impeachment tinham grande caráter antipetista e nacionalista. Milhões de pessoas foram às ruas não apenas para pedir a cassação da presidenta Dilma, mas para protestar contra a corrupção e ineficiência atribuídas aos anos de governo petistas. Observando mais a fundo, Luciana Tatagiba (2018) observa que os protestos não tinham como alvo apenas ao Partido dos Trabalhadores, mas também a esquerda partidária e sindical e a cultura de esquerda de forma mais ampla” (p.115). Podemos observar isso a partir das frases de ordem bravadas durante os protestos, como “nossa bandeira jamais será vermelha”, “o Brasil não será outra Venezuela” ou, “vá pra Cuba”, referindo-se a qualquer opinião que se conectava com os ideais de esquerda. As manifestações ocorriam principalmente aos domingos e muitas vezes tinham teor de festividade, já que, com o apoio da polícia militar, os protestos, que recebiam a elite brasileira, aconteciam de forma pacífica. Sobre o perfil dos manifestantes. O instituto Datafolha (2015) realizou uma pesquisa com os manifestantes que ocuparam a Avenida Paulista, na capital de São Paulo, com o objetivo de entender seu perfil. 63% dos participantes eram homens, e sua média de idade era de 40 anos; 69% se declaram brancos e 41% possuíam

renda familiar acima de 10 salários-mínimos. 94% dos presentes afirmaram ter votado em Aécio Neves

Para os manifestantes, a principal motivação para a convocação dos protestos de 2015 e 2016 era a corrupção e uma possível impunidade ocorrida durante os governos petistas; a Operação Lava-Jato e o então Juiz Sérió Moro eram levados como grandes heróis e recebiam grande apoio das manifestações. Se destacaram na convocação e organização dos protestos movimentos como o MBL (Movimento Brasil Livre) e o Vem pra Rua que, na época, se declaravam ultra-liberais e buscavam o apoio de gerações mais jovens às pautas da direita. Após um tempo, também se mostraram bastante conservadores (PINHEIRO-MACHADO, 2019a), como no caso da censura do *Queermuseu*³, altamente criticado pelas lideranças do MBL. A polémica envolvendo o *Queermuseu* foi, inclusive, uma das marcas da década que demonstraram o crescimento do conservadorismo. O evento aconteceu em 2017, período após a concretização do Golpe de 2016. No mesmo ano, a filósofa Judith Butler, conhecida pelos estudos em gênero e importante nome da Teoria Queer, foi recebida com protestos e gritos de “bruxa” em São Paulo. Em 2015, a Marcha para Jesus, que ocorreu em São Paulo durante o andamento do processo de impeachment, reuniu 340 mil participantes e pedia, também, uma “faxina ética” e o fim da corrupção. Como aponta Tatagiba (2018, p.17, “a narrativa neopentecostal da guerra contra o mal se encaixava perfeitamente com o espírito geral do antipetismo.”

2.2.1 A extrema-direita e sua ascensão no contexto mundial

Neoconservadorismo, a nova direita, *trumpização* da política, populismos de direita, crises da esquerda são alguns dos nomes usados para rotular o fenômeno da reorganização de grupos conservadores – em sua maioria da direita radical –, que se caracterizam em seus discursos de ódio, ações negacionistas e a constante interferência de ideais religiosos nas políticas de Estado. Em um resumo acerca dos impactos desses movimentos busco discutir as causas que despertaram estes movimentos, que se apresentam com variáveis dimensões.

³ A exposição *Queermuseu*, exposta em agosto e setembro de 2017 no Santander Cultural em Porto Alegre, foi fechada após sofrer críticas pelo público conservador, acusando o conteúdo de incentivar a pedofilia e a zoofilia. O *Queermuseu* tinha como principal objetivo debater a diversidade sexual e demais questões contemporâneas.

A esfera econômica se apresenta em multi-responsabilidades, que devido sua importância como parte fundamental no tecido social está permanentemente ligada aos direitos e deveres perante a sociedade. Assim, reserva grandes embates políticos entre esquerda e direita, trazendo foco para interesses individuais e coletivos.

“Caos” é como o autor Giovanni Arrighi (2012, p. 309) define a atual relação do capitalismo com o mundo, tanto em questões econômicas quanto sociais. Dado segmento, destaco a crise financeira global como um fenômeno que atua diretamente nas relações capital-trabalho quais são imperativas à manutenção do sistema. Tais interferências surgem por meio da adoção de políticas econômicas estabelecidas pela ocupação de cargos parlamentares ou à eleição de figuras mandatárias que por sua vez são concedentes de dinâmicas das democracias ao redor do mundo.

O autor Dominique Reynié (2019) destaca como consequência o desenvolvimento da crise das democracias, um conceito que vem recebendo atenção em grande parte do mundo ocidental. Neste cenário abrem-se portas para a ascensão da extrema-direita, a qual se alimenta da descrença nas instituições e formas de representação política deste sistema de um governo (REYNIÉ, 2019).

Steven Levitsky e Daniel Ziblatt destacam em seu livro *Como as Democracias Morrem* (2018) a ansiedade da população em razão das políticas democráticas de seus países. Após a terceira onda da democratização, nas décadas de 80 e 90, a sensação de que a democracia iria se espalhar pelo globo trouxe uma série de incertezas para o cenário político. Contribuíram para isso acontecimentos como o fracasso da Primavera Árabe, o assassinado do Presidente do Haiti Jovenel Moïse e a recente ameaça à democracia Americana com a eleição de Donald Trump – que moldou seu mandato em ataques diretos a instituições democráticas e à liberdade de imprensa.

Marchi & Bruno (2016) evidenciam as primeiras fagulhas que alimentaram a ascensão da extrema-direita em acontecimentos como a eleição do primeiro ministro húngaro Orbán, qual reelegeu-se em outras duas eleições e encontra-se em exercício do poder até os dias atuais; a Alemanha, que por sua vez, em 2013 inaugurou o partido Alternativa para Alemanha (o AfD); em 2014 a ascensão do Partido de Independência do Reino Unido (UKIP) que denomina-se como um partido político britânico eurocético e de direita, fundado em 1993, pela antiga "Liga

Antifederalista", descrevendo-se como um partido "democrático e libertário"; já na Polônia, em 2015, a eleição de um representante do partido populista de Direito e Justiça (PiS); a eleição de Donald Trump em 2016; a consagração de Salvini pela Itália em 2018 e por fim, também evidencia-se no Brasil com a eleição do atual presidente da República Jair Messias Bolsonaro, em 2018.

O despertar da extrema-direita no Brasil, ganhou as primeiras forças após a crise econômica do capital em 2008. Marchi & Bruno (2016) apontam que foi neste mesmo período que se reforçaram os debates acerca da elevação de fluxos migratórios no país, esses debates foram usados como pauta central das agendas da política da extrema direita, resultando na aprovação popular e eleição de representantes – seja em caráter do parlamento ou da presidência – que flertavam com este espectro político.

Como já citamos, a campanha política a favor do governo Bolsonaro iniciou-se em 2014 após a vitória da ex-presidente Dilma Rousseff na disputa presidencial contra o candidato do PSDB Aécio Neves. O mandato da ex-presidente acabou com por um golpe que alimentou uma fenda na estabilidade institucional no Brasil, refletindo numa democracia instável a qual acelerou o processo de decomposição política no país (SEVERO, 2020). Neste segmento, em 2015 os embates entre esquerda e direita conduziram a política a uma realidade polarizada que foi fundamental para o processo de campanha eleitoral de 2018. Como fruto deste quadro político em janeiro de 2019, Jair Messias Bolsonaro assumiu a presidência da República brasileira.

Outro fator que também dá forças à ascensão da extrema-direita no Brasil é a aliança com as igrejas evangélicas, grandes aliadas da campanha eleitoral de Bolsonaro, campanha que é fruto da harmônica relação entre quatro forças: neoliberais, evangélicos, fascistas ideológicos e militares. A relação entre Estado e religião é pluridimensional e se faz presente em grande parte da história. É fundamental mencionar a penetração das igrejas evangélicas nas políticas de Estado, atuando com articuladoras político-sociais, principalmente nas periferias (SEVERO, 2020).

Igrejas de cunho neopentecostal são as principais aliadas na disseminação de interesses de valor da extrema-direita. Ideias como a meritocracia – conceito que prega a individualização do esforço –, o juízo de valor pregado pela igreja em relação "ideologias de gênero", como exemplo as discussões em torno à política de

igualdade de gênero nas escolas, militarização das escolas e tantos outros ideais neopentecostais que serviram de base para fortalecimento da Bancada Evangélica apoiada pelos representantes religiosos dentro do Congresso (SOLANO, 2018). Representantes, que por suas vezes, criam alianças de extrema-direita a qual revela que o atual movimento político realizado por tais representantes atua dentro e fora das políticas de Estado.

Em maio de 2021, a Folha de São Paulo publicou uma matéria⁴ sobre a disseminação das igrejas evangélicas nas periferias de São Paulo. É citado na matéria que ns eleições de 2018 fizeram aumentar a atuação da Bancada Evangélica no Congresso Nacional. Com base nos dados fornecidos pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) foram eleitos 84 deputados apontados como evangélicos; no Senado o número saltou de 3 para 7 e em seu grupo total, dentro do Congresso, existem hoje 91 integrantes identificados como evangélicos. A matéria complementa que estes representantes se aproximam das concepções pregadas pela extrema-direita, como o combate à corrupção, proteção aos valores morais da família tradicional e bons costumes. Essas características fazem com que líderes religiosos declarem seu apoio a estes candidatos – um alinhamento que influencia diretamente a concentração de votos.

A nova onda da direita aproveita cirurgicamente o caos e o descontentamento gerado em crises democráticas, este tipo de poder vive em conflito e se alimenta dele. Crises econômicas são o maior fator para alimentação desse fluxo, nelas vemos o afloramento de um campo neoconservador que através da tática do medo do inimigo – que ameaça o modelo de sociedade moral pregado pela extrema-direita – pregam os valores tradicionais. O voto em Trump, em Bolsonaro e nos mais diversos partidos da direita autoritária é apenas um reflexo desta vulnerabilidade democrática (SOLANO, 2018). No Brasil, a simpatia da direita com o militarismo é clara e objetiva: um combate à corrupção que justifique atitudes elitistas da sociedade tradicional que em sua maior consequência legitimar intervenções militares.

⁴ São Paulo ganha uma igreja por semana, e templos se espalham pelas periferias. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/05/sao-paulo-ganha-uma-igreja-por-semana-e-templos-se-espalham-pelas-periferias.shtml>>. Acesso em: 6 fev 2022.

2.2.2 Bolsonaro e o bolsonarismo: uma breve história de suas polêmicas

Bolsonaro entrou para a vida pública em 1989, quando foi eleito vereador pela cidade do Rio de Janeiro após carreira militar já controversa. Ficou apenas dois anos no cargo, já que logo em 1990 foi eleito deputado federal pela primeira vez. Mesmo que tenha ocupado o cargo de vereador por apenas dois anos, foi suficiente para dar suas primeiras falas polêmicas, como a declaração que “pobre não sabe fazer nada”⁵.

Como deputado federal, Bolsonaro ficou no cargo por 28 anos. Durante seus 7 mandatos, foi filiado a 8 partidos (PDC, PPR, PPB, PTB, PFL, PP, PSC e PSL). Apenas em 2015, 25 após sua primeira eleição para o cargo, Bolsonaro teve sua primeira proposta de emenda constitucional aprovada pelo congresso⁶, justificando a aparente falta de produtividade por preconceito político. Neste subcapítulo, irei listar algumas de suas declarações controversas, conservadoras e preconceituas que o marcaram como um símbolo da extrema-direita.

Começamos em 2003. Após a deputada federal gaúcha Maria do Rosário (PT) ter acusado Bolsonaro de promover a cultura do estupro, o então deputado federal inferiu: eu jamais a estupraria você porque você não merece. Após outra troca de ofensas, incluindo um empurrão por parte de Bolsonaro, ele volta a atacá-la e a chama de vagabunda. O caso envolvendo Maria do Rosário não aconteceu apenas uma vez; em 2014, ainda como deputado federal, Bolsonaro volta a citar a deputada, agora dizendo que não a estupraria por ser muito feia. Em 2019, Bolsonaro foi condenado a indenizar Maria do Rosário em R\$10.000,00, além de publicar uma retratação em suas redes⁷.

Assédio e violência de gênero foram recorrentes na carreira de Bolsonaro. Em 2016, Bolsonaro concedeu uma entrevista ao ator Elliot Page⁸ em que afirma não ser

⁵ Pobre não sabe fazer nada, disse Bolsonaro quando era vereador no Rio, nos anos 1990. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/07/pobre-nao-sabe-fazer-nada-disse-bolsonaro-quando-era-vereador-no-rio-nos-anos-1990.shtml>> Acesso em 23 jul 2021.

⁶ Após 25 anos de Congresso, Bolsonaro consegue aprovar 1ª emenda; "Sou discriminado". Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/06/150617_salasocial_bolsonaro_primeiraemenda_rs> . Acesso em 23 jul 2021.

⁷ Por ordem judicial, Bolsonaro se desculpa por dizer que deputada não merecia ser estuprada. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/06/13/por-ordem-judicial-bolsonaro-se-desculpa-por-dizer-que-deputada-nao-merecia-ser-estuprada.ghtml>>. Acesso em 31 jul 2021.

⁸ Elliot Page é um ator transexual estadunidense. Na época da entrevista, o ator ainda não havia transicionado; se identificava como uma mulher lésbica.

homofóbico e que assoviaria na rua caso encontrasse com o entrevistador. Ainda na mesma entrevista, ele afirma que homossexualidade é comportamental e pode estar conectada com o uso de drogas, além de dizer que ela não é normal e pode ser curada com um “corretivo” dos pais⁹. Neste vídeo, ele retoma outra entrevista que fizera anteriormente, para a Revista Playboy em 2011. No texto, Bolsonaro afirma: “Seria incapaz de amar um filho homossexual. Não vou dar uma de hipócrita aqui: prefiro que um filho meu morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí. Para mim ele vai ter morrido mesmo”¹⁰.

No mesmo ano, em entrevista ao programa de televisão CQC, Bolsonaro afirma que não corria o risco de ter um filho gay por eles possuírem uma boa educação. Na mesma entrevista, a cantora Preta Gil pergunta o que o deputado acharia caso um de seus filhos namorasse uma negra. Bolsonaro, então respondeu “eu não vou discutir promiscuidade com quem quer que seja. Eu não corro esse risco. Meus filhos foram muito bem-educados e não viveram em um ambiente como, lamentavelmente, é o seu”¹¹.

Já como pré-candidato à presidência, em palestra para comunidade judaica ocorrida em 2017, Bolsonaro volta a atacar diversas minorias. Em sua fala, ele afirma ter cinco filhos, mas que deu uma “fraquejada” na última, que nasceu mulher. Na mesma palestra, ele fez ataques racistas. O então deputado afirmou: “Eu fui num quilombo. O afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada. Eu acho que nem para procriador ele serve mais. Mais de R\$ 1 bilhão por ano é gasto com eles”¹².

Em 2018, ainda em campanha, Bolsonaro visita Rio Branco no Acre e afirma:

Vamos fuzilar a petralhada aqui do Acre, hein? Vamos botar esses picaretas para correr do Acre. Já que eles gostam tanto da Venezuela, essa turma

⁹ Ellen Page entrevista Jair Bolsonaro. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3pautVX23IY&ab_channel=VICEBrasil>. Acesso 1 ago 2021.

¹⁰ Bolsonaro: "prefiro filho morto em acidente a um homossexual". Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/bolsonaro-prefiro-filho-morto-em-acidente-a-um-homossexual,cf89cc00a90ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>>. Acesso em 01 ago 2021.

¹¹ TJ mantém condenação de Bolsonaro por resposta a Preta Gil e falas ao CQC. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/tj-mantem-condenacao-de-bolsonaro-por-resposta-a-pret-a-gil-e-falas-ao-cqc/>>. Acesso em 1 ago 2021.

¹² Bolsonaro: “Quilombola não serve nem para procriar”. Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/bolsonaro-quilombola-nao-serve-nem-para-procriar/>>. Acesso em 1 ago 2021.

tem de ir pra lá. Só que lá não tem nem mortadela, hein, galera. Vão ter de comer é capim mesmo.¹³

Esse breve levantamento nos ajuda a introduzir alguns pontos para pensar o bolsonarismo. Não tinha como objetivo listar todas as polêmicas e falas preconceituosas de Bolsonaro – apenas isso daria outra pesquisa inteira; aqui, trouxe uma breve contextualização da ascensão da extrema-direita e um apanhado de falas do presidente e ex-deputado para localizar o bolsonarismo. Rosana Pinheiro-Machado (2019b, s/p) entende o grupo como

um fenômeno político que transcende a própria figura de Jair Bolsonaro, e que se caracteriza por uma visão de mundo ultraconservadora, que prega o retorno aos 'valores tradicionais' e assume uma retórica nacionalista e 'patriótica', sendo profundamente crítica a tudo aquilo que esteja minimamente identificado com a esquerda e o progressismo

Dessa forma, temos um ponto inicial para pensar o bolsonarismo. Seria ele apenas uma reprodução de todas as falas e Bolsonaro? Qual é a relação entre a figura do presidente e as manifestações de seus seguidores? Que semelhanças e rupturas podemos encontrar entre os dois? De que forma essa identidade é exposta no *Facebook*?

Sem a necessidade de responder a essas questões secundárias no momento, nos próximos retomarei alguns pontos do bolsonarismo como identidade e partes de sua construção dentro do contexto brasileiro e mundial. Após a contextualização, e antes de adentrar nos aspectos conceituais que irão dialogar com o material coletado, trago algumas perspectivas em relação ao método adotado e à minha postura como pesquisador ao longo do trabalho.

¹³ "Vamos fuzilar a petralhada", diz Bolsonaro em campanha no Acre. Disponível em: <<https://exame.com/brasil/vamos-fuzilar-a-petralhada-diz-bolsonaro-em-campanha-no-acre/>>. Acesso em 1 ago 2021.

3 SOBRE O MÉTODO E A RELAÇÃO OBJETO-PESQUISADOR

Começo este capítulo que guiará não somente a pesquisa empírica, mas este trabalho como um todo, assumindo a subjetividade do meu *eu*. Posteriormente, nesse texto, trabalharei com o *eu* de forma teórica e o desdobrarei como forma de pensar as identidades; aqui, falo do o eu-pesquisador. Ao longo do trabalho, usarei a primeira pessoa, na maioria das vezes do singular, para desdobrar minhas percepções sobre a teoria e sua relação com o empírico. Quando usar a primeira pessoa do plural, pode ser entendido como um convite ao leitor para refletir sobre as questões apresentadas junto a mim. Aqui, falarei da metodologia e do método adotado, assumindo que a presente pesquisa foi construída a partir do meu trilhar como um cartógrafo. Isso pode levar este texto a um possível desvio do convencional dentro da produção científica e, com essas fugas, pretendo adicionar novas camadas no conhecimento a ser apresentado. Quando digo “desvio do convencional”, não quero induzir ao entendimento de que essa será uma pesquisa inovadora ou disruptiva; com isso, pretendo dizer que tentarei fazer desse texto o mais autoral possível, conforme justificarei nos parágrafos a seguir.

Em suas definições tradicionais durante sua ascensão, a ciência era concebida como uma série de métodos utilizados para chegar a uma verdade. Rosário (2016) cita quatro paradigmas que a ciência contemporânea começou a desconstruir. O primeiro deles se refere a restrição da ciência à racionalidade. Compreendo o valor da razão como parte do rigor do método científico, mas, assim como (ROSÁRIO, 2016, p.180), acredito que

a objetividade e o raciocínio lógico são ingredientes importantes na busca de conhecimento, entretanto, eles não eliminam a subjetividade que é inerente ao humano e que, independentemente da vontade, atravessa o processo de percepção e teorização sobre fatos e fenômenos

Dentro das ciências humanas e sociais, percebo o grande distanciamento existente entre o conceito de ciência e objetividade. Não estou afirmando que a imprecisão faz parte desse campo de pensamento, mas percebo que a objetividade está em diálogo com a subjetividade. É nessa subjetividade que se constrói a realidade.

Já que subjetividade é uma palavra que frequentemente ocorrerá neste texto, acho importante dar o significado que atribuo a ela. A objetividade anda de mãos

dadas com a subjetividade; enquanto a primeira está relacionada à fidelidade ao real, a segunda se direcionada à percepção individual. Noto que a fidelidade à realidade proposta pela objetividade é sempre perpassada pelas múltiplas individualidades postas pela experiência de sujeitos que tiveram acesso a um acontecimento. Não digo que a realidade não existe, porque ela está ali, mas, como acessá-la por meio da objetividade? Retomaremos o assunto durante o diálogo teórico. Por enquanto, entendo a subjetividade como um conjunto de individualidades; um sujeito tem sua experiência baseada na série de acontecimentos que o constitui, e isso o leva a ter uma visão de mundo específica que entra em diálogo com indivíduos que pertencem a um mesmo grupo social. Subjetividades estão presentes nesse indivíduo, mas também são compartilhadas, em certo grau, com pessoas com quem o sujeito divide experiências.

Voltando aos paradigmas citados por Rosário em seu texto, o segundo se refere a relação entre sujeito e objeto. A separação entre essas duas instâncias é comum na defesa do pensamento positivista como forma de evitar uma possível distorção do cientista/pesquisador (ROSÁRIO, 2016). Como cita a autora, nas ciências humanas essa relação é pensada de outra maneira. Vejo que a conexão entre objeto e pesquisador constrói um conhecimento baseado na convergência entre os dois. Parte do observador está no que é extraído do objeto, assim como o objeto, ao entrar em contato com quem observa, torna-se parte dele.

Como defensor da pessoalidade – e por não enxergar a possibilidade de desconectar-se de outras instâncias de si mesmo ao realizar o ofício de pesquisador – assumo, logo de início, que todo o trabalho a ser apresentado passa pelas minhas próprias lentes pessoais. Escolhi assuntos que não apenas tocam a mim, mas que sinto perpassam demais brasileiros situados no presente contexto político. Pode parecer que o atual trabalho seja político demais – e com certeza é – mas, como pesquisador, não tenho como objetivo trazer juízos de valor como resultado. Na imersão e no contato com os objetos trago parte de mim, assim como o objeto, posterior ao contato, tornou-se parte de mim.

A subjetividade presente na visão do pesquisador nada se assemelha ao juízo de valor. Assumir minhas experiências em contato com a pesquisa e com o objeto não necessariamente é colocar meus próprios valores sobre ele. Como qualquer pessoa, tenho minhas próprias opiniões e visões de mundo que podem se distanciar ou se aproximar com as exposições feitas pelos sujeitos que constroem o meu

objeto. Minha percepção do que é certo e do que é errado, do que é bom ou do que é ruim não estarão presentes ao longo da pesquisa; contudo, meus sentidos reagem às imagens que serão expostas ao longo do trabalho e, deixar de apresentar minhas reações e sentimentos poderia significar uma perda de informação e de conhecimento. Dessa forma, não os negarei na escrita; os explicitarei da mesma forma que é feita nas publicações e comentários analisados.

Outro paradigma abordado pela autora é o da rigidez do método, “procedimento que opera sobre preceitos e regras rígidas, imutáveis e sistemáticas, sendo pautado apenas pela racionalidade e pela objetividade da ciência,” (ROSÁRIO, 2016, p. 181). É comum observarmos métodos e metodologias compartilhados em pesquisas acadêmicas levam seus resultados a serem exposto de maneira bastante similar. Não sou crítico a isso – alguns métodos se consagram por motivos específicos -, mas o desvio do autor e adaptações realizadas na forma como conduz sua pesquisa podem enriquecer seus achados e construir novas formas de produzir saberes. Como cita Rosário,

os resultados das pesquisas teimam em ser muito parecidos, sempre reafirmando a eficácia do método, mas também omitindo do relato o que deu errado, o que teve de ser refeito, os percursos que resultaram em lugar nenhum, a insegurança em decidir sobre o caminho a seguir. (*IDEM, IBIDEM*)

Em diálogo com o exposto anteriormente, nesta pesquisa a objetividade é construída a partir do subjetivo. Mesmo no que se relaciona à construção metodológica e a produção científica, vejo que os ruídos e os desvios do método, os tombos e tropeços feitos por mim se aproximam da busca da “objetividade”. Minhas falhas, enganos e minhas mudanças de caminho também fazem parte desta constituição, então, por que não as trazer aqui?

Exposto esses pontos em relação ao método, entendo meu papel como a de um cartógrafo. Virgínia Kastrup (2007) compreende a cartografia como um método para compreender processos, e não um produto. A autora a define como uma metodologia que foge de regras abstratas que levam a um caminho único – ela, na verdade, abre várias possibilidades de aplicação, de acordo com o que o objeto necessita. Por sua forma rizomática (ROSÁRIO, 2016) e não linear, a cartografia é uma boa alternativa para se observar subjetividades, como as que aqui são propostas.

Ao pensar em uma pesquisa que busca entender identidades, logo poderíamos pensar a etnografia como metodologia - ou, aqui, a etnografia virtual (POLIVANOV, 2013). Contudo, o método antropológico, que consiste na imersão em grupos para compreender suas práticas sociais, não daria conta de compreender aspectos de construções identitárias em espaços amplos, como páginas noticiosas no *Facebook* em que as postagens atingem os milhares de comentários. Uma possibilidade seria adentrar grupos exclusivamente constituídos por bolsonaristas e fazer a análise dos rastros encontrados neles, mas acredito que a experiência metodológica nessa situação poderia ser limitante, já que não teríamos visão desses grupos quando em contato com sua oposição.

Penso a cartografia como uma alternativa para esta pesquisa pelas suas considerações no entorno do que constrói o objeto levando em conta sua constante mutação e sua possibilidade de direcionar meu olhar a um espaço amplo – diversas páginas e postagens no *Facebook*, sem ter muitas limitações - mas com vistas em procurar essas interações que dão identidade ao bolsonarismo. O mapa que procuramos construir não são das postagens e comentários em si, mas das construções feitas pelo seu produto e de pistas da identidade bolsonarista por meio de imaginários evocados.

Por mais que a cartografia considere a subjetividade do pesquisador durante sua experiência com o campo, a análise do processo não necessariamente será concluída como algo pessoal. Como sugere o título do texto de Passos e Eirado (2015), a cartografia pode funcionar como a dissolução do ponto de vista do observador.

a realidade do objeto e permite ao pesquisador abrir-se para os diversos pontos de vista que habitam uma mesma experiência de realidade, sem que ele se deixe dominar por aqueles que parecerem ser verdadeiros em detrimento de outros que parecem falsos. Assim, a dissolução não significa em hipótese nenhuma o abandono da observação, mas sim a adoção de um olhar onde não há separação entre objetivo e subjetivo. Trata-se da contemplação da coemergência sujeito/mundo (PASSOS; EIRADO, 2015. P. 110)

Pode parecer que ao integrar essa ideia ao trabalho estou negando a subjetividade em minha experiência no contato com o objeto; na verdade, é a partir da experiência e da dissolução de minha perspectiva inicial, como um observador distante, que abro a oportunidade de ter diferentes visões sobre o que é observado.

Vejo que cartografar não é negar sua própria subjetividade, mas sim a identificar quando aparente a uma experiência e tentar encontrar pontos de fuga que podem enriquecer a interpretação na relação sujeito-objeto.

Quando colocamos em xeque nossa própria subjetividade, não conseguimos mais dar uma objetividade fechada ao mundo que certa experiência nos apresenta. Se recusamos responder prontamente e de forma estereotipada à experiência e não nos identificamos com ela, nosso eu identitário enfraquece e dá lugar a uma liberdade mais ampla de atuação/incorporação, levando a experiência para outras searas. (PASSOS; EIRADO, 2015. P. 128)

Aderir a esse pensamento pode levar as conclusões deste trabalho bastante inconclusivas. Acredito que levantar mais questões sobre o problema do que necessariamente o responder pode ser ainda mais enriquecedor do que trazer análises fechadas ao exposto. Afinal, como poderíamos trazer conclusões sobre subjetividades?

3.1 SOBRE A DEFINIÇÃO DO OBJETO E A ATENÇÃO NO MOVIMENTO CARTOGRÁFICO

Como usuário de redes sociais, sempre fui seguidor de muitas páginas de meu interesse e as compartilhei com minhas conexões. Em meu *Facebook*, tenho diversos amigos e familiares com opiniões bastante diversificada quando o assunto é a política. Ao longo dos últimos anos, acompanhei o embate político acontecer de forma fervorosa dentro de postagens, sejam elas compartilhadas no perfil privado de pessoas próximas ou sendo notificado por páginas sobre o comentário de algum de meus amigos. No ano de 2018 isso ficou ainda mais evidente. Próximo ao segundo turno, minha *timeline* do *Facebook* virou um grande debate político. Um dos movimentos que mais gostava de fazer na época era o de abrir páginas de grandes veículos de comunicação, ler comentários diversos e, às vezes, até mesmo os respondia.

Era difícil mensurar a quantidade de notícias falsas ou de comentários que não pareciam ter conexão com a realidade que eu encontrava. Por isso, mesmo que esse movimento fosse muito interessante para mim, acabava me fazendo mal. De certa forma, me tirava a esperança em relação ao cenário político brasileiro. Em 2019, realizei uma cartografia dentro de comentários e perfis bolsonaristas, sem me

limitar a uma única fonte. Após a conclusão do trabalho, desativei meu perfil na rede social e criei outro em que me conectaria apenas em grupos que tratavam de entretenimento em geral. Essa foi uma forma de me preservar das consequências do movimento que realizei em perfis bolsonaristas causaria ao algoritmo de minha rede social.

Trago esse breve relato para pensar o que o início do movimento cartográfico não se iniciou apenas durante cada nova busca em campo no *Facebook*, mas como um processo contínuo que me acompanha como um curioso. Por mais que minha atenção durante 2018 não estivesse dedicada a observar essas páginas e perfis para apresentá-los em um trabalho científico, o movimento que fiz naquele período também se reflete na pesquisa que agora escrevo. Kastrup (2007) pensa no papel da atenção do trabalho do cartógrafo e encontra quatro variedades do funcionamento atencional em seu ofício: o rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento. O primeiro seria um movimento inicial do cartógrafo; uma varredura do campo a ser observado. Como define Kastrup (2007, p.14), no rastreio “entra-se em campo sem conhecer o alvo a ser perseguido”. Para mim, esse movimento começou antes mesmo ter indícios da presente pesquisa começar.

Penso que o movimento de rastreio não começou em abril de 2021, quando de fato comecei a coletar postagens dentro da rede social. Esse movimento aberto, de atenção dispersa, me acompanha durante as redes sociais há anos. Quando comecei a realizar pesquisa dentro das plataformas de redes sociais, elas já eram, de certa forma, um território conhecido. Quando fui em busca do material empírico para esta pesquisa, recomecei um novo movimento de rastreio; agora, dentro de páginas que já conhecia e já obtivera acesso. Mesmo que as plataformas de redes sociais fossem um território já explorado, o que encontraria dentro de cada postagem individualmente era completamente imprevisível.

Um segundo movimento da atenção para Kastrup é o toque, sentido como “uma rápida sensação, um pequeno vislumbre, que aciona em primeira mão o processo de seleção” (2007, p.19). O toque permite a afetação em diversos pontos que podem ser trabalhados durante o processo cartográfico, mas ainda sem destinar o foco a um único.

Pensando no toque para além do movimento feito desde abril de 2021, como pesquisador e grande curioso, diversas vezes me vi *tocado* por diversos assuntos e caminhos que poderiam ser seguidos ao longo de minhas pesquisas. Confesso que

fui tocado por tantos fenômenos que envolviam a identidade nacional brasileira (foco inicial da pesquisa) que fui levado à uma definição tardia do tema e do objeto que agora trabalho.

No processo de coleta, comecei por um rastreio em páginas noticiosas em busca de derivações em comentários e interações que me levariam aos achados ideais; o toque me levou a possibilidades difíceis de serem enumeradas. O espaço em minha tela foi perdido diante à tantas abas que abri em meu navegador enquanto abria páginas, postagens e perfis. Mas, foi a partir dessa afetação à diversos materiais que encontrei um caminho a ser seguido.

Após o toque, vem o gesto do pouso. Para Kastrup, ele é o momento em que a percepção, antes dispersa em diversos lugares, encontra um ponto para dar zoom. É nesse momento em que algumas barreiras de foco são definidas; é quando a atenção começa a encontrar um ponto para se ancorar. Pensando o processo metodológico em um contexto amplo, depois de ter vagado entre diversos assuntos diferentes, pousei em um território que aqui já apresentei. Compartilhando minha pesquisa com colegas de mestrado e, após a apresentar no Seminário de Dissertação de minha linha de pesquisa, encontrei no bolsonarismo um nível de afetação que me levaria à escrita dessa pesquisa.

O movimento de pouso se repetiu quando, após vagar por páginas noticiosas no *Facebook*, registrei 39 publicações referentes à pandemia da covid-19. Somando os comentários em todas as postagens, eram mais de 50 mil interações com sentidos diversos. Com certeza, nem todos os comentários contribuíam para os objetivos estabelecidos nesta pesquisa. Dessa forma, estabeleci alguns parâmetros para que reduzíssemos esses números, nos levando a ter, no final, 1224 comentários que relacionavam Bolsonaro e a pandemia. Posteriormente, especificarei os parâmetros encontrados para chegar a esse recorte.

O último gesto de atenção que Kastrup (2007) traz para o trabalho do cartógrafo é o reconhecimento atento. No momento que somos atraídos por um objeto que necessita o nosso pouso, somos levados a buscar sua compreensão e uma explicação. Para a autora, nesse momento, “o presente vira passado, o conhecimento, reconhecimento” (2007, p.20). Nos próximos capítulos, sejam eles teóricos ou analíticos, trago detalhes da minha percepção atenta dentro do que me tocou, seja como sujeito, seja como pesquisador. Afinal, por mais que esteja aqui desenvolvendo uma pesquisa, contínuo sendo os dois.

4 LINHAS TEORICAS E FORMAS PARA SE PENSAR O BOLSONARISMO

Apesar de parte do caminho feito até agora ser de contextualização do cenário político brasileiro, o presente trabalho não se situa em seu âmbito. Mais interessado do que nos motivos que levaram Bolsonaro à presidência ou a sua competência em relação a pandemia, pretendo compreender parte da identidade de seus seguidores e como se portam diante acontecimentos relacionados à covid-19. Para isso, trago os capítulos a seguir, que trarão as lentes teóricas pelas quais observarei o material empírico coletado.

Trago duas palavras chaves em nosso problema: identidades e acontecimento. Ao longo dos próximos capítulos, irei desdobrar esses conceitos de forma que nos ajude a compreender a análise a ser feita posteriormente.

4.1 IDENTIDADE, *SELF* E EXPERIÊNCIA

Para falar de identidade, que compreendemos como um objeto construído coletivamente, sinto a necessidade de, antes, trazer alguns conceitos advindos da sociologia e da psicologia social para, então entender as individualidades por trás do coletivo. Para introduzir o assunto, trago conceito de George H. Mead (1934), o *self*.

Em uma tradução do inglês para o português, a palavra *self* pode ser compreendida como *si mesmo*, se aproximando do prefixo auto (autoestima, em inglês *self steem*; autoajuda, em inglês *self help*). O *self* é uma forma de organização de experiências que localizam o papel de sujeitos e que os localiza em um contexto amplo dentro de seus grupos sociais. Apesar da tradução indicar propriedade individual, Mead defende que o *self* não acompanha o indivíduo desde o seu nascimento; ele se constitui através da comunicação (linguagem) experienciada em relações sociais.

Na obra *Mind, Self and Society*, Mead (1934) aponta o *self* como objeto de auto-organização, não podendo ser entendido como o corpo. O corpo é objeto sensorial no qual o indivíduo consegue ter consciência do mundo ao seu redor, enquanto o *self* o internaliza e, por meio de experiências sociais anteriores, se constrói. Com a visão, não conseguimos observar nosso corpo como um todo; contudo, ao abaixar a cabeça, podemos olhar nossos pés. Nós não conseguimos, também, sentir nosso corpo por inteiro, mas com os sentidos conseguimos integrar

novas informações ao *self*; assim, as imagens dos pés ou o toque das mãos em outras partes do corpo participam da organização do *self*. Contudo, corpo e *self* não são opostos e completamente diferenciáveis. Penso que o corpo se torna objeto para o *self*, colaborando para o entendimento de si mesmo realizado pelos sujeitos.

Um *self* sempre se constitui por meio da comunicação e interação entre outros indivíduos:

O *self*, como um objeto para si mesmo, é essencialmente uma estrutura social e surge dentro de uma experiência social. Após seu surgimento, de certa forma, um *self* fornece para si mesmo suas próprias experiências sociais e, assim, podemos pensar em um *self* individual. Mas, é impossível *self* surgindo fora de experiências sociais. (MEAD, 1934, p.140)¹

Para Mead, não existe comunicação completamente individual; sempre utilizamos códigos, símbolos e sinais que se constituem por meio de ações coletivas. O *self* está em constante diálogo consigo mesmo como forma de se localizar e atribuir forma a ação do indivíduo de forma apropriada a seu contexto. Mead (1934, p.147) diz que "uma pessoa que está falando algo, está falando para si mesma [próprio *self*]; caso contrário, ela não sabe o que está falando"².

Percebo que os limites do conceito de *self* podem ser um tanto quanto abstratos. Podemos tomar outros conceitos sociológicos e psicológicos como sinônimos do *self*, mas este possui suas próprias limitações que o caracterizam. A experiência sensorial, os sentimentos e o pensamento podem se relacionar com o *self*, mas, ainda assim, são coisas diferentes. A consciência de um *self* pressupõe a comunicação entre organismos em uma vida social; por meio dele que surgem ações e reações. A subjetividade e a individualidade estão presentes em sua formação, mas somente quando se relacionam aos *sel/ves* de outros sujeitos. Assim, podemos pensar que o *self* de um indivíduo se forma a partir de outros *sel/ves* que convive.

Como uma consciência de si mesmo, o *self* internaliza e organiza a estrutura social do grupo em que um sujeito está inserido, distinguindo seu papel e de outros

¹ "The self, as that which can be an object to itself, is essentially a social structure, and it arises in social experience. After a self has arisen, it in a certain sense provides for itself its social experiences, and so we can conceive of an absolutely solitary self. But it is impossible to conceive of a self arising outside of social experience".

² "A person who is saying something is saying to himself what he says to others; otherwise he does not know what he is talking about".

selves. Contudo, existe uma diferença entre a consciência e a autoconsciência (consciência do *self*). Mead propõe que "a consciência responde a certas experiências, como dor e prazer; a consciência de si mesmo se refere ao reconhecimento ou aparição do *self* como um objeto"³. Em outro momento (1934, p. 169), o autor concebe que a consciência de si é

organizada sobre o indivíduo social, e isso, como já vimos, não é simplesmente porque alguém que está em um grupo social é afetado por outros e também os afeta, mas porque sua própria experiência como um *self* é o que assume controle em suas ações a partir da ação de outros. Ele se torna um *self* na medida em que pode assumir a atitude de outras pessoas e age para si mesmo como outros. [...] É o processo social de influenciar os outros em um ato social e, assumir suas atitudes despertadas por estímulos e então, reagir a essa resposta, que constitui o *self*.⁴

Na estrutura do *self*, Mead aponta a existência de um "eu" (*I*) que está consciente de um "mim" (*me*) social. Para explicar de forma simples a diferença entre os dois, o autor resume o "eu" do presente como o "mim" do momento seguinte. O "eu" tem caráter imprevisível e parte da leitura do "mim", que pode ser interpretado como a internalização de gestos feita pelo indivíduo. Um não existe sem o outro: não podemos pensar em um "eu" que não recorra a um "mim" nas ações, assim como não é concebível pensar em um "mim" que anteriormente não foi um "eu". O repertório de um sujeito, toda sua bagagem social e cultural que constituem o que Mead compreende como "mim" é essencial para a tomada de decisões em relação a ações organizadas pelo "eu". Já o "eu", considerando sua imprevisibilidade, jamais pode ser compreendido até se tornar "mim". É nessa estrutura dialética que o *self* se constitui.

Para explicar o *self* e exemplificar seus conceitos, Mead usa a analogia do brincar e do jogar na infância. O brincar revela o início do entendimento do *self* como um objeto estruturado na relação com outros indivíduos. A criança brinca de ser outras pessoas, como o bombeiro, a professora, os pais etc. Quando faz isso, exerce por meio da ludicidade características que constituem os demais sujeitos:

³ "There is, of course, a current distinction between consciousness and self-consciousness: consciousness answering to certain experiences such as those of pain or pleasure, self-consciousness referring to a recognition or appearance of a self as an object".

⁴ "organized about the social individual, and that, as we have seen, is not simply because one is in a social group and affected by others and affects them, but because (and this is a point I have been emphasizing) his own experience as a self is one which he takes over from his action upon others. He becomes a self in so far as he can take the attitude of another and act toward himself as others act. [...] It is the social process of influencing others in a social act and then taking the attitude of the others aroused by the stimulus, and then reacting in turn to this response, which constitutes a self."

ensina a alguém, apaga fogo e reproduz os cuidados dos pais utilizando o "faz de conta". Quando faz isso, podemos ver a criança reagindo a si mesma: quando brinca de ser professora, ela ensina a alguém, e logo reage como o aluno. Ela atua como os papéis internalizados de outras pessoas, demonstrando consciência de características que constituem outros *selves* e, conseqüentemente, aspectos da organização do seu próprio *self*.

Já o jogo funciona de forma organizada, diferente da brincadeira, que é livre. No jogo, os sujeitos desempenham um papel e interagem com outros *selves* para cumprir seus objetivos. Com o jogo, a criança demonstra o reconhecimento do seu papel como indivíduo e da sua relação com outros para alcançar a vitória, como no caso dos esportes. Como exemplo, Mead apresenta uma partida de basebol. Cada pessoa durante a partida, desempenha um papel, seja ele arremessar a bola, rebatê-la ou agarrá-la. Abrasileirando o exemplo, podemos pensar em uma partida de futebol: existem 22 pessoas em campo, dois times diferentes e cada jogador exerce uma função diferente. Resumidamente, os atacantes são responsáveis pelo chute à gol e pela eficiência das jogadas próximas à goleira do time adversário; os laterais e os meios de campo são essenciais para o contra-ataque; os zagueiros evitam que o time adversário se aproxime de sua área e, por fim os goleiros tentam evitar que a bola entre na goleira de seu time. Cada um dos 11 jogadores de ambos os times têm uma função pré-definida e precisa dialogar com o papel dos outros jogadores em campo. Ainda assim, com algumas exceções, os jogadores podem exercer funções diferentes durante a partida, como, por exemplo, o zagueiro que se direciona à área do time adversário no final da partida para tentar cabecear em um escanteio.

Além de demonstrar um entendimento complexo da relação do *self*, podemos pensar o jogo (nesse caso, o futebol) como um exemplo da relação do "eu" com o "mim". Durante a partida, quem está jogando está consciente do seu papel no campo, das regras e dos seus objetivos. O zagueiro sabe, por exemplo, que não pode cometer uma falta na área do seu time ou então será marcado pênalti. Mas, com o decorrer da partida, ele pode acabar se precipitando em um lance e, então, segurar o atacante na hora de um cabeceio. Por meio do "mim" e baseando-se em experiências anteriores ou outros jogos que assistiu, ele sabe o que não pode fazer, ainda assim, com a imprevisibilidade do "eu", durante a partida ele acaba cometendo

a penalidade máxima. Logo após o ocorrido, ele internaliza a situação e, a partir disso, pode evitar novos pênaltis em partidas futuras.

O *self* ainda é um conceito anterior e insuficiente para abordarmos o bolsonarismo. Ainda assim, é importante ter em mente a relação entre individual e coletivo que é posto dentro das exposições identitárias feitas nas plataformas de redes sociais. Se coletamos mais de 1200 comentários envolvendo a expressão de características que envolvem uma identidade coletiva, é necessário ter em mente que esses comentários foram feitos por centenas de pessoas diferentes. Ainda assim, existem diversas conexões de sentidos e linhas que perpassam esses comentários e tornam essas centenas de individualidades, parcialmente coletivas. Com certeza não estou falando de um único *self*, mas sim de experiências compartilhadas que levam sujeitos a terem visões de mundo que convergem em suas opiniões políticas.

Para pensarmos articular junto ao *self*, *conceito* apresentado até aqui, trago aspectos da experiência e as suas influências (enquadramentos) na leitura da realidade apresentadas por Erving Goffman (2012). É importante trazer uma leitura sobre a sua perspectiva de experiência e quadramentos como método de análise da realidade individual e, então, compreender sua relação com o *self*.

Erving Goffman começa a obra *Quadros da Experiência Social* retomando autores anteriores que se preocuparam em definir a realidade ou, então, o mundo real. Em diálogo com William James, Goffman (2012, p.24) diz que a produção da realidade, na verdade, "tem a ver com a câmera, e não com aquilo que a câmera fotografa", já direcionando a perspectiva que toma ao longo de seu texto.

Partindo da leitura de William James e Alfred Schutz, Goffman apresenta sua perspectiva situacional sobre a experiência individual. Diante de qualquer situação usual, o autor diz que todos os sujeitos enfrentam a pergunta "O que é que está acontecendo aqui?" para, então, decodificá-la. Segundo Goffman, a experiência está dentro da realidade individual de cada sujeito, assumindo suas subjetividades a partir de uma série de outros acontecimentos anteriores ou ainda em andamento. Essa sequência de ocorrências o autor intitula de faixa, "qualquer fatia ou recorte ou recorte arbitrário do fluxo da atividade em curso incluindo aqui a sequência de acontecimentos, reais ou fictícios, tal como são vistos a partir da subjetividade dos envolvidos" (GOFFMAN, 2012, p.33). Qualquer situação abre um leque de

interpretações para o indivíduo que a observa, podendo elas serem correspondentes com o acontecimento ou, até mesmo, fantasiosa.

Parto do fato que, do ponto de vista particular de um indivíduo, enquanto uma coisa pode momentaneamente aparentar ser aquilo que está realmente acontecendo, na realidade é simplesmente uma brincadeira, ou um sonho, ou um acidente, ou um erro, ou um mal-entendido, ou um engano ou uma representação teatral etc. E dirigiremos a atenção para o que há com nossa percepção do que está ocorrendo que a torna tão vulnerável à necessidade destas várias releituras. (GOFFMAN, 2012, p.33).

O termo quadro (frame), então, se refere à sequência de diversos acontecimentos e percepções que acompanham um acontecimento. Ao ver um vaso de porcelana caindo de uma estante, por exemplo, para responder ao questionamento "O que é que está acontecendo aqui?", utilizamos uma série de ocorridos para decodificar e emoldurar uma situação. Podemos deduzir que o vaso caiu devido ao forte vento que está entrando por uma janela; pode ser que tenhamos visto um gato passando pelos arredores e, logo, concluir que ele esbarrou no objeto que foi ao chão; podemos, ainda, imaginar que foi um espírito que habita em nossa casa e tentou se comunicar por meio de algum sinal. Iremos, ainda, sentir ou não um grande pesar pela quebra do vaso: ele pode ter pertencido à nossa família por anos ou, ainda, ter custado muito caro, fazendo-nos lamentar pelo dinheiro que foi embora com seus fragmentos. Mas, talvez o vaso pertencesse à outra pessoa que mora conosco, mas como sempre consideramos o objeto feio e antiquado, sentimos o alívio de vê-lo quebrar.

Nessa situação, temos várias leituras de uma mesma situação. Para decodificá-la, o indivíduo que se viu diante o ocorrido utiliza de diversos outros acontecimentos para enquadrá-la e compreendê-la. Para o autor,

as definições de uma situação são elaboradas de acordo com os princípios de organização que governam os acontecimentos - pelo menos os sociais - e nosso envolvimento subjetivo neles: quadro é a palavra que uso para me referir a esses elementos básicos que sou capaz de identificar. (GOFFMAN, p.24)

Para exemplificar, podemos pensar o acontecimento jornalístico para perceber a presença desses enquadramentos. Sempre que lemos ou assistimos uma reportagem, independente do meio em que está circulando, estamos vendo um recorte feito por um ou mais jornalistas. Na grande parte das vezes, os profissionais sequer estavam no momento do ocorrido, mas levantam informações até possuírem

um material que se aproxime da realidade do ocorrido. Obviamente, o trabalho do jornalista está passível a erros. Um fato pode ter sido apurado incorretamente ou, ainda, no momento da apuração não existiam informações suficientes.

Podemos pensar que o jornalista também responde à pergunta "O que é que está acontecendo aqui?" para reconstruir um acontecimento, e, assim como qualquer sujeito decodificando uma situação inédita, o profissional vai construir sua reportagem em cima das respostas que encontra para a pergunta. Se o ocorrido foi um assassinato, por exemplo, o jornalista pode conversar com a polícia, tentará entrar em contato com a família e até mesmo com os possíveis suspeitos; tentará imagens do local onde ocorreu ou, ainda imagens anteriores da vítima. Na matéria final, veiculada no jornal impresso ou na televisão, serão apresentados fragmentos do que aconteceu, construídos por meio de enquadramentos direcionados pelo trabalho do jornalista.

Nesse exemplo, encontramos diversos enquadramentos feito por diferentes sujeitos: existem as testemunhas ou familiares da vítima, que interpretam o acontecimento com suas memórias, recordações etc; o jornalista, que reconstrói o ocorrido juntando as diversas faixas que encontra por meio da apuração dos fatos e, ainda, a experiência da pessoa que irá consumir a matéria final que irá consumi-la com seus próprios enquadramentos (incluindo o próprio meio em que o material foi veiculado). A questão que quero observar nesse exemplo é que o usuário final irá reconstruir o acontecimento já direcionado com os quadros do jornalista, que por sua vez elaborou a reportagem por meio de faixas construídas por meio das experiências (e, conseqüentemente, outros enquadramentos) de suas fontes.

Ao se deparar com um acontecimento, um indivíduo usa um esquema de interpretação para desvendar o que está ocorrendo (GOFFMAN, 2012). O autor intitula esses esquemas como primários já que, para o indivíduo, em um primeiro momento eles aparentam ser inéditos e independente de interpretações anteriores. No entanto, eles são organizados em um sistema de entidades. Goffman percebe duas grandes classes de esquemas primários que podem ser diferenciados: os naturais e os sociais. Os naturais são as ações movidas pela força da natureza, como a chuva, um raio que atingiu uma árvore ou o vento que derrubou o vaso no exemplo anteriormente citado. Os sociais são os que são movidos pela motivação e pelo impulso humano, como um aceno, uma conversa, etc. Os esquemas sociais

são passíveis a avaliações sociais com base em valores que compõem uma determinada cultura.

Ainda aprofundarei mais as questões que envolvem o acontecimento como um conceito a parte. Até agora, o que pretendo construir é uma relação entre o individual e o coletivo de um sujeito. A partir do exposto, podemos pensar que a experiência coletiva é ponto central na identificação de uma identidade compartilhada. O objetivo do trabalho não é encontrar paralelos nas experiências de cada um dos sujeitos que se identifica como bolsonarista; ainda assim, existem pistas e rastros que podem ser encontrados em suas interações dentro das plataformas de redes sociais a partir de suas ferramentas interacionais.

4.1.1 Representações de si e as plataformas de redes sociais

Além de pensar na existência de individualidades – que dependem diretamente da coletividade para existir – vejo como necessário ainda pensar como indivíduos se apresentam (e representam a si) quando se colocam em sociedade. Erving Goffman (2009), em sua obra “A representação de eu na vida cotidiana” pensa na relação da expressão do *self* quando em diálogo com demais sujeitos. O “eu”, presente no título da obra, seria melhor traduzido mantendo o termo *self*, já que o autor pensa suas relações a partir do interacionismo simbólico, posterior a obra de Mead.

Goffman (2009) utiliza de metáforas que relacionam a performance de um ator em uma peça de teatro às interações sociais feitas por sujeitos em sociedade. Pensemos, então, no trabalho desse ator. Antes de entrar em cena, passa por um bom tempo de preparação para interpretar um personagem específico dentro de uma história. Ele precisa decorar o texto, e para incorporá-lo não basta apenas ter os diálogos pronto em mente, mas também toda a linguagem corporal necessária para encarnar um personagem diferente. Além disso, precisa de ensaio com o resto do elenco, trabalho com figurino, cenário, luz, maquiagem etc. Toda essa preparação leva ao momento da peça, quando o ator utiliza de todos esses artifícios para convencer a audiência da autenticidade de seu personagem.

Agora, pensemos um sujeito em uma situação rotineira, como uma reunião de trabalho em que precisa apresentar os resultados da empresa. Primeiramente, ir trabalhar já exige um comportamento específico: trajes de acordo com os valores da

empresa, linguajar e expressões corporais adequados ao ambiente. Se o trabalhador for tímido ou introvertido, pode ainda ensaiar em casa o irá falar, ou simplesmente chegar na apresentação e fazer a leitura dos dados da forma que achar adequada.

Podemos pensar esse mesmo sujeito em uma segunda situação, no mesmo dia. Durante a noite, ele irá a uma casa de festas, onde irá encontrar alguns amigos e colegas de trabalho para comemorar os bons resultados da empresa. Muito provavelmente ele irá para casa, irá trocar a roupa para algo mais social e logo demais encontrará as demais pessoas no local marcado. Lá, ele irá conversar com seus amigos, contar piadas, soltar alguns palavrões e, depois, irá para a pista de dança, onde irá dançar junto de seus amigos.

São duas situações diferentes de um mesmo sujeito em um mesmo dia. Agora, como ele sabe o que é adequado em casa situação? Por que ele não dançou na sala de reuniões durante a tarde ou foi de terno para a casa noturna à noite? Relembremos o que há pouco foi citado no texto sobre o *self* como um objeto de auto-organização que se constrói a partir da interação com outros *sel/ves*. O que é adequado dentro de cada situação, a forma como um sujeito deve se portar em situações específicas é fixado a partir da sua exposição à sociedade, já com construções do que é adequado para cada situação ou não. Construções, essas, que se instituíram ao longo de séculos de vida social, com influência em saberes e poderes, como diria Foucault, que se estenderam ao longo de sua existência.

Para Goffman (2009, p.41), “quando o indivíduo se apresenta diante dos outros, seu desempenho tenderá a incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade e até realmente mais do que o comportamento do indivíduo como um todo.” Consideramos, assim, as representações de sujeitos de si mesmo (ou dos seus *sel/ves*) como uma performance do que eles acreditam ser. Quando uso o termo performance, não digo apenas situações sociais em que um sujeito precisa enfrentar grande público ou se preparar para apresentações, mas sim todas as socializações que ele está socializando com outros sujeitos. Representação, para Goffman (2009, p.29), é a “atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência.”

O autor ainda chama de fachada é “o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante

sua representação” (GOFFMAN,2009, p. 29). A partir da leitura de seu texto, entendo como fachada o conjunto todas as características estéticas, podendo ser elas conscientes e arbitrárias ou não, que um sujeito utiliza para dar sentidos a si mesmo. Quando escrevo estético, não me refiro à exclusividade de suas características visuais, mas meios que levam todos os sentidos de sua audiência a serem (ou não) convencidas por sua performance.

A obra de Goffman é constantemente lembrada em trabalhos da comunicação social e que pensam o papel de atores sociais nas plataformas de redes sociais, cito como exemplo os trabalhos de Pereira de Sá e Polivanov (2012), Recuero (2014) e Henn, Gonzatti e Machado (2016). Suas considerações sobre a representação do *self* nos ajudará a pensar a questão problema da pesquisa junto ao material empírico. Para isso, precisamos também compreender um pouco mais sobre as plataformas de redes sociais, local onde essas representações foram observadas.

As plataformas digitais e o processo de plataformização promoveram uma mudança estrutural em diversos aspectos da sociedade, sejam eles econômicas, sociais ou culturais (POELL, NIEBORG, VAN DIJCK, 2020). Por plataformas, tomamos a perspectiva dos autores que as definem como "infraestruturas digitais (re)programáveis que facilitam e moldam interações personalizadas entre usuários finais e complementadores, organizadas por meio de coleta sistemática, processamento algorítmico, monetização e circulação de dados." (POELL, NIEBORG, VAN DIJCK, 2020, p.4). Os autores percebem que o processo de plataformização reorganiza práticas e imaginações culturais em torno das plataformas (*ibidem*).

As pesquisas em plataformização se desdobram em três dimensões: infraestrutura de dados, mercados e governança (*ibidem*). Na primeira, observa-se que por meio das plataformas, processos que anteriormente não eram capazes de serem quantificados passam a ser pelo processo de dataficação. A variedade de possibilidades oferecidas pelas plataformas digitais transforma práticas internacionais em dados, como exemplo, pesquisas na web, consumo de conteúdo audiovisual, conversas e relacionamentos. Processadas por algoritmos, essas informações tornam-se produtos de venda que também reorganizam as dimensões tecnológicas das plataformas.

Quando falamos na dimensão de governança da plataforma, estamos falando sobre como as plataformas guiam os usuários a fazer ações por meio de sua

interface, suas políticas de uso e como isso influencia em sua apropriação pelos usuários finais (POELL, NIEBORG, VAN DIJCK, 2020). As plataformas orientam os usuários como "podem interagir entre si e com os complementadores por meio de interfaces gráficas do usuário, oferecendo vantagens específicas enquanto retêm outras, por exemplo, na forma de botões – curtir, seguir, avaliar, comprar, pagar". (POELL, NIEBORG, VAN DIJCK, 2020). Dessa forma, os usuários podem interagir (com outros usuários ou com a própria plataforma) dentro de um número limitado de possibilidades. A partir da metrificação dessas interações, as plataformas definem que conteúdo é mais relevante ou não.

Pensemos, então, as plataformas de redes sociais. Podemos compreender as redes sociais digitais por dois elementos: atores sociais e suas conexões (RECUERO, 2012). Em diálogo com os textos de Goffman, a autora utiliza o termo ator por considerar os perfis públicos criados nas plataformas como uma representação de si; uma performance diante uma audiência. Danah Boyd e Nicole Ellison (2008, p.211) definem os sites⁵ de redes sociais como

serviços baseados na web que permitem indivíduos de 1) construir um perfil público ou semi-público dentro de um sistema limitado; 2) articular uma lista de outros usuários com quem se compartilha uma conexão e 3) visualizar e percorrer suas listas de conexões e aquelas feitas por outros dentro do sistema.

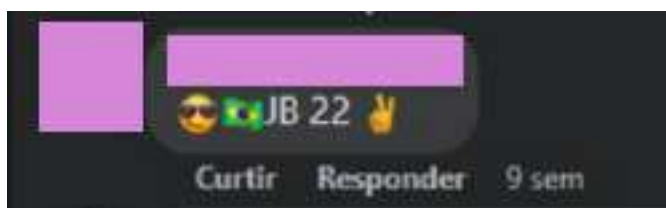
Raquel Recuero (2014) diz que as plataformas de redes sociais promovem novas formas de conexão sociais e da manutenção de suas relações gerando também novos valores. Dentre esses valores, está o capital social: valores percebidos por usuários ao fazer parte de um grupo. A partir disso, podemos pensar as ferramentas conversacionais como formas de atribuir valor a postagens e a si mesmos, atribuindo novos sentidos a imagem pessoal do ator social e à rede de significados presentes na postagem.

Quando observo a relação do *self*, as formas com que ele pode ser performado e as plataformas de redes sociais, percebo que os meios digitais trouxeram novas formas de expressão estética das instâncias de si mesmo. Além de todas as questões que envolvem a produção de conhecimento e a sua propagação

⁵ No texto original, as autoras utilizam o termo "site de redes sociais". Aqui, iremos utilizar plataformas de redes sociais, considerando os avanços tecnológicos e teóricos no que envolve as ferramentas.

(JENKINS; GREEN; FORD, 2014) que tornaram conteúdos rapidamente mais acessíveis a diferentes públicos, percebo que a manutenção de fachadas feitas por atores sociais ganhou novos adereços que facilitam usuários e grupos sociais de se expressarem

Figura 3 - Exemplos de discursos compartilhados



Fonte: Facebook, elaborado pelo autor.

Trago, como exemplo a figura acima, retirada de um dos comentários coletados durante a cartografia. Dentro dos comentários elencados como bolsonaristas, constantemente víamos o uso de siglas, *hashtags* e *emojis*⁶ como formas de expressão. Os símbolos utilizados no comentário acima são frequentemente utilizados por defensores de Jair Bolsonaro; JB é a abreviação para Jair Bolsonaro e o número 22, além de ser o ano de eleição presidencial, é o número do PL (Partido Liberal), no qual Bolsonaro encontra-se filiado no momento da escrita do trabalho.

Além de pensar a criação do próprio perfil como fachada, já que é um ambiente virtual onde o usuário escolhe suas fotos, nome, edita suas informações e faz novas publicações, as ferramentas interacionais fornecem ao público diferentes formas discursivas para expressem seus pensamentos.

Ao pensarmos a relação dos conceitos citados à expressão do bolsonarismo no *Facebook*, pode parecer ousado, ou no mínimo inocente querer perceber tantas características individuais em um agrupamento de atores conectados pela identificação à figura do presidente. Por meio da convergência de sentidos nos discursos coletados, podemos encontrar no meio de tantas expressões individuais, características que as tornam coletivas. É dessa forma que podemos pensar o bolsonarismo como uma identidade.

Hall (2012) compreende que uma identidade se constitui a partir da identificação de um grupo à valores próximos. Enxergar parte de si mesmo em outros sujeitos que compartilham de discursos e se expressam de forma similar. É dessa forma que compreendo o bolsonarismo: um grupo de sujeitos que encontram na figura de Jair Bolsonaro, parte de si mesmos.

⁶ Emojis são pequenos ícones utilizados para expressar sentimentos e objetos de forma ilustrativa. Seu uso é bastante comum dentro das plataformas de redes sociais e aplicativos de mensagem.

Como citamos no segundo capítulo, o bolsonarismo vai além de um movimento político; é uma identidade que, em uma primeira hipótese, se caracteriza pelo ultraconservadorismo, às vezes sem adentrar realmente questões políticas e econômicas. Vimos que Bolsonaro reproduz falas extremamente preconceituosas (racistas, misóginas, homofóbicas etc.) e, parte da identificação do seu grupo de seguidores é justamente se conectar com esses discursos, além de também os reproduzir. Mas, o que leva essas pessoas a essa identificação? Seria parte da sua formação individual? O contexto em que cresceu e se desenvolveu? Os valores aprendidos durante sua vida? Sabemos que vivemos em uma sociedade ensina e reproduz parte dos discursos que Bolsonaro defende de forma exagerada, mas, sua popularidade se reflete a isso?

Essas não são perguntas que possuem respostas de sim ou não; sequer terei suas responder de forma conclusiva aqui nessa pesquisa. Contudo, elas podem servir como uma ponte para compreender os aspectos do bolsonarismo como identidade. Outro conceito que acredito que possa servir como ponte para novas descobertas é o acontecimento, abordado no próximo item.

4.2 ACONTECIMENTOS

O acontecimento como conceito é constantemente citado na pesquisa em comunicação, principalmente quando referenciado ao jornalismo. Contudo, ele pode ser vastamente pensado para além do campo midiático, sendo tema também na filosofia e nas ciências sociais em geral. Para esse trabalho, devo considerar ao menos um pouco dessas duas instâncias de seu estudo.

Na obra de Deleuze (HENN, 2010; SOUSA, 2012), o acontecimento é pensado como uma singularidade; uma ruptura em um processo da realidade que rompe no espaço e no tempo para concretizar-se. Para Sousa (2012), um acontecimento não está conectado à sujeitos, mas sim a outros acontecimentos lineares. O sujeito constitui-se a partir das linhas do acontecimento.

Um acontecimento pode ser coletivo ou particular, perceptível ou microscópico, mas é sempre impessoal, assubjetivo, do tipo: chove. Se não possui sujeito, não é por defeito ou por carência, mas predicado não é um predicado ou o ato de alguém ou de algo, são antes os seres e os sujeitos que há que pensar em função dos acontecimentos e das suas linhas, a partir deles, como derivadas (SOUSA, 2012, p.33)

Se chove sem que alguém experencie a chuva, não muda sua existência. Ainda assim, a chuva tem potencial de afetar sujeitos e guiar um novo ritmo de acontecimentos em sua linearidade. Alguém pode se molhar com a chuva em um momento que não deveria, assim como a chuva pode molhar uma plantação após semanas de seca, alterando a expectativa do agricultor em relação a temporada. No momento que o acontecimento entra no campo da experiência, torna-se suscetível a transformar-se em linguagem. Como pensa Sousa (2012, p. 102), “acontecimento habita a fronteira entre a linguagem e os corpos.”

O acontecimento é biface. Tem uma face voltada para as coisas e outra para a linguagem. Ele encarna-se atualmente em seres, corpos e qualidades de corpos, e atualiza-se também nos enunciados verbais como suas expressões, mas sem nada perder da sua natureza de extra-ser incorporal e de entidade extra-proposicional. O acontecimento é uma virtualidade, é um puro virtual. É um devir, um movimento infinito, infinitivo. Por isso é-lhe próprio esquivar o presente, cindi-lo em duas linhas divergentes ilimitadas, passado e futuro, eventum tantum ao mesmo tempo sempre já-aí e ainda-não. (SOUSA, 2012, p.100-101)

Já discutimos brevemente a relação entre sujeitos e acontecimentos anteriormente enquanto pensávamos os enquadramentos propostos por Goffman. Se pensarmos o acontecimento no campo da experiência (HENN, 2010), percebemos sua importância na adição de novos sentidos na constituição de sujeitos. Para os autores, o acontecimento não depende da relação humana para existir; contudo, para perpetuar, dependem da linguagem para serem reproduzidos, nomeados e compreendidos como um acontecimento.

Alguns autores pensam na dependência entre acontecimento e a linguagem. França e Almeida (2008) trazem diferentes perspectivas sobre o conceito: para alguns pensadores e pesquisadores, o acontecimento só vem a ser um acontecimento quando é vivenciado por sujeitos e narrado pela linguagem; outros, defendem na independência do acontecimento como singularidade – porém, sempre com capacidade de afetação à sujeitos.

França e Almeida (2008, p.5), sintetizam o pensamento de Quéré (2005), para quem o acontecimento emerge como “fenômeno de sentido que produz novidade ao introduzir um corte na superfície da normalidade, afetando sujeitos e provocando modificações.” Podemos dizer que o acontecimento é uma ruptura

entre passado e futuro, e como pensa Henn (2010) é a partir do acontecimento que essa relação temporal é colocada na linguagem.

Vivenciar o acontecimento, seja na ótica individual ou coletiva, nos apresenta as suas diferentes naturezas. Quéré (2005, p. 59) aponta tais naturezas em ações que ocorrem involuntariamente, acontecimentos que se produzem devido às modificações ou situações do dia a dia. Tais naturezas tornam-se referências no trajeto da vida, unindo-se às experiências, ciclos de aberturas e fins. Rompendo o esperado, quebrando a sequência e abalando o sentido de presente.

Entender o acontecimento em virtude da experiência necessita que o sujeito o situe de acordo com seus sentidos. Para isso é necessário reconhecer o poder hermenêutico do acontecimento: entender que ele é capaz, inclusive, de modificar o passado; desvelar o não visto, iluminar o opaco, estabelecer distinções que não haviam sido percebidas. Possibilitando assim a passabilidade do acontecimento como um papel fundamental na motivação dos sujeitos (QUÉRÉ, 2005)

Na ideia de Quéré, todo acontecimento poderá representar um fim tanto quanto um começo. Cada uma dessas formas de apreender o acontecimento correspondia a um ponto de vista diferente: o do entendimento – que ressalta a contemplação. Aqui o acontecimento é um fato, é o fim de uma situação resultando tudo o que lhe precedeu – e o da ação – qual aceita o irrevogável e reconcilia-se com o inevitável. Aqui o acontecimento assume seu papel hermenêutico onde necessita sua compreensão além da explicação, gerando a causalidade.

O acontecimento apresenta-se em um caráter primário que ao ser produzido marca o começo e o fim de um momento, uma situação. “Este poder de abertura e de fecho, de iniciação e de esclarecimento [...] em ligação com as modalidades de experiência que nos remetem para acontecimento assim entendido” (QUÉRÉ, 2005, p. 59)

5 BOLSONARISMO EM ISOLAMENTO: A CARTOGRAFIA DOS SEUS SENTIDOS ENQUANTO IDENTIDADE

Durante 2021, coletei postagens voltadas ao jornalismo de páginas de veículos midiáticos relacionadas à pandemia da covid-19. No total, foram 39 publicações reunidas para fazer uma leitura de seus comentários e compreender melhor os sentidos que envolvem o bolsonarismo como identidade.

Quadro 1 - Postagens relacionadas à covid-19 coletadas em páginas noticiosas no *Facebook*

Título da matéria	Veículo	Reações	Comentários	Data de publicação
Justiça dá 72 horas para Planalto explicar sigilo do cartão de vacinação de Bolsonaro	Bahia Notícias	535	193	12/01/2021
Barroso determina a obrigatoriedade do passaporte de vacina	Carta Capital	3,3 mil	206	11/12/2021
Vacina é insuficiente contra Ômicron', diz agência europeia	Carta Capital	1,6 mil	184	15/12/2021
Bolsonaro quer expor técnicos da Anvisa que liberaram a vacina da Pfizer para crianças	Carta Capital	648	319	16/12/2021
Bolsonaro vira alvo de inquérito no STF por ligar vacina contra Covid à Aids	CNNBrasil	1,1 mil	660	03/12/2021
Bolsonaro: 'Como posso aceitar o cartão de vacinal se eu não tomei a vacina?'	Correio Braziliense	93	111	09/12/2021
Em 12 dias, Israel vacina 1 milhão de pessoas contra a covid-19	Estadão	27 mil	1,9 mil	01/01/2021
Mãe de Bolsonaro é vacinada contra covid-19 no interior de SP	Estadão	7 mil	2,5 mil	19/02/2021

Bolsonaro diz que não toma vacina "lá de São Paulo" e que será o último a se vacinar no país	Estadão	1,5 mil	935	04/08/2021
Decidi não me vacinar contra covid' diz Bolsonaro, contrariando órgãos de Saúde	Estadão	1,4 mil	1,4 mil	13/10/2021
Maiores colégios eleitorais indicam fracasso da campanha antivacina de Bolsonaro	Estadão	1 mil	551	14/10/2021
Empresas exigem comprovante de vacinação contra covid para contratar	Estadão	408	180	14/10/2021
CPI aprova quebra de sigilo das redes de Bolsonaro por vinculação entre vacina e aids	Estadão	1,4 mil	513	26/10/2021
Falta de coragem, omissão consciente': leia o novo pedido de impeachment de Bolsonaro	Estadão	1,6 mil	709	06/12/2021
Anvisa deve liberar vacina da Pfizer para crianças nesta quinta-feira	exame	1,8 mil	615	15/12/2021
Butantan envia à Anvisa pedido de uso emergencial da CoronaVac	g1	71 mil	6,4 mil	07/01/2021
MC Fioti lança clipe de 'Bum bum tam tam' em homenagem à vacina CoronaVac; assista	g1	53 mil	1, mil	23/01/2021
No Equador, Bolsonaro diz que está dando 'mau exemplo' e coloca máscara	g1	7,1 mil	3,3 mil	24/01/2021
Manifestantes fazem ato contra Bolsonaro e a favor da vacina	g1	10 mil	4,1 mil	29/05/2021
Marca de 500 mil mortos pela Covid gera reações de autoridades e políticos; saiba o que disseram	g1	2 mil	1,3 mil	15/06/2021

Casal relata que foi impedido de se vacinar com camisa contra Bolsonaro em quartel dos Bombeiros no Rio	g1	6,1 mil	2 mil	12/07/2012
Covid: Homem vê irmão e pais que recusaram vacina morrerem em 1 semana em Portugal	g1	5,7 mil	804	11/08/2021
Bolsonaro vira alvo de inquérito no STF por ter mentido ao relacionar vacina contra Covid à Aids	g1	1,9 mil	787	03/12/2021
Após distorcer proposta da Anvisa, Bolsonaro chama passaporte de vacina de 'coleira'	g1	656	792	07/12/2021
'Ilegal', 'absurdo': veja a repercussão da consulta pública sobre vacinação de crianças	g1	429	307	24/12/2021
Por risco de coágulo, especialistas não recomendam vacina da Janssen	Gazeta do Povo	4,1 mil	1,3 mil	16/12/2021
Anitta provoca Bolsonaro ao ser vacinada: 'Será que eu viro Jacaré?'	Metro Jornal	56	194	06/12/2021
Sem vacina, Bolsonaro pode ser proibido de entrar na Câmara	Metrópoles	229	48	19/10/2021
Facebook remove live delinquente de Bolsonaro sobre Aids e vacinas	O Antagonista	2,6 mil	98	25/10/2012
Bolsonaro: 'era hipóbole quando falei de virar jacaré; podia virar bambi também'	O POVO	406	262	21/07/2021
Cartão de vacinação de Bolsonaro terá sigilo por até 100 anos	Portal R7	7 mil	2,7 mil	11/01/2021
Anvisa pede isolamento a comitiva de Bolsonaro que foi nos EUA	Portal R7	7,7 mil	3,3 mil	22/09/2021
Bolsonaro chama passaporte de vacina de coleira e critica medida	Portal R7	3,1 mil	1,9 mil	08/12/2021

Planalto tem 72h para explicar sigilo no cartão de vacinação de Bolsonaro	UOL Notícias	4,1 mil	1,1 mil	12/01/2021
Americana que se gabava de recusar vacina morre de covid e deixa 4 filhos	UOL Notícias	19 mil	5 mil	21/09/2021
Vacina de Oxford ultrapassa CoronaVac e se torna a mais usada no Brasil	VEJA	6,2 mil	969	02/07/2021
Cientista de Oxford responsável por vacina contra covid-19 é homenageado em Wimbledon	Estadão	19 mil	799	28/06/2021
Flávio Bolsonaro recebe vacina de covid-19 e ironiza: "Obrigado ao negacionista"	Gazeta do Povo	2 mil	424	29/07/2021

Fonte: elaborado pelo autor.

Com certa recorrência ao longo do ano, ia procurando por postagens relacionadas à covid-19 em veículos populares e as salvando para visualizá-las posteriormente. Durante esse período, a leitura dos comentários era feita de forma breve, ainda sem fazer relações complexas entre teorias ou buscando sentidos que pudessem me ajudar a compreender as questões do presente trabalho. Ainda assim, pude fazer ligeiras observações sobre o conteúdo que encontrava.

Ao encontrar uma postagem que gerava discussões envolvendo a pandemia, eu a coletava por completo para não perder alguns de seus detalhes posteriormente. Para isso, tirava uma captura da tela inteira, utilizando a extensão do Google Chrome *GoFullPage*. A ferramenta permite que uma página inteira do navegador Google Chrome seja capturada em toda sua extensão. Dessa forma, quando definia uma publicação a ser coletada, eu descia a página até o seu final e clicava em “Mostrar mais comentários”, para ter a captura do maior número de interações possíveis. Após ter um número considerável de comentários, realizava a captura com a ferramenta citada.

Ao todo, as publicações têm 51.516 comentários somados. Não foi possível observar eles individualmente. Estimo que cerca de 10.000 comentários foram separados para ter a leitura feita de forma atenta. A escolha desses comentários não

foi feita de forma completamente arbitrária, já que foram mediados pelo filtro de “comentários mais relevantes” do Facebook. Este filtro ordena os comentários se baseando-se em suas interações, deixando os mais comentados e reagidos nas primeiras opções. Ainda assim, mesmo com esse recorte prévio, era um número muito grande de conteúdos para analisar no período disponível para o trabalho, e nem todos estavam dentro dos recortes estabelecidos para a pesquisa.

Tendo esses comentários separados, busquei pelos materiais que me ajudariam trazer novas questões sobre o problema da pesquisa. Meu objetivo era claro: encontrar, na sessão de comentários, manifestações e discussões que me ajudassem a descobrir alguns sentidos do bolsonarismo enquanto identidade. Quando observava comentários em matérias que abordavam detalhes da pandemia de forma mais abrangente, sem citar diretamente Bolsonaro e seu governo, encontrava uma grande variedade de sentidos que não eram possíveis de afirmar como bolsonaristas. Neles, havia um claro debate político polarizado que facilmente, para um leitor vago, se tratava sobre as opiniões de seguidores de Bolsonaro e seus opositores. Por exemplo, em algumas postagens que discutiam a vacinação, encontrei pessoas defendendo seu uso, assim como outras que questionavam a sua credibilidade; havia sujeitos que não podiam esperar a hora de tomar sua dose, assim como havia quem se recusava a tomá-la. Para mim, parecia claro que havia ali um debate envolvendo o bolsonarismo. Aprofundando-me nos comentários, percebi que estava usando da minha experiência já constituída sobre a identidade de um bolsonarista para procurar pelos seus sentidos. Se, em um comentário, alguém atacava a credibilidade das vacinas ou reproduzia algum discurso próximo ao de Bolsonaro, logo concluía que se tratava de um de seus apoiadores. Contudo, se alguém reproduz uma fala de Bolsonaro sem, necessariamente, se identificar como um apoiador, não existe a certeza de que naquele comentário encontrarei sentidos sobre a identidade.

Com isso, precisei abrir minha perspectiva em relação ao que estava observando ali – ou, como disse anteriormente, dissolver meu ponto de vista. O que, ao longo dos anos, constitui como sendo bolsonarista ou não, nesse momento de análise minuciosa, precisa ser deixado de lado. Não estou realizando essa pesquisa para afirmar hipóteses ou confirmar suposições que fiz sobre uma identidade a partir da minha experiência e convivência com ela. Inclusive, ficarei muito feliz se, ao final da pesquisa, perceber que as imagens que desenvolvi sobre esse grupo estavam

completamente erradas – isso significará que aprendi ainda mais com o trabalho aqui feito.

Tendo isso em mente, quando voltei a observar os comentários separados, dei destaque às postagens de notícias que traziam Bolsonaro como figura central na configuração de um acontecimento. A partir da centralidade da imagem do presidente, ficou mais claro nos debates realizados nos comentários quem se identificava com Bolsonaro facilitou a análise de seus sentidos. Contudo, as demais postagens, que trazem acontecimentos referentes à covid-19 sem necessariamente abordar Bolsonaro em sua manchete, não foram descartadas. Mesmo que em menor frequência, o presidente era recorrentemente conectado ao assunto por seus apoiadores ou opositores. Analisar esses comentários e adicioná-los ao nosso emaranhado de conexões de sentidos e imagens colabora com um de nossos objetivos: analisar que sentidos emergem em diferentes acontecimentos. Pensar a relação entre o que foi comentado e o acontecimento apresentado naquela postagem pode nos levar a perceber diferentes facetas da identidade em análise que tornam seus sentidos constituintes ainda mais complexos.

Dessa forma, defini o recorte de comentários a serem analisados, precisando atender ao menos um dos quesitos abaixo para ser considerado bolsonarista:

- a) Comentários com referência direta a Jair Bolsonaro de forma defensiva;
- b) Respostas defensivas em comentários ofensivos à figura de Jair Bolsonaro;
- c) Comentários defensivos em notícias sobre o presidente.

Com esses critérios, cheguei a um recorte de 1224 comentários realizados nas 39 publicações. Com o corpus definido, planei pelos comentários diversas vezes até encontrar formas com que pudesse os agrupar. As opções eram infinitas, mas alguns detalhes sobre o conteúdo ali apresentado me chamaram a atenção e guiaram meu olhar para o objeto. Assim, defini duas formas diferentes para agrupar os mesmos comentários: a primeira considerando os sentidos identitários, e a segunda pela sua relação com os acontecimentos.

5.1 OS SENTIDOS DO BOLSONARISMO

Na primeira instância do nosso problema de pesquisa, a proposta é identificar os sentidos presentes em comentários bolsonaristas nas postagens relacionadas à covid-19 feitas em páginas noticiosas. Após a análise de todos os comentários selecionados para o *corpus* do trabalho, percebi que grande parte das interações e manifestações feitas pelo grupo identitário em estudo eram, na verdade, sobre outros grupos ou sobre outras figuras públicas além de Bolsonaro. Ainda que houvesse comentários que faziam referência ao então presente do Brasil, a quantidade de interações que se referiam a outros grupos era numericamente muito maior.

Dessa forma, considero o bolsonarismo como uma identidade constituída pela identificação no repúdio a outros grupos. Os grupos constantemente atacados nos comentários são os mesmos que o presidente frequentemente ataca em seus discursos públicos, o que nos dá pistas iniciais de que seus seguidores reproduzem às falas de Bolsonaro com certo nível de fidelidade.

Para melhor apresentar os comentários, organizei-os como mostra a figura abaixo:

Figura 4. Desenho dos sentidos do bolsonarismo



Fonte: elaborado pelo autor.

A figura está organizada dessa forma para mostrar os dois lados da identificação ao bolsonarismo nos comentários analisados. Um deles, a partir da

demonstração de aversão a alguns ideais; o outro, com dedicação à figura de Jair Bolsonaro, suas possíveis virtudes e seus ideais militares.

Os comentários negativos, denominados como de oposição, são dedicados especialmente a três grupos. O primeiro deles é a esquerda política brasileira em geral, citando principalmente os nomes dos ex-presidentes Lula e Dilma, mas também considerando outras figuras políticas e partidos em geral. A mídia também é frequentemente citada nos comentários, algumas vezes sem especificar os veículos, mas na maior parte do tempo citando a Rede Globo. Como demais autoridades, os juízes do STF são os mais citados, mas também são lembrados outros políticos, principalmente membros da CPI da covid-19.

Os comentários de apoio, com menor recorrência nas interações coletadas, demonstram suporte à Bolsonaro e aos valores que ele representa, sem necessariamente citar oposições. Ainda, alguns comentários demonstravam apoio ao militarismo; como Jair Bolsonaro é ex-militar e defensor das pautas militares, considereei esses comentários dentro da categoria de apoio, mesmo que não citem o presidente diretamente.

Ainda, alguns comentários apenas demonstravam apoio a Bolsonaro por meio de *hashtags* e *emojis*. Classifiquei esses comentários também como de apoio, mesmo que não trouxessem outros sentidos além da própria expressão do usuário como bolsonarista. Eles ajudam a perceber algumas imagens e símbolos frequentemente ligados à Jair Bolsonaro e seus seguidores.

5.1.1 Bolsonaro e a esquerda

As rixas e as falas violentas e de oposição em relação à esquerda brasileira feitas por Bolsonaro já são conhecidas, conforme foi pontuado no segundo capítulo. Todavia, nas interações realizadas nos comentários, percebi as mesmas ideias sendo reproduzidas quando esse embate político não é o ponto central da discussão. Mesmo quando as postagens das páginas se referiam à covid-19 em geral ou sobre administração de Jair Bolsonaro, comentários que trazem sentidos referentes à oposição política do presidente são a maioria.

Dentro da seleção de comentários classificados como relacionados a oposição, a palavra “Lula” apareceu mais vezes nas interações do que “Bolsonaro”.

Foram 49 citações diretas ao ex-presidente petista, enquanto seu opositor foi citado 47 vezes. Em muitos comentários ambos eram citados usando apelidos ou sem usar seus nomes diretamente. Por exemplo, a palavra “cachaceiro” para se referir a Lula foi usada 5 vezes; os dedos do presidente foram usados como identificação à sua figura 9 vezes.

Quadro 2 - Exemplos de comentários citando Lula

1	<i>Quem tirae ele a todo custo e colocar de volta o maior assaltante que o Brasil já teve</i>
2	<i>E quando Dilma falou em catar vento ?? Lula desviou dinheiro pra outros países além de muitas outras coisas ?? Porque não apuraram tudo isso ?? Porque Lula não está preso ???</i>
3	<i>STF nunca se preocupou com Lula tava assaltado o país é muito engraçado</i>
4	<i>Realmente pra mentir tem que ter maestria, Veja Lula...e é admirado por roubar e mentir.</i>
5	<i>pois é se sabe dos cartões do cachaceiro e da dilmanta né!!!</i>
6	<i>Quando Lula assaltava os cofres públicos a justiça estava dormindo.</i>
7	<i>o pior foi o 9 dedos que roubou, e deixou um legado de ladroes que o segue eternamente por isso querem voltar ao poder para acabar de vez com nosso Pais.</i>
8	<i>falou o Jericó cabeça estocada de vento, defensor do Lula ladrao, mijao, cachaceiro, corrupto, bandido o pai dos pobres que não é mais pobre</i>
9	<i>pior como? Não é corrupto, não esbanja nosso \$ em jantares com lagostas e vinhos sofisticados, é a favor da liberdade de expressão... você tá com saudade da Dilma q discursava na ONU sobre estocar vento ou do Lula, q se mijou de bêbado em Davos?</i>
10	<i>E só oque os petistas sabem dizer mais nao aceitam dizer que o Lula é ladrao. Depois de dois anos preso por robar o pais</i>

11	<i>calma meu querido, teu presidente favorito logo logo se candidata pra vc ficar feliz #LulaLadrao</i>
12	<i>conhecem o Lula que roubou até o quadro da parede do planalto, o Bolsonaro e nosso orgulho Deus acima de tudo e todos nós Brasil</i>
13	<i>Pereira vergonha e querer votar em um ladrão safado que acabou com Brasil voce sabe quem é Lula.</i>
14	<i>nao vi nada de vergonhoso. Vergonha foi a bebedeira do Lula registrada na época pela imprensa , os 42 milhões de crianças abandonadas nas ruas do Brasil, que ele citou .A Dilma, nem se fala , estocar vento</i>
15	<i>Aqui na minha cidade teve o protesto e a quantidade de pessoas participando dava para nos contar nos dedos das mãos do Lula</i>
15	<i>que fiasco kkkkkk se tirar os q ganharam pão com mortadela e os em terra não sobra ninguém tinha q ter o lula também p ver a popularidade</i>
16	<i>Se a vacina fosse no presídio e entrassem com a foto do Lula na camisa, iriam poder escolher até a fabricante da vacina!!</i>
18	<i>Campos O MAIS HONESTO E VERDADEIRO DE TODOS, E O LULA, NUNCA DISSE "UMA MENTIRA, EU DISSE UMA, MÁS DISSE MILHARES!</i>
19	<i>ESQUERDISTA, TOTALMENTE DESINFORMADO, VOCE, NÃO TENDO ARGUMENTOS CONVINCENTES, ATACAM O MELHOR PRESIDENTE QUE O BRASIL JA TEVE E SEUS FAMILIARES, NA OPINIAO DOS ESQUERDISTAS/COMUNISTAS, BOM MESMO ERA O LULA E SUA QUADRILHA, QUE COMPRAVA OS INOCÊNTES COM PEQUENAS ESMOLAS, ESMOLAS ESSAS, DINHEIRO PÚBLICO!</i>
20	<i>Estadão lixo e lularapio juntos pelo caos</i>

Fonte: elaborado pelo autor; extraído do Facebook.

A corrupção é uma característica que frequentemente vemos relacionadas à esquerda. Já Bolsonaro, para seus seguidores, é referência em seu combate. Nos comentários citados acima, observo principalmente a referência a Lula como ladrão, assaltante. Frequentemente são feitos trocadilhos com os nomes de Lula e Dilma

para trazer os sentidos atribuídos à esquerda e ao Partido dos Trabalhadores. No comentário 20, por exemplo, o ex-presidente é citado como “Lularápio”; encontramos também em outros comentários o uso de “Dilmanta” e “corruPTos” para referenciar seus opositores.

No geral, Lula, Dilma e o PT são citados como ladrões, corruptos e mentirosos. Por mais que eu entenda o bolsonarismo como uma identidade marcada pela oposição, os adjetivos atribuídos aos seus opositores são uma forma de afirmar características que os membros dessa identidade e o próprio Bolsonaro não possuem. Para o bolsonarista, a honestidade parece ser o principal valor de sua constituição, mesmo que não vejamos nos comentários um debate moral sobre essa virtude; ela é usada dentro do senso comum. Para ser honesto, basta não roubar. Esse é o principal argumento de ataque e de defesa à figura de Jair Bolsonaro.

No comentário 8, Lula é citado como “ladrao, mijao, cachaceiro, corrupto, bandido o pai dos pobres que não é mais pobre” [sic]. A referência ao roubo e à prisão é constantemente usada para referenciar o presidente, assim como o uso de bebidas alcoólicas; são referências constantes de um imaginário lulista construído pelo bolsonarismo. Já “mijão”, que também é citado no comentário 9, faz referência a uma notícia falsa de que Lula precisou ser retirado do fórum de Davos por ter ficado embriagado⁷.

Durante todos os comentários que apontam opositores de Bolsonaro, podemos pensar numa relação antagônica entre a figura de Bolsonaro, seus seguidores e todas os ideais políticos que fogem do pensamento bolsonarista. Se Lula é constante citado como ladrão, corrupto, Bolsonaro é defendido como honesto; se Lula esbanjava arrogância e soberba, Bolsonaro é simples e acessível. Considero que na tentativa de apontar defeitos de sua oposição, o bolsonarismo tenta afirmar suas próprias virtudes imaginadas para si.

O mesmo acontece quando a esquerda política, pensada como uma identidade, é citada nos comentários. Defeitos imaginados são constantemente citados e apontados como forma de ofensa, a ponto de registrar seus próprios valores positivos.

⁷ Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2021/09/23/verificamos-lula-bebado-urinado-davos/>>. Acesso em 26 fev 2022.

Quadro 3 - Exemplos de comentários com referência à esquerda brasileira

21	<i>Os esquedopatas derrotados e inconformados, juntamente com a esquerda marrom avermelhada, não cansam de passar vergonha. SE QUISEREM GANHAR, O VOTO É LIVRE</i>
22	<i>A extrema imprensa da esquerda, só está tendo credibilidade com o público esquerdopata!</i>
23	<i>Quem aqui tem cartão de vacinas..se estão encomodados então é só postar seus cartões...queria ver o do Lula..Dilma...e de toda turminha da esquerda alienada....vão se ocupar cm algo importante e cuidar da própria.2</i>
24	<i>vdde, burros de carga da esquerda nunca vão entender os "gardos"</i>
25	<i>Deixa de ser mula de esquerda.</i>
26	<i>A esquerda tem que ser extinta.</i>
27	<i>estou com Bolsonaro por ser o único que pensa em nos dar a liberdade de ir e vir sem oposição, Bolsonaro reeleito para a tristeza da esquerdalha</i>
28	<i>estou com Bolsonaro por ser o único que pensa em nos dar a liberdade de ir e vir sem oposição, Bolsonaro reeleito para a tristeza da esquerdalha</i>
29	<i>pois é vdd é o pior de todos mão de vaca né não da grana pra, vcs da esquerda e não deixa roubarem também esse bolsonaro é muito malvado né (meu malvado preferido kkkk)</i>
30	<i>TB vamos pra rua em prol de um País bem melhor, que a esquerda sarrupiou no governo passado.</i>
31	<i>Esse povo e tudo um bando de robô só sabem repetir oq a esquerda fala</i>
323	<i>Bando de hipocrisia essa esquerda, quando só postam manifestações a favor do presidente eles diz qo presidente e irresponsável por aglomera e culpa por mortes, al agora eles vem e faz uma manifestação kkkkkkkk na verdade um gato pingado kkkkkkkk</i>

33	<i>primeiro Vachinar os jumentos da esquerdalha perdedora!</i>
34	<i>Eu ia escrever a mesma coisa. Vira o disco. Povo da esquerda não tem argumentos novos contra o PR. Tá difícil aguentar.</i>
35	<i>A esquerda como sempre, desinformada</i>
36	<i>O medo do presidente Bolsonaro ganhe a eleição em 2022 e tanto. Que a oposição está atirando para todo lado. Vergonha nacional. A esquerda chorando de medo.</i>

Fonte: Elaborado pelo autor; extraído no Facebook.

Novamente, os trocadilhos aparecem: esquerdalhas e esquerdopatas são dois dos mais usados. Dessa vez, a esquerda no geral é citada como “alienada”, “burra”, “hipócrita” e “ladra”. A figura de burros e mulas frequentemente são utilizadas para trazer referências imagéticas ao grupo.

Figura 5 - Exemplo de utilização de imagem de burros



Fonte: Facebook, elaborado pelo autor.

Como é de conhecimento popular, burro e mula são usados como adjetivos na língua portuguesa, no contexto brasileiro, para se referir a alguém ignorante, desprovido de inteligência. Seu uso, seja linguístico ou imagético, é uma clara

exposição da imagem criada pelo bolsonarismo sobre sua oposição política direta. É uma forma de demonstrar que, para negar as virtudes de Bolsonaro, alguém precisa ser alheio à realidade. Uma pessoa que discorda de Bolsonaro não é, necessariamente, de esquerda ou eleitor de Lula; mas, quando opiniões contrárias à do presidente eram expostas, logo as respostas dentro dos comentários direcionavam a conversa ao lulismo e ao PT. Me parece que, para o bolsonarismo, se criou um sinônimo entre esquerda e falta de inteligência, ao mesmo tempo que toda ideia que opõe Bolsonaro é de esquerda.

Outra referência utilizada para falar da esquerda brasileira é o pão com mortadela:

Figura 6 - Referência ao pão com mortadela



Fonte: Facebook

Quadro 4 - Comentários com referência ao pão com mortadela

37	<i>têm pra jumentada mortadela chorona também</i>
38	<i>bem isso mesmo!!! As fotos antigamente eram pagas com Pão, mortadela e 50,00!!</i>
39	<i>Tem que ter o rico o proble vai trabalhar pra quem bando de pão com mortadela</i>
40	<i>não passa de um analfabeto mortadela e vigarista...acorda</i>
41	<i>Meia dúzia de pingados pagos com pão velho com mortadela e um baseadinho</i>

42	<i>Mas o pão com mortadela vai ser dado que horas ? Dentro da Kombi</i>
43	<i>Só joga uma carteira de trabalho os Pão com mortadela correm tudo</i>
44	<i>Muita droga...fezes nas ruas e quebra quebra.. É pão com mortadela. Um Inferno a céu aberto.</i>
45	<i>Só acabar o pão com mortadela que já vão embora</i>
46	<i>Será que já comerão o pão com mortadela e pego os 10 reais do busão</i>
47	<i>que fiasco kkkkkk se tirar os q ganharam pão com mortadela e os em terra não sobra ninguém tinha q ter o lula também p ver a popularidade</i>
48	<i>Piada nacional!!!! Opão com mortadela chinesa foi fracionado para gerar alguns esfomeados na fotinho</i>

Fonte: Elaborado pelo autor; extraído no Facebook.

O uso do pão e da mortadela faz referência aos boatos criados sobre os protestos de 2015, em que supostamente o Partido dos Trabalhadores teria oferecido o alimento junto ao valor do transporte para os militantes do MTST participarem das manifestações. As palavras foram muito usadas durante os últimos anos; nos comentários, parece ser usada como se fosse uma ofensa por si só, sem precisar de complementos para ser um insulto. Pensaremos nos sentidos do pão com mortadela posteriormente.

Ainda sobre os mesmos sentidos e tentativas de ofensa, podemos perceber sua recorrência quando a interação se refere diretamente ao partido dos trabalhadores:

Quadro 5 - Exemplos de comentários fazendo referência à esquerda em geral

49	<i>O Brasil foi saqueado destruído pela Corrupção por esses Vagabundos do PT e seus Asseclas e que me dá raiva, fico muito Revoltado que pessoas querem de volta esse picaretas. Tomam vergonha na cara Pessoal, pesa em seus filhos e netos. Temos que deixar um País melhor pra eles. Desculpa o desabafo.</i>
50	<i>Se fosse o pt na presidência não tinha vacinado ninguém ainda já tinham roubado até as vacina</i>

51	<i>Aguenta aí homem só mas 5 anos vc aguento o pt 14 anos e não morreu</i>
52	<i>Circo Ptralha dos Improbos está com transtorno de abstinência de propinas</i>
53	<i>todo comunista tem o mesmo discurso no final... "gadamimimibolsominion" bla bla bla... Vc não responde pq não tem capacidade de debater aonde vc estava quando estávamos sendo roubados pelo PT? Sem vergonha</i>
54	<i>com certeza se existe mentira a maior vem do PT OU seja do Lula e seu bando.</i>
55	<i>"O PT aqui tirou td mundo da pobreza."</i>
56	<i>pra ver só, essa façanha que ele fez esta aí, só restou dívidas e mais dívidas à serem pagas, os empréstimos feitos por ele a outros países, o atual governo está tendo que pagar milhões e milhões dos juros, se usassem a inteligência veriam a merda que o governo Luladrão fez, e vai levar muitos anos para que normalize as proezas que o bode velho barbudo fez nesse tempo todo do governo PT... Saudações Bolsonarista</i>
57	<i>e pq ninguém falou do Lula ,da Dilma, do PT em si enquanto estava no poder ??? Pq foi uma merda também</i>
58	<i>Engraçado o povo brasileiro esperou 16 anos ostentando o PT saqueava o Brasil e mandava pra financiar obras em outros países agora ja que se livrar do Bolsonaro com menos de 3anos de governo pior que fome desemprego sempre teve no Brasil [...]</i>

Fonte: Elaborado pelo autor, extraído do Facebook.

Vemos as mesmas referências anteriores: anos de roubo e de corrupção pelo Partido dos Trabalhadores que se encerrou quando Bolsonaro assumiu. Alguns comentários, como o 56, inclusive deixam a entender que os possíveis erros de Bolsonaro acontecem devido aos precedentes de má administração, como se o presidente atual apenas lidasse com as consequências de anos de irresponsabilidade financeira. O comentário ainda deixa, ao final, uma “saudação bolsonarista”.

Outro ponto de atenção nas interações é o uso dos mesmos adjetivos para pensar coisas diferentes como o petismo, a esquerda e o comunismo. No quadro abaixo, vemos o comunismo sendo citado com o uso das mesmas imagens e palavras citadas anteriormente:

Quadro 6 - Exemplos de comentários com referência ao comunismo

59	<i>ESQUERDISTA, TOTALMENTE DESINFORMADO, VOCE, NÃO TENDO ARGUMENTOS CONVINCENTES, ATACAM O MELHOR PRESIDENTE QUE O BRASIL JA TEVE E SEUS FAMILIARES, NA OPINIAO DOS ESQUERDISTAS/COMUNISTAS, BOM MESMO ERA O LULA E SUA QUADRILHA, QUE COMPRAVA OS INOCÊNTES COM PEQUENAS ESMOLAS, ESMOLAS ESSAS, DINHEIRO PÚBLICO!</i>
60	<i>vc amava aquele que colocou o país nesta situação, roubando até os sonhos dos brasileiros, emprestando o nosso dinheiro para os comunistas vagabundos, se tem amor pelo comunismo, é so atrvessar as fronteiras e ir para a Argentina ou Venezuela, ai bem perto vc pode ser feliz.</i>
61	<i>EU SEI QUE INTELIGENCIA NÃO É O FORTE DOS COMUNISTAS, ATÉ PORQUE SE FOSSEM INTELIGENTES NÃO SERIAM COMUNISTAS, MAIS AI ACHAR QUE O PRESIDENTE ESTAVA FALANDO SERIO QUANDO DISSE QUE QUEM TOMASSE A VACINA IA VIRAR JACARÉ, ALE DE MAIS ATE PRA COMUNISTAS, DESSA VEZ VOCES SE SUPERARAM!</i>
62	<i>...entao mostra...entao vc está cm algum problema de memória...nestes governos fizeram um desmonte na saúde...educação ..e bilhões desviados destes órgãos para bancar propinas e bancar sistema comunista de outros países...a saúde virou um caos uma vergonha, mundial ao Brasil....vdd não pode ser esquecida..</i>
63	<i>comunista tem o mesmo discurso no final... "gadamimimibolsominion" bla bla bla... Vc não responde pq não tem capacidade de debater aonde vc estava quando estávamos sendo roubados pelo PT? Sem vergonha</i>
64	<i>já imaginou? O d lula, Dilma,usam até hj e ninguém fala nada,eu li uma frase</i>

	<i>dum cara importante q disse o comunista ele pode sabe a verdade, ter provas d tudo q ele só vai acreditar na mente dele) comunismo to fora gente doente</i>
65	<i>e está la na presidência aqueitando firme, todas as falsas acusações e tem lutado por nossa liberdade, que convenhamos, esta por um fio... família, religião e um Brasil livre dos ladroes comunista... estou com Bolsonaro por ser o único que pensa em nos dar a liberdade de ir e vir sem oposição, Bolsonaro reeleito para a tristeza da esquerdalha</i>
66	[...] TOMA VERGONHA NESSA CARA. E VAI PRA UM PAIS COMUNISTA...O MEU PAIS OU MELHOR O NOSSO PAÍS CONTINUARÁ A TER ESSA BANDEIRA O QUER BANDEIRA VERMELHA VAI PRA CHINA.

Fonte: Elaborado pelo autor, extraído do Facebook.

Da mesma forma que os termos observados anteriormente, comunismo e comunista acionam sentidos negativos acompanhados de adjetivos como ladrões, burros e vagabundos. Não vemos discussões sobre o que é comunismo, esquerda ou as ideais petistas, apenas um senso comum sobre seus valores negativos. Isso já era esperado, já que tirando pequenos grupos de nicho, páginas de Facebook não costumam a ter discussões complexas sobre assuntos em sua sessão de comentários. No comentário 64, por exemplo, o usuário diz que “leu uma frase de alguém importante”, sem citar referencias a quem é, ou ao menos informar os motivos que tornam essa pessoa importante. O que importa, é que esse sujeito teve falas anticomunistas e antipetistas, o suficiente para reproduzir o que foi dito por ele.

Outra característica sobre identidades vistas como opostas ao bolsonarismo é que, durante a sessão de comentários, eles se tornam adjetivos por si só. A evocação de palavras como comunismo e petismo já vem carregado de todos os seus sentidos negativos que foram atribuídos ao longo dos anos, que se tornam ofensas sem necessitar de um complemento. Dizer que alguém é comunista já é, automaticamente, dizer que essa pessoa detém de valores deturpados.

Dentro dos comentários que normalmente abordam da oposição ao bolsonarismo de forma simples, sem muitas complexidades argumentativas, o comentário abaixo se destacou:

A esquerda política consegue sobreviver recrutando ativamente os jovens, porque sabe que eles - em função de sua colossal ignorância sobre história, economia e a realidade da vida, o que é perfeitamente compreensível na juventude - são incrivelmente fáceis de seduzir. Como jovens são criaturas essencialmente emocionais, é muito fácil despertar suas paixões e acima de tudo, canalizar a iracúndia da indignação juvenil contra as injustiças do mundo. Evidentemente, a esquerda política sempre se apresenta como a solução para todas as injustiças, sem jamais explicar de fato o que as causa, porque elas existem, e quais são as condições que permitem que todos esses problemas que ela afirma desejar resolver acabem se perpetuando, ao invés de serem devidamente solucionados. A ala mais utópica da esquerda promete aos jovens a consolidação de um paraíso igualitário na Terra, se uma revolução for realizada para libertar a sociedade da escravidão do capitalismo. A falibilidade intrínseca da natureza humana, no entanto, jamais permitiria que seres humanos inerentemente imperfeitos fossem capazes de implementar um paraíso perfeito na Terra. Mas é evidente que a esquerda - por ser intelectualmente desonesta - jamais irá se dar o trabalho de explicar isso. Afinal, a verdade não atende aos desígnios de sua narrativa ideológica. Ao contrário da vertente utópica, a ala "realista" da esquerda promete a eclosão de uma sociedade mais justa e igualitária, através da via política, por meio de ações afirmativas e reformistas. O que a esquerda sempre omite sobretudo para os jovens - é que a política invariavelmente corrompe as pessoas. Quase todas, senão de fato todas as pessoas que buscam a política o, fazem para ter sucesso, poder, notoriedade e estabilidade financeira. A política é inclusive a arena favorita dos psicopatas, que nela buscam formas de saciar os seus fetiches pessoais por poder e controle. A verdade é que ninguém procura a política porque possui incomensurável amor pela humanidade. Seria ingenuidade pensar assim. Muito pelo contrário; quem procura trilhar uma carreira na política o faz visando unicamente os seus próprios interesses. Políticos na prática não passam de parasitas, que vivem do confisco de riquezas (impostos) praticado diretamente contra os integrantes da sociedade produtiva. Mas evidentemente, a esquerda sempre omite esses fatos, porque divulgar a verdade iria prejudicá-la. Para garantir a sua própria existência, a esquerda precisa estar constantemente recrutando idiotas úteis, que sejam preferencialmente fáceis de manipular. Por essa razão, jovens são um público prioritário, especialmente visado pela esquerda, porque -- em virtude da sua falta de maturidade, experiência e conhecimento - caem com grande facilidade no programa de doutrinação marxista.

Ao pesquisar pelo exato texto no Google, o encontrei postado na íntegra em um site chamado Jornal da Cidade Online⁸. O texto em si não menciona Bolsonaro, mas disserta sobre a construção da esquerda política e sobre seus possíveis métodos para conseguir seguidores. Por mais que pareça um texto argumentativo com maior complexidade do que acompanhamos ao longo dos comentários coletados, percebe-se que ele é construído baseado em percepções de mundo próprias sem utilizar de argumentos concretos, com referências e com estudo. Vemos adjetivações referentes ao sistema político em geral e, ainda, sentidos rasos

⁸ Disponível em: <<https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/26030/como-a-esquerda-consegue-produzir-idiotas-uteis-em-escala-industrial>>. Acesso em 26 fev 2022

e distorcidos sobre o que é imposto. Ainda, percebemos as mesmas relações feitas entre a esquerda e desvirtudes, como quando o autor cita o grupo como “intelectualmente desonesto”.

Ainda que a maioria dos comentários encontrados sejam relatos direcionados a oposições político-partidárias diretas de Bolsonaro, ainda encontramos outros inimigos do presidente, como a justiça e a imprensa. Contudo, como veremos nos subcapítulos a seguir, os sentidos e a argumentação não variam tanto entre si.

5.1.2 Bolsonaro e as autoridades

Dentro dessa categoria, classifiquei outras figuras constantemente mencionadas por Bolsonaro. O STF, por exemplo, é citado como um inimigo de Bolsonaro que o impede de governar da forma que deveria. Novamente, o nome do ex-presidente Lula é citado.

Quadro 7 - Exemplos de comentários relacionados ao STF

1	<i>Só tá faltando algum partido entrar com uma ação no STF exigindo que Bolsonaro seja obrigado a mostrar no prazo de 72 horas a cabeça da R*** pra ver se fez circuncisão ou não.rsrsrsrs</i>
2	<i>Mas esse STF anda sem o que fazer mesmo.2</i>
3	<i>Vou te falar Deus vai presa e a não nesse STF pra mostrar que não são donos do mundo</i>
4	<i>Se fosse o André do rap iam dizer que se enganou , STF bandidos</i>
5	<i>STF atraso do Brasil!</i>
6	<i>Muita imbecilidade humana perder tempo com um processo desse ...tantas coisas sérias pra resolver no país e o STF preocupado com opinião...por isso o país vagabundo tem vez</i>
7	<i>Essa turma do STF não tem o que fazer , isso já virou perseguição</i>
8	<i>Pqp!! Grande bosta, o que SAi do STF só é militância política.</i>
9	<i>Com tanto processos parados o STF quer "achar" chifre na cabeça de cavalo !!! É muito dinheiro jogado fora ou no bolso desses aí</i>
10	<i>Porra, soltaram aquele cara do PCC, o que acha que irá acontecer nesse inquérito? Deixa eu trabalhar aqui, tenho que sustentar o STF</i>

11	<i>O STF sabe q bosionario vai ser reeleito eles tentaram tira ele astes mais o povo já estão alertando</i>
12	<i>Pelo jeito o Lula está disposto a dizer quais ministros do STF roubaram junto com ele. Todos os pedidos feitos pela esquerda contra Bolsonaro são aceitos.</i>
13	<i>STF da vergonha nacional. Só JESUS na causa.</i>
14	<i>governar nunca STF sujou tanto a imagem do Brasil de ser superior e passar por cima da constituição vergonha e ver esses bandidos de toga tudo por causa de dinheiro no desespero destruindo uma nação</i>
15	<i>Tinha que ser o Alexandre de Moraes!! E o STF deveria é julgar com urgência os milhares de processos parados há décadas à espera de decisões em vez de ficar concentrados em processos contra o presidente e as liberações do Lula e sua gang.</i>
16	<i>É o mesmo que anula rachadinhas,arquiva, denúncias, faz orçamento secreto,deixa livre Valdemar, solta Lula, tem o foro PRIVILEGIADO, não tem prisão em segunda instância,olha é o país das maravilhas para alguns e uma tragédia para o povo</i>
17	<i>VERGONHOSA É TER UM PAÍS, QUE A MAIORIA DOS POLITICOS E ATE OS TOGADOS SÃO CORRUPTOS! ISSO SIM É VERGONHA, E A SEGUNDA É VOCE DEFENDER BANDIDO COMO O 9 DEDOS! TOMA VERGONHA NESSA CARA, E VAI PRA UM PAÍS COMUNISTA...O MEU PAIS OU MELHOR O NOSSO PAÍS CONTINUARÁ A TER ESSA BANDEIRA OOOoo DO QUER BANDEIRA VERMELHA VAI PRA CHINA.</i>

Fonte: extraído do Facebook, elaborado pelo autor.

Um dos pontos a ser destacado é a percepção de que toda investigação ou qualquer destaque dado a Bolsonaro pelo STF são considerados como desperdício de tempo. A maioria dos comentários são relacionados à quebra de sigilo das redes sociais do presidente após ele ter comentado em *live* que as vacinas para a covid-19 poderiam causar aids. Para os usuários, existem outras coisas mais importantes para serem tratadas pela justiça brasileira, já que no passado o STF teria sido aliado de Lula, enquanto Bolsonaro é perseguido durante seu mandato. Os comentários,

em geral, levam a entender que existe uma aliança entre a esquerda e o STF para diminuir a popularidade de Bolsonaro.

As mesmas argumentações se aplicam à CPI da Pandemia, criada para investigar as omissões do Governo Federal em relação a crise da covid-19.

Quadro 8 - Exemplos de comentários referente à CPI da covid-19

16	<i>Não dá para entender. Soltam traficantes, soltam políticos corruptos, e atendem ao pedido de uma CPI comandada por políticos com dívidas com a Justiça. Que país é esse ! !!!!!!!</i>
17	<i>A CPI da covid sempre batalhando contra o presidente...</i>
18	<i>Corrigindo: CPI do LULA.</i>
19	<i>Nada revela tão bem o deboche de tudo isso quanto a lista de membros da CPI. O presidente é um senador do Amazonas envolvido até o talo na confusão: sua própria mulher, além de irmãos, já foram presos por ladroagem na área da saúde – da saúde</i>
20	<i>Terminou a CPI do the os bandidos leram o relatório final...o papel higiênico tem, muito mais utilidade que as folhas de Renan e Aziz. Alguém sabe o valor da créptomoeda e do bitcoin? Onde acho para comprar?</i>
21	<i>O MUITA FALTA DE SERVIÇO ESSA CPI É AINDA TEMOS QUE PAGAR A CONTA</i>
22	<i>Essa CPI é um circo e não tem legitimidade por ser totalmente parcial e defender os interesses mais escusos. Basta ver a ficha corrida dos seus dirigentes.</i>
23	<i>CPI da vergonha. Nojo. Governadores saquearam as verbas do covid e essa CPI nada fez!! Lixo de parlamentares!!!!</i>
24	<i>OS PALHAÇOS DA CPI DO CIRCO, SENADOR AZIZ , RENAN CALHEIROS E RANDOLFE , COMO NÃO CONSEGUIRAM ACHAR NADA , TENTAM A ÚLTIMA, CARTADA , QUE NA VERDADE É MAIS UM TIRO NO PÉ ! COMO PEDEM SER TÃO, CANALHAS, MARGINAS E BANDIDOS?</i>

25	<i>Relator da CPI kkkkk aí a gente vai olhar o relator é um ficha suja q tem 16 processo, no STF ! Renan Calheiros pense num relator pense numa moral q esse cara tem</i>
26	<i>Não dá para entender. Soltam traficantes, soltam políticos corruptos, e atendem ao pedido de uma CPI comandada por políticos com dívidas com a Justiça. Que país é esse ! !!!!!!!</i>

Fonte: extraído do Facebook, elaborado pelo autor.

Em relação à CPI, encontrei dois pontos a serem destacados. O primeiro, é o descrédito em relação a toda investigação feita, considerando os membros, seus partidos, e suas fichas criminais. Para os autores dos comentários listados, os deputados que compunham a comissão não teriam legitimidade para investigar o presidente, voltando a fazer novas menções e conexões entre a CPI e o ex-presidente Lula.

O segundo ponto é a existência de culpados para a má administração brasileira em relação aos recursos direcionados ao combate à pandemia. Sempre que argumentavam na seção de comentários sobre a posição de Bolsonaro e suas possíveis irresponsabilidades, a culpa é jogada aos prefeitos e aos governadores brasileiros; ocasionalmente, os governos petistas e Lula voltam a serem citados para justificar os erros de Bolsonaro com os anos precedentes de governos petistas.

Nessa classificação de comentários, encontramos também muitas interações envolvendo a justiça brasileira em geral, sem citar diretamente autoridades específicas:

Quadro 9 - Exemplos de comentários sobre a justiça brasileira

27	<i>Canalhas não interessa a ninguém. A justiça tem o que fazer e não faz. Processos que não são resolvidos. Deixa Bolsonaro trabalhar</i>
28	<i>Quanta besteira , justiça brasileira vão atrás de prender bandidos que estão aterrorizando o país,vai atrás de leis mais rígidas para assassinos ,pedófilos, estropadores, vão atrás disso ,em vez de fica procurando pelo em ovo, pelo amor de Deus</i>
29	<i>Vão ver se encontram também caroço de feijão inteiro na merda de bolsonaro. Povo que não tem o que fazer...</i>
30	<i>Só falta querer saber quantas vezes o presidente caga por dia! DOO</i>

	<i>#Bolsonaro2022</i>
31	<i>A bandidagem quer mandar no presidente, as forças armadas se acovardando.</i>
32	<i>Tá muito difícil na moral!!!! Tanta coisa pra justiça resolver ficam procurando alimentar faniquito de corrupTo.....</i>
33	<i>Agora exijam to quando foda ele deu nesse últimos anos. O pior do Brasil é o Brasileiro.</i>
34	<i>Midia e a justiça militante continuando no ridículo.</i>
35	<i>Inacreditável. A que ponto desceram, estão rastejando, perderam o mínimo de bom senso...</i>
36	<i>nunca se preocupou com Lula tava assaltado o país é muito engraçado</i>
37	<i>Tms juntos capitão. Tenho certeza que as forças armadas estão de olho em tudo que esses esquerdotapas estão fazendo ooooooooooooo</i>
38	<i>kkklkk o sigilo das redes sociais do Bispo estão sentado em cima kkkkk, sigilo bancário também, que barbaridade tchê</i>
39	<i>Em casa que todo mundo manda, fica suja e bagunçada, a constituição virou um livro comum sem feito, as leis são manipuladas e distorcidas e nunca aplicadas.</i>

Fonte: extraído do Facebook, elaborado pelo autor.

Para os autores dos comentários, a justiça brasileira é parcial, sempre favorecendo o lado da esquerda, de Lula, e do crime em geral. Percebo que o sentimento de impunidade entre os comentários classificados como bolsonaristas aparecem em grande escala, sempre observando uma possível perseguição ao presidente, enquanto criminosos de verdade (como assaltantes, assassinos, estupradores etc.) estão a solta.

Além da justiça, a mídia também é citada como parcial e militante. A seguir, iremos ver alguns comentários que exemplificam os sentidos referentes à mídia.

5.1.3 Bolsonaro e a imprensa

Para o bolsonarismo, o maior inimigo do presidente dentro do meio midiático é o Grupo Globo, que possui apelidos e *tags* próprias para serem citadas de forma irônica e ofensiva

Quadro 10 - Exemplos de comentários sobre a Globo e o G1

1	<i>G1, VTC com força. Larga do pé do Presidente. Já encheu.</i>
2	<i>G1 é uma <u>*emoji de cocô*</u></i>
3	<i>Mais 4 anos de governo Bolsonaro e a Globo vai ter o CNPJ cancelado.</i>
4	<i>Parece que NÃO existe mas notícias g1 Só fala do presidente</i>
5	<i>Globo sofre de "paixonite" aguda pelo Bolsonaro.</i>
6	<i>Esperniem mais Rede Esgoto de Televisão!!! #DerreteGlobo</i>
7	<i>sinto gorgulho de ter o melhor Presidente da Istoria !!! Pare de assistir a globo</i>
8	<i>chora mais G1 choro é livre, Bolsonaro 2022,</i>
9	<i>#Globalixoooo quebrado!!! Não adianta mais deixa o presidente em paz,</i>
10	<i>essas perseguição e mentiras da Globo não engana mais o povo não eu estou fechado com Bolsonaro</i>
11	<i>A globalixo sonha todo dia com Bolsonaro,</i>
12	<i>Tarcísio morreu hoje. Duas doses da vacina... talkey, globalixxo?</i>
13	<i>igual a vcs que deveriam saber que não se vacina o povo com vacinas que não saíram da fase 3 de testes e nem entraram ainda na fase pré clínica. Mas é isso que dá se informar pelo G1.</i>
14	<i>Só assistem a Globalixo por isso são alienados e querem combate sem saber o que combatem afff</i>
15	<i>[...] Incrível como opinião e cobertura do G1 vai ao encontro do seu interesse e não da população.</i>
16	<i>[...] globo cada vez tu te afunda mais.</i>
17	<i>Na hora da vacina não é local para manifestação política ainda mais contra o governo que está bancando a vacina. Quanto mímimi. Desculpa mas o G1</i>

	<i>está cada vez pior. Dando ênfase a matérias sem sentido.</i>
18	<i>A Rede Globo quer de qualquer modo derrubar o presidente, mas a população está ao lado da verdade. Por isso Bolsonaro não cai.</i>
19	<i>Relator Da CPI dividiu o país entre a parcialidade, e a corrupção contra a honestidade com o apoio da Globo, essa é a mensagem adequada, para a manchete</i>
20	<i>ja era de se esperar que o William Boner e a Renata Vasconcelos fizesse o maior drama com as 500 mil mortes de forma tendenciosa aliás hoje não era nem plantão, deles mais ainda de quebra tinha a manifestação do tal fora Bolsonaro</i>
21	<i>ele falou que pra alguns irá se manifestar mais forte e pra outros não, pra ele que é esportista não passará de uma gripezinha, foi isso que ele falou, mas te entendo, a sua fonte é a Globo.</i>
22	<i>fofolete ... vacinado ... tb fica doente e tb transmite ... acorda e para de evacuar pelos dedos ... tomei as vacinas sim ... estou sujeito a adoecer e transmitir ... acorda ... tira da, Globo ...</i>

Fonte: extraído do Facebook, elaborado pelo autor.

A Globo, também citada como *GloboLixo*, é constantemente apontada como parcial e militante. Para os bolsonarista, existe uma perseguição constante entre o grupo e o presidente, na tentativa de derrubá-lo por interesses da emissora. Analisando o quadro acima, percebemos a noção de que o grupo midiático é entendido para o bolsonarismo como fonte de desinformação, manipulando fatos para colocar o Brasil contra Bolsonaro. Como meio jornalístico, o Grupo Globo é visto como desnecessário, sempre dando foco a questões que não são importantes ao brasileiro na tentativa de distorcer a boa imagem de Bolsonaro.

O descontentamento, contudo, não é só destinado à Globo. O jornalismo em geral, como ofício, é sempre lembrado como corrupto e falido. Sem citar alternativas para a informação, os comentários demonstram a desaprovação à imprensa.

Quadro 11 - Exemplos de comentários negativos sobre a mídia em geral

23	<i>Porque não mostrou a favor midia bodre comprada vcs vão tomar e pau 2022</i>
24	<i>Fake News!!! Em ato de respeito ele disse q só ira se vacinar, depois que todos forem imunizados!! #midialixo</i>

25	<i>Midia e a justiça militante continuando no ridículo.</i>
26	<i>A maior parte da imprensa realmente virou piada, lamentáveis as publicações que vcs se prestam a fazer, quanta "imparcialidade"</i>
27	<i>Agora é manifestação, aglomerar agora pode ? Essa é a imprensa lixo parcial que defende os anarquistas hipócritas da esquerda, o dia de vcs estão contados os patriotas sempre vencem #BolsonaroReeleito 2022</i>
28	<i>Hoje, Bolsonaro passou dos limites. Puxou um pai nosso, e pediu pra imprensa rezar junto. Acho que agora, foi a gota d'água kk.</i>
29	<i>Pelo jeito as pesquisas eleitorais não são confiáveis. Se fosse o que a imprensa divulga não estariam arrumando jeito de tirar o Presidente</i>
30	<i>Imprensa tradicional confusa ! ... por isso não é referência.</i>
31	<i>Lembrei de Romário jogador de futebol, ele falava para os repórteres sem mim vcs não tem notícias pra dar, é o caso de BOLSONARO hoje com vcs, triste fim da imprensa sendo imprensa triste.</i>
32	<i>A extrema imprensa e suas falsas narrativas. Só acredita quem quer. Parabéns Presidente Bolsonaro 2022 o. #Bolsonaro2022.</i>
33	<i>Energúmenos que acreditam na imprensa e propagam mentiras todo dia</i>
34	<i>Nossa, como a esquerda e a imprensa são do mal, pois distorcem as notícias para enganar os mais ingênuos: o presidente apenas leu a matéria de uma revista! Se alguém mentiu, foi a revista!</i>
35	<i>A extrema imprensa da esquerda , só está tendo credibilidade com o público esquerdopata!</i>

Fonte: extraído do Facebook, elaborado pelo autor.

A parcialidade não apenas da Globo, mas dos veículos midiáticos em geral é o ponto mais citado. Ainda, cria-se um termo para referir-se a eles: a extrema-imprensa, como se a "imprensa" fosse um espectro político utilizado de forma radical. Sem grandes argumentações sobre a profissão do jornalista e suas práticas, os comentários criam a imagem de um ofício sempre guiado por interesses próprios, nunca ao público. E, da mesma forma que a justiça brasileira, o interesse da mídia é o de derrubar Bolsonaro. Para os usuários, o presidente teria acabado com regalias que os meios midiáticos tinham anteriormente, da mesma forma que fez com a justiça e com os movimentos sociais.

Novamente, um comentário extenso entre as interações curtas, características das interações do *Facebook*, chamou a minha atenção:

NUNCA ACREDITE INTEIRAMENTE NAS NOTICIAS PUBLICADAS PELA IMPRENSA NACIONAL! Por que?... 1) muitas reportagens são manipuladas de forma que induzam o entendimento que querem que você tenha; 2) nas reportagens, geralmente, só são publicados os depoimentos das pessoas que contribuam com o entendimento que querem impor a você e não, também, a, opinião de pessoas que tenham opinião divergentes; 3) quando uma reportagem coloca texto na tela da televisão, o objetivo é de fazer você se concentrar em ler e ouvir ao mesmo tempo e tenha menos tempo e condições de raciocinar, acreditando apenas naquilo que querem que você rapidamente acredite; 4) muitos órgãos de Imprensa estão aparelhados de profissionais ligados a partidos políticos, principalmente nas funções de gerência ou direção; 5) muitos órgãos de Imprensa estão vinculados financeiramente à empresas, com interesses em determinados segmentos do mercado, razão pela qual jamais irão publicar nada que atinja a área de atuação daquelas empresas, sob pena de perderem as verbas, referentes à veiculação de anúncios e patrocínios; 6) voce já deve ter ouvido: "Segundo nossos especialistas".....São sempre esses "especialistas" que falam sobre os assuntos. E as matérias não se aprofundam na identificação deles e nem se ouvem os "especialistas" que pensam ao contrário; 7) quando o assunto da matéria está em SEGREDO DE JUSTIÇA", muitas vezes se ouve que a equipe de reportagem, "obteve" dados ou informações!....COMO SE FAZ ISSO? W finalmente, a obrigação básica dos órgãos de imprensa é apenas noticiar fatos ocorridos durante o dia no país e no mundo e não produzir publicações tendenciosas, podendo, naturalmente, opinar, com isenção, nos editoriais, sem um posicionamento ideológico. Mas não é isso que vem acontecendo e parece que a ética profissional ficou pelo caminho; Agora, se você quiser continuar a ser enganado ou manipulado, por favor, fique à vontade! Globo e você, tudo a ver !!!

No comentário, é construída uma lista de motivos para não confiar plenamente na imprensa brasileira. Vemos o usuário dissertar sobre interesses, quase sempre corruptos, do jornalista e dos veículos midiáticos e a sua tentativa de manipular informações. O texto tenta aguçar o senso crítico de quem se informa por meio do jornalismo, mas para isso questiona toda a prática do profissional, colocando em xeque toda a produção jornalística. Da mesma forma que vimos anteriormente, o usuário utiliza de argumentos rasos e tendenciosos para convencer o leitor de sua opinião, baseando seu discurso em experiências próprias e sua visão de mundo individual.

Seguindo a relação entre bolsonarismo e a mídia, na seção a seguir irei observar os comentários dentro de um contexto, com o objetivo de compreender como os acontecimentos expostos se relacionam aos sentidos construídos nas seções de comentários do *Facebook*.

5.2 O CONTEXTO COMO AGENCIADOR DE SENTIDOS

Em uma abordagem um pouco diferente, mas na mesma seleção de comentários, selecionei duas publicações entre as listadas no Quadro 1 para observar o quanto os acontecimentos noticiados afetam as interações e, conseqüentemente, a expressão do bolsonarismo dentro do Facebook. Me surpreendi ao perceber que, mesmo quando o acontecimento não se refere à esquerda e ao Lula, eles retomam como eixo central no debate pelos usuários.

Importante destacar que não procuro fazer, necessariamente, um mapeamento sobre as opiniões de crenças do Bolsonarismo acerca dos acontecimentos listados, mesmo que venham a ser expostos durante a análise. Aqui, pretendo listar e observar os sentidos evocados numa relação entre Bolsonaro, seus seguidores, e a publicação feita pelas páginas de notícias.

Percebo que existe uma relação não apenas entre o acontecimento e as interações, mas também entre o veículo que está publicando e os seguidores de Bolsonaro. Por exemplo, nas publicações de portais como G1 e CNNBrasil, vemos uma maior quantidade de comentários que se assemelham aos listados no subcapítulo 5.1.3, enquanto em portais como o R7, pertencente ao grupo Record, observamos maiores comentários defensivos a Bolsonaro, sem serem relacionados a produção midiática.

Alguns dos comentários que serão expostos a seguir já foram listados anteriormente. Contudo, como agora iremos pensá-los em um contexto mais específico, vejo necessário os trazer novamente. Além disso, irei apresentá-los como capturas de tela – como estamos pensando em acontecimentos como agenciadores de sentidos, podemos pensar na própria plataforma *Facebook* como um deles. Dessa forma, a sua interface também é importante ao ser exposta.

5.2.1 Os protestos

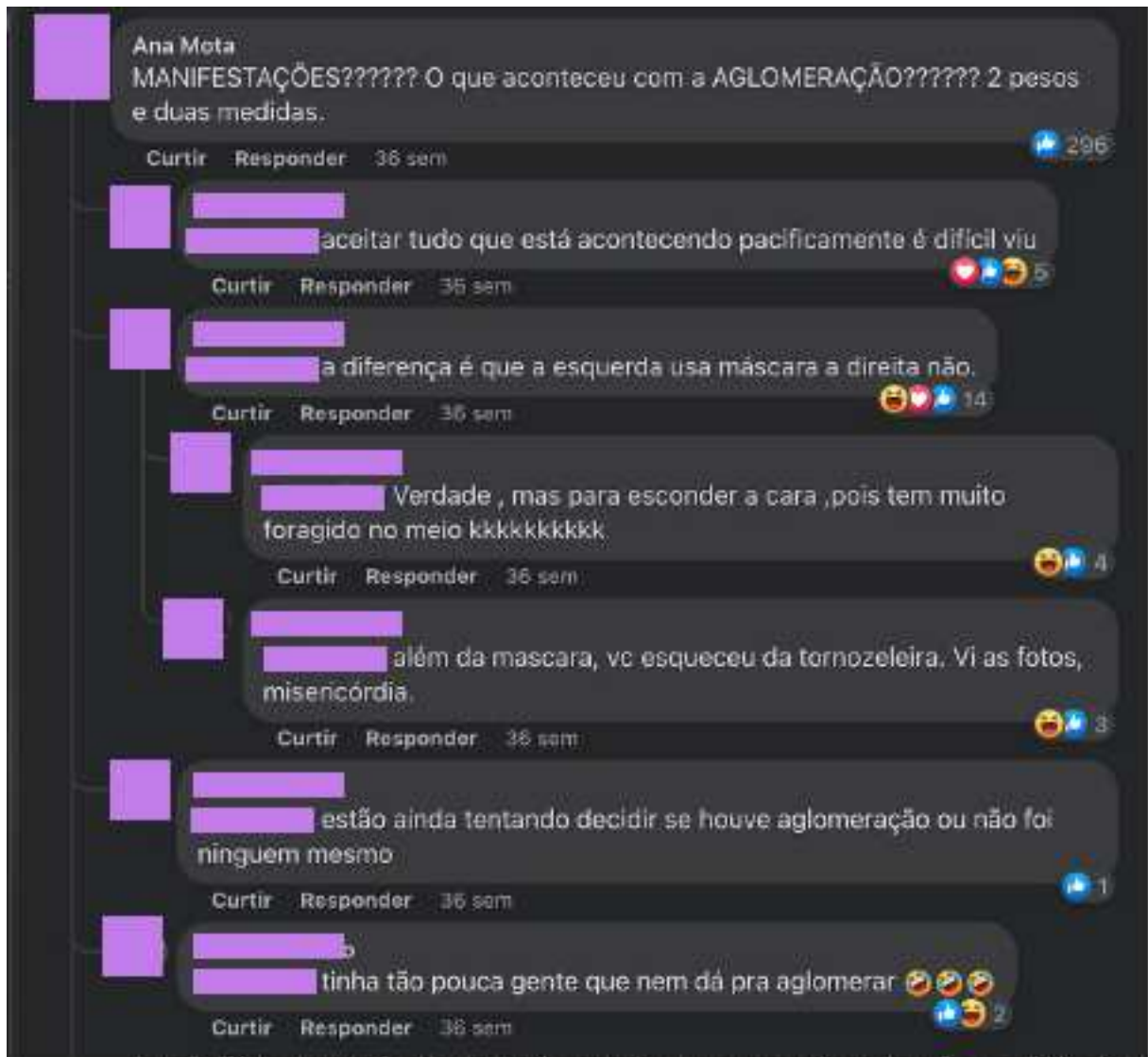
Durante 2021, houve alguns protestos envolvendo o governo Bolsonaro e a compra de vacinas, sejam eles a favor do presidente ou a favor da vacinação. Nessas manifestações, criou-se essa ambigüidade entre Bolsonaro e vacina, como se um fosse opositor ao outro. A matéria selecionada para realizarmos essa leitura foi feita pelo G1, também publicada em sua página do *Facebook*. O título é *Manifestantes*

fazem ato contra Bolsonaro e a favor da vacina, e teve mais de 4 mil comentários em sua postagem na rede social.

Na seção de comentários, voltamos a observar a centralidade da figura de Lula e a rivalidade entre o Bolsonarismo e a esquerda. Por mais que os protestos não fossem necessariamente político-partidários, as interações os definiram como petistas, de esquerda ou comunistas (os três apresentando os mesmos sentidos, considerando o que foi exposto até agora).

A relação entre classes sociais e o trabalho aqui também pode ser observada com maior clareza. Nas seções anteriores, onde analisávamos os sentidos de forma isolada em suas interações, essas questões apareciam, mas de forma discreta. Nos comentários coletados e analisados dentro da publicação, podemos ver uma preocupação maior do bolsonarismo com uma hierarquia social que torna oferece maior credibilidade ao governo Bolsonaro por ter apoio de sujeitos de classes mais altas.

Figura 7 - Sequência de comentários sobre protestos pela vacina



Fonte: extraído do Facebook, elaborado pelo autor.

Na figura acima vemos uma troca de comentários entre pessoas que apoiavam os protestos e outras contra. Percebo que a argumentação de quem era contra usava é construída a partir de valores imaginados da esquerda, sem necessariamente discutir sobre a situação das vacinas no Brasil. Enquanto defendem as manifestações pelo uso das máscaras e pelo distanciamento social, a oposição seu uso era para “esconder o rosto”, já que muitos protestantes utilizavam tornozeleira eletrônica por estarem em regime semiaberto ou foragidos.

Figura 8 - Sequência de comentários sobre protestos pela vacina

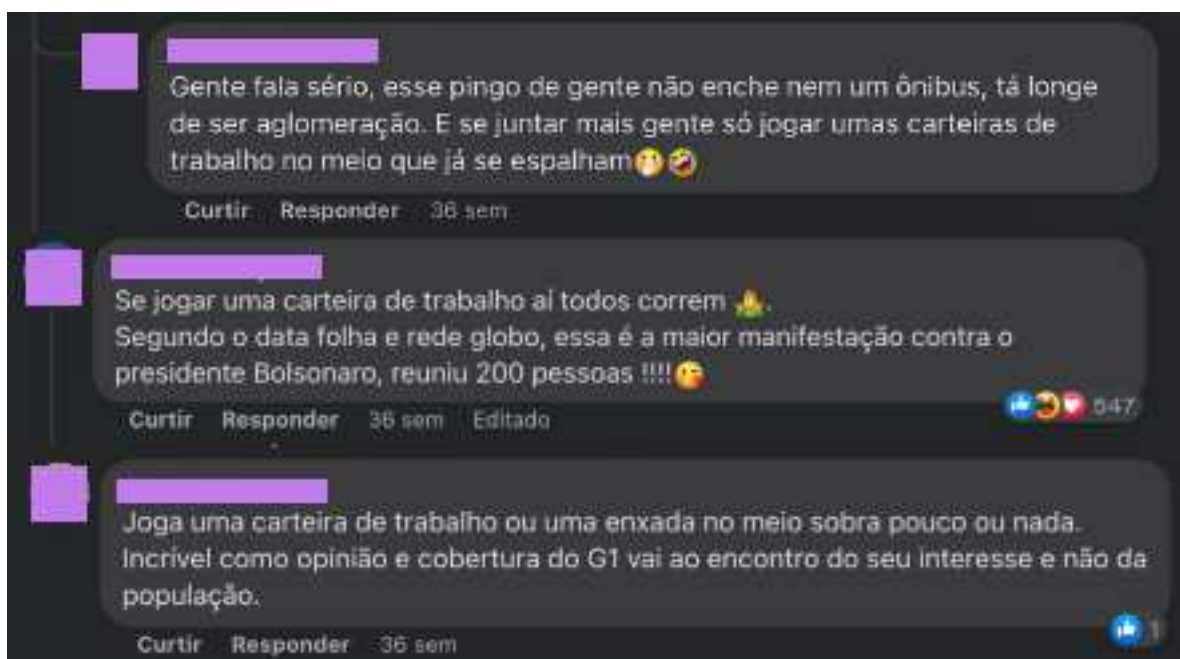


Fonte: extraído do Facebook, elaborado pelo autor.

Em muitos comentários, os protestos de esquerda parecem remeter às manifestações organizadas anteriormente pelo MST, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, tratando-os como vândalos. Os manifestantes, quando não são protestos em apoio ao presidente, são reconhecidos pelo grupo por depredarem patrimônio público e privado. Além disso, constantemente são citados como desempregados, sem interesse em trabalho e preguiçosos.

Além da relação entre o crime e a falta de trabalho, os manifestantes ainda são lidos como usuários de drogas, “maconheiros, fezes nas ruas”. Essa percepção oferece o entendimento de um imaginário geral do bolsonarismo sobre os movimentos sociais, que participam em grande escala dos protestos contra o governo.

Figura 9 – Comentário sobre protestos pela vacina



Fonte: extraído do Facebook, elaborado pelo autor.

Muitos comentários ironizam a relação entre a esquerda e o trabalho, como se possuir o emprego fosse um pesadelo para seus opositores. Para os autores, protestar contra Bolsonaro seria uma forma da esquerda voltar a um momento em que o Estado oferecia regalias ao pobre, contrariando a lógica meritocrata proposta pelo bolsonarismo. Para eles, se os sujeitos estivessem trabalhando ao invés de estar protestando, não haveria pautas para serem clamadas. A relação entre a

pobreza e a riqueza nos governos lulista e no atual pode ser observada também no diálogo abaixo:

Figura 10 - Sequência de comentários sobre protestos pela vacina



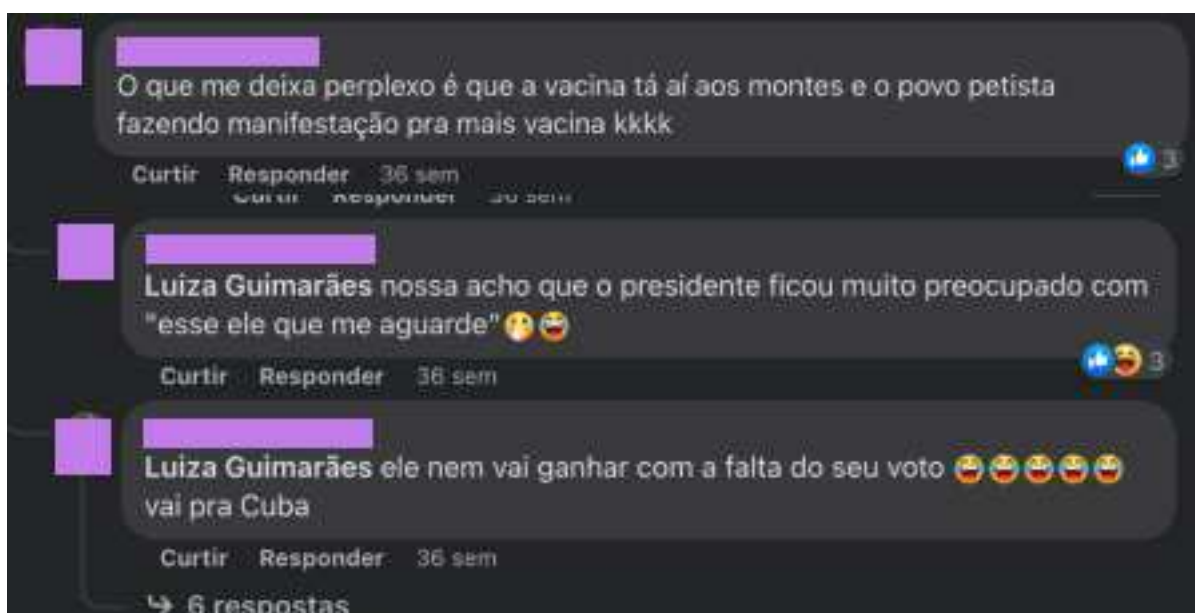
Fonte: extraído do Facebook, elaborado pelo autor.

Para o usuário que iniciou o diálogo, é positivo que as manifestações pró-Bolsonaro tenham motos e carros de luxo, enquanto nas manifestações de esquerda movimentos sociais estejam presentes. A presença da elite brasileira e de pessoas

com mais dinheiro em atos de apoio a Bolsonaro dá credibilidade às suas pautas. Ainda no debate, outro usuário comenta “Tem que ter o rico, o pobre vai trabalhar para quem?”, demonstrando o entendimento de que a hierarquia social baseada no poder aquisitivo de cada sujeito é necessária para o funcionamento da sociedade.

Penso que a mesma lógica é reproduzida quando o termo “pão com mortadela” é utilizado de forma ofensiva. Compreendo que seu uso faz referência a outros protestos, mas é uma forma de ironizar um alimento acessível. O mesmo acontece quando a relação entre a esquerda e o trabalho é citada, deixando a entender que a pobreza só existe pela falta de interesse em buscar renda. Pensar sobre isso de forma teórica nos levaria a um trabalho completamente diferente, mas as pistas que aqui nos são oferecidas abrem espaço para outros debates sobre o assunto, compreendendo desde já parte do posicionamento bolsonarista sobre a hierarquização de classes sociais.

Figura 11 - Sequência de comentários sobre protestos pela vacina

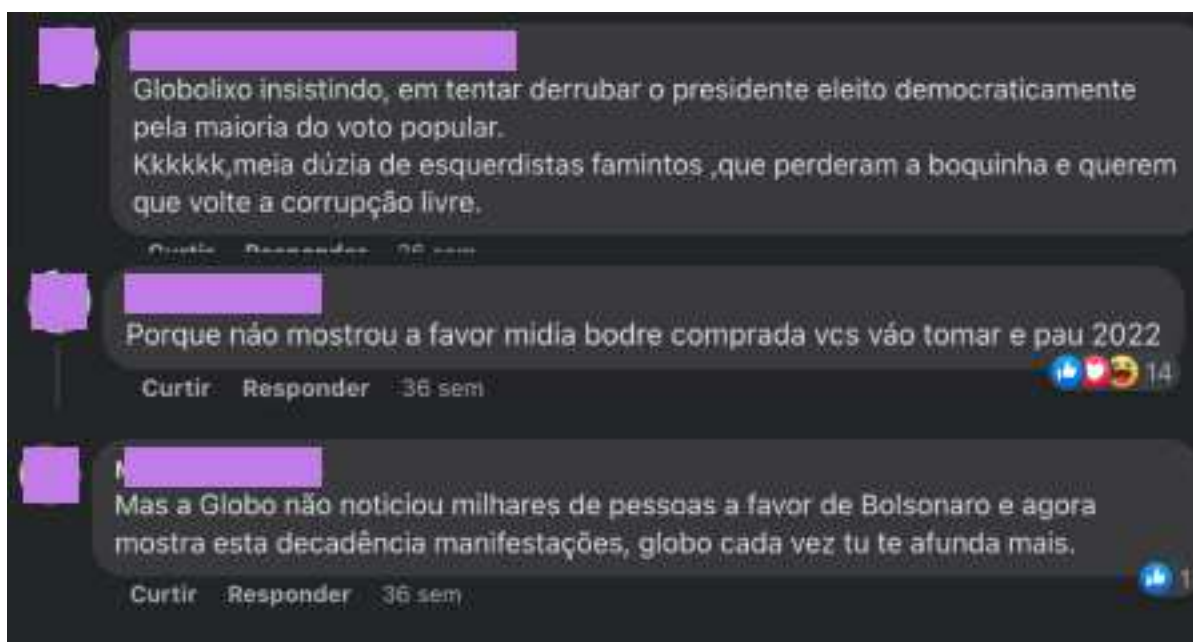


Fonte: extraído do Facebook, elaborado pelo autor.

Além de observarmos com maior atenção a relação entre o bolsonarismo e poder, conseguimos contextualizar sua relação com a mídia de forma direta. A matéria foi feita pelo G1, mantido pelo Grupo Globo, constantemente atacado por Bolsonaro e seus seguidores. No Quadro 9, podemos observar comentários

ofensivos que revelam a construção da Globo como um opositor de Bolsonaro, retomada também na seção de comentários da postagem analisada.

Figura 12 - Sequência de comentários sobre protestos pela vacina

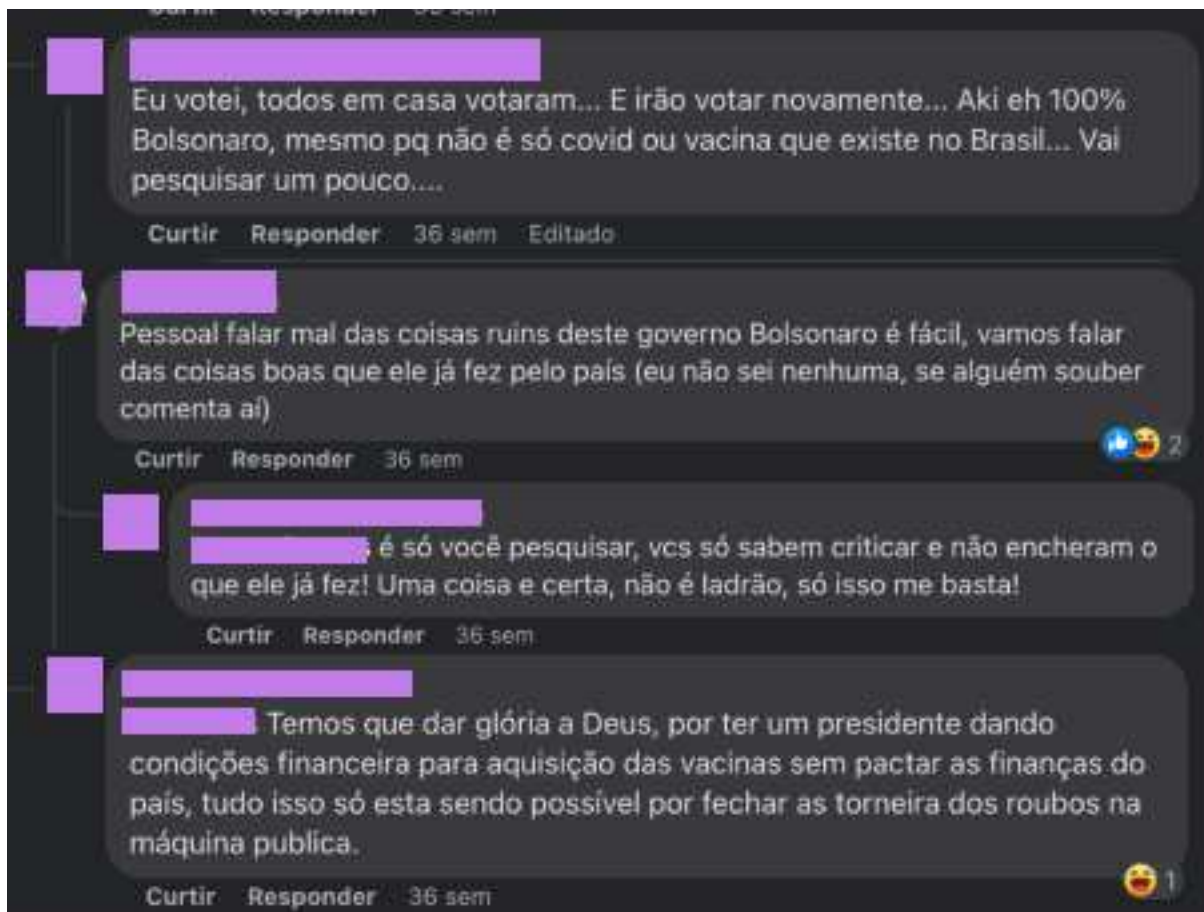


Fonte: extraído do Facebook, elaborado pelo autor.

O fato da Globo e seus veículos noticiarem a ocorrência dos protestos a favor da vacina levou a diversos comentários reclamando da falta de cobertura dos protestos em apoio a Bolsonaro, além de outros sentidos presentes no Quadro 10, apontando imparcialidade e manipulação na forma como o G1 noticia acontecimentos referentes ao Governo Federal.

Alguns comentários citam possíveis valores de Bolsonaro, como se fosse a oposição não percebesse seus pontos positivos por falta de informação:

Figura 13 - Exemplos de comentários sobre os protestos a favor da vacina



Fonte: extraído do Facebook, elaborado pelo autor.

Nos comentários acima, observamos a imagem positiva de Bolsonaro como governante para seus seguidores. O primeiro deles cita que os problemas brasileiros não são apenas sobre a vacina e a covid-19, levando a entender que o Governo Federal desempenha um bom papel em outros aspectos relacionados às necessidades brasileiras. O terceiro também cita a atuação de Bolsonaro como necessária, sem corrupção e oferecendo impacto positivo na economia brasileira. Esses comentários, em geral, revelam a percepção de uma boa administração do governo – quem não percebe, é apenas quem não se informa.

Fonte: extraído do Facebook, elaborado pelo autor.

Para os autores dos comentários, Bolsonaro é defensor da liberdade dos cidadãos brasileiros, sendo uma das únicas autoridades do mundo a estar lutando pelo direito de ir e vir. Durante a observação da seção de comentários da publicação, a liberdade aparece como um dos principais valores para os defensores do presidente. Entre as interações, um usuário utiliza a expressão “meu corpo, minhas regras”, constantemente utilizada pelo movimento feminista, bastante atacado pelos valores bolsonaristas. De forma irônica, o autor expressa a preocupação de Bolsonaro com quem não quer tomar nenhuma vacina, colocando a liberdade pessoal acima da saúde coletiva.

Ao longo dos comentários, muitos usuários mostraram conhecimento limitado em relação à eficácia da vacina, induzindo os leitores a compreender que ela não protege contra o vírus:

Figura 15 - Sequência de comentários sobre Bolsonaro e passaporte de vacina

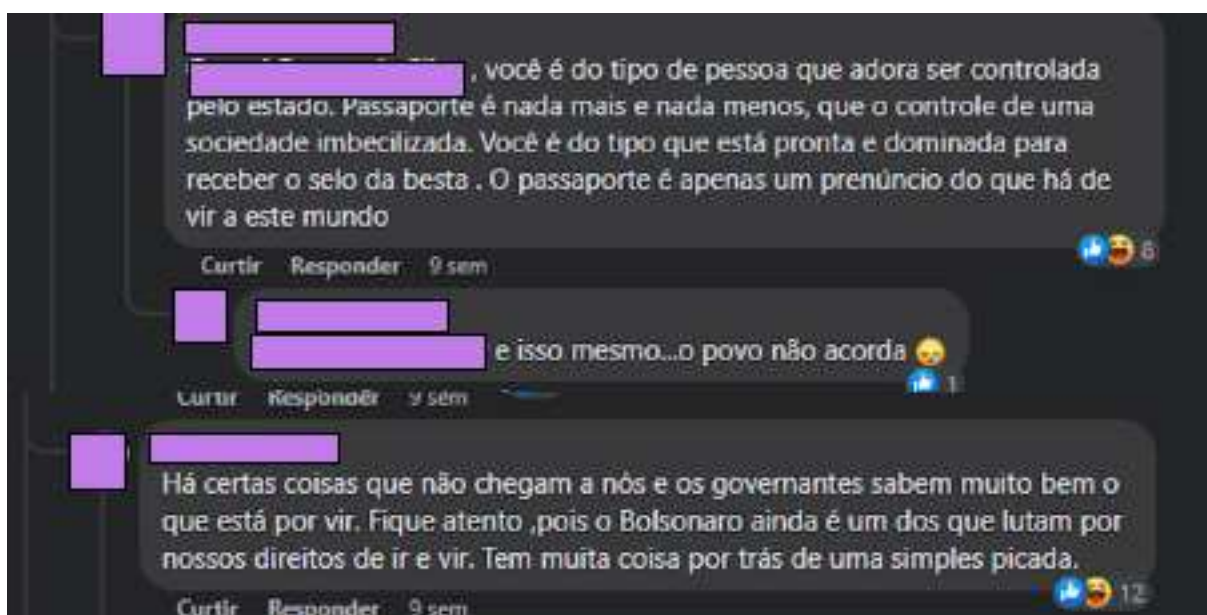


Fonte: extraído do Facebook, elaborado pelo autor.

Os usuários ironizam a postura de quem aderiu a vacinação e apoia o passaporte vacinal. Para eles, quem está imunizado, não deveria se preocupar com quem decidiu não se vacinar. Além de demonstrar informações insuficientes sobre o uso da vacina, os autores revelam, novamente, a maior importância atribuída a liberdade individual do que à saúde coletiva. Existe uma tentativa de tirar a credibilidade da imunização para justificação a não-adesão de pessoas à vacina.

Além disso, observamos comentários conspiratórios sobre o uso da vacina e seus efeitos:

Figura 16 - Sequência de comentários sobre Bolsonaro e passaporte de vacina

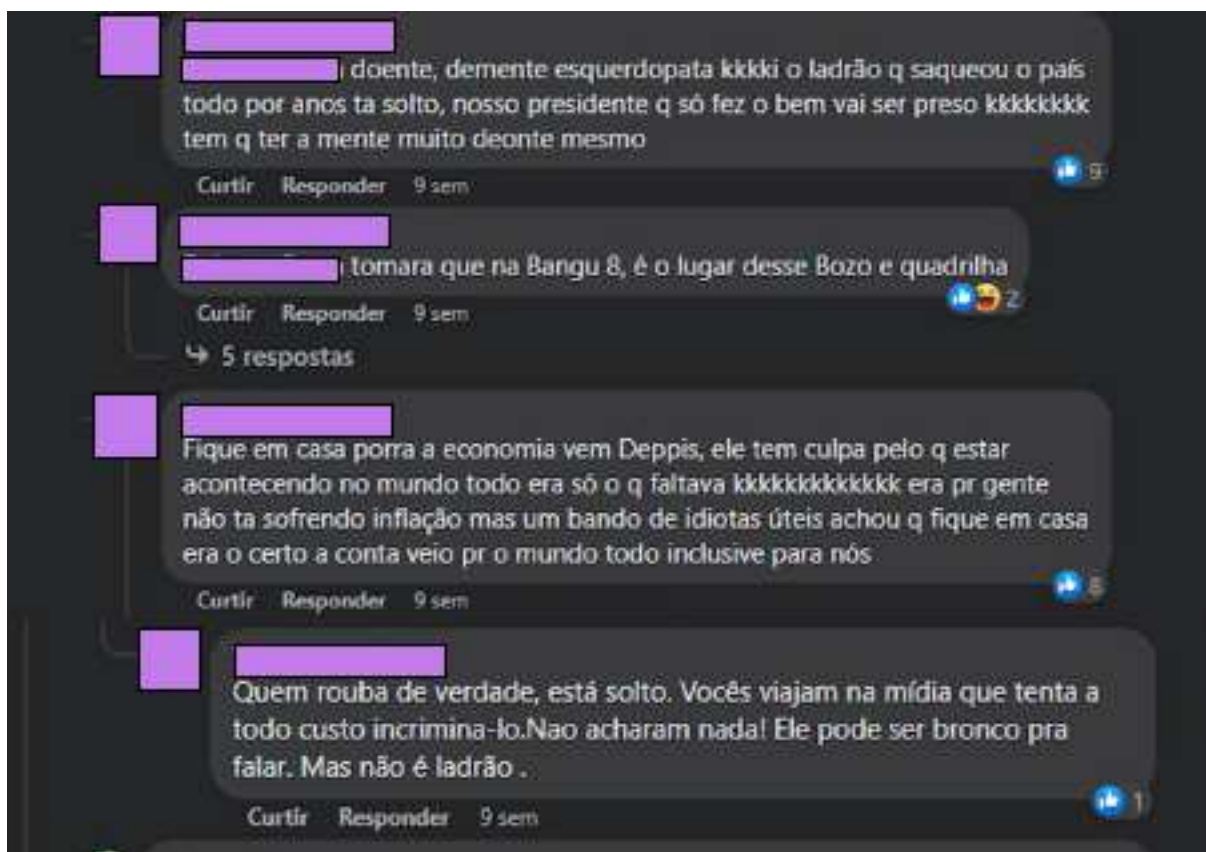


Fonte: extraído do Facebook, elaborado pelo autor.

No primeiro comentário, vemos um teor conspiratório envolvendo religião, citando o “selo da besta”. Não sei ao certo a teoria que o autor do comentário expôs por completo, mas demonstra a relação que estabeleceu entre a vacina, um punitivismo religioso e tentativas de controle pelo Estado. O segundo comentário ainda deixa a entender que existe muitas outras coisas na vacina do que a sua aplicação para a imunização.

Como nos demais comentários selecionados anteriormente, voltamos a encontrar ataques direcionados à mídia em geral, a Lula e à esquerda brasileira:

Figura 17 - Sequência de comentários sobre Bolsonaro e passaporte de vacina



Fonte: extraído do Facebook, elaborado pelo autor.

Além das referências que já vimos anteriormente – esquerdopatas, ladrões, ignorância – o último comentário ainda adiciona um sentido a mais a Bolsonaro. O usuário diz “ele pode ser bronco pra falar, mas não é ladrão”, na tentativa de justificar os erros e os problemas do presidente com sua possível honestidade.

Coletados e segmentados os comentários referentes aos acontecimentos, conseguimos visualizar uma grande quantidade de sentidos referentes ao bolsonarismo. Conforme pontuarei a seguir, podemos dizer que sua identificação é construída a partir de suas oposições.

5.3 O BOLSONARISMO, SUA IDENTIFICAÇÃO E SUA EXPRESSÃO

No segundo capítulo do trabalho, trouxe uma citação de Rosana Pinheiro-Machado (2019b) para pensar o bolsonarismo como identidade. Para ela, o bolsonarismo é

um fenômeno político que transcende a própria figura de Jair Bolsonaro, e que se caracteriza por uma visão de mundo ultraconservadora, que prega o

retorno aos 'valores tradicionais' e assume uma retórica nacionalista e 'patriótica', sendo profundamente crítica a tudo aquilo que esteja minimamente identificado com a esquerda e o progressismo

Durante o processo cartográfico e a análise do material coletado, eu tinha em mente algumas ideias sobre o bolsonarismo já constituídas. Algumas, inicialmente, atrapalharam nossa leitura do que era ou não característico da identidade. Após observar o material com maior atenção, enxerguei algumas faces do bolsonarismo. A maioria delas não foge da expectativa já criada ao grupo após sua contextualização no capítulo dois. O que há de novo aqui é a forma como suas ideias são expostas na seção de comentários do *Facebook*.

Como apontou Pinheiro-Machado (2019b), vimos comentários conservadores, que pregavam valores tradicionais em uma lógica nacionalista. Contudo, enquanto planava pelas interações com minha atenção em movimentos não-lineares, me questioneei diversas vezes se, realmente, o bolsonarismo transcende a figura de Bolsonaro.

Bolsonaro se constituiu como antipetista, e assim criou sua popularidade. Seu público, que é o mesmo que em 2015 foi às ruas pedir pelo golpe de 2016, logo confiou e interpretou a personalidade como um herói que removeria o Brasil das mãos de ladrões e corruptos. Desde 2014 em campanha para ocupar o principal cargo do poder executivo brasileiro, Bolsonaro emitia opiniões fortes e violentas antipolíticas, principalmente direcionadas à esquerda, que estava com sua imagem desgastada desde os protestos de 2013. Em 2019, quando observei os sentidos da bandeira brasileira e como eles se relacionavam com o bolsonarismo, observei muitas pessoas enxergando em Bolsonaro uma esperança para o Brasil. Para seus seguidores na época, Bolsonaro era um símbolo do próprio país (FRANCISCO, 2019), trazendo consigo os valores esperados para o país por uma parcela conservadora da sociedade brasileira.

Uma das primeiras coisas que percebi durante esse novo movimento cartográfico, agora no ano de 2021, foi a diminuição de manifestações bolsonaristas em espaços digitais que não são próprios de sua identidade. A pesquisa aqui construída não é quantitativa - nunca calculei o número de comentários de apoio ou de oposição ao presidente - mas, ao longo de um ano inteiro de observação em páginas noticiosas no *Facebook*, vi o bolsonarismo diminuir a frequência em que se expressa diretamente quando o tópico não é a figura de Bolsonaro. Nas postagens

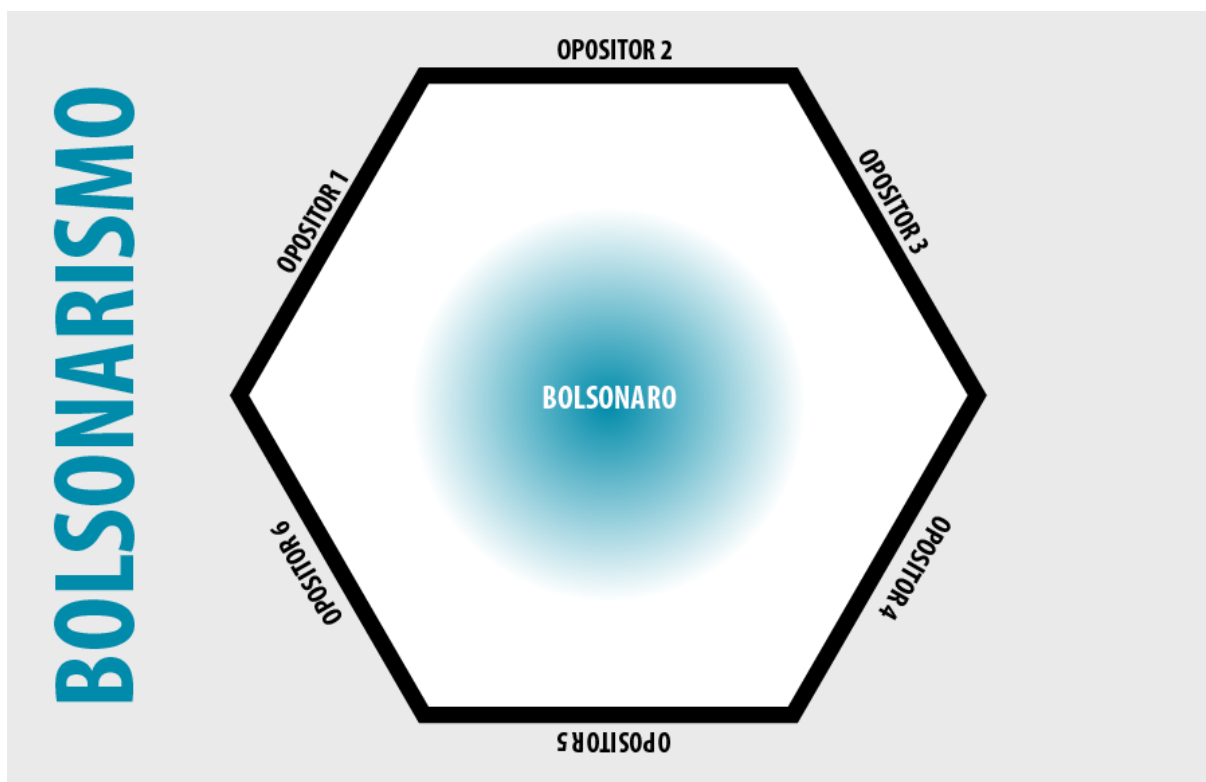
coletadas no final do ano, era difícil encontrar comentários que mostravam claro apoio a Bolsonaro. Encontrei muitas interações entre sujeitos questionando a eficácia das vacinas ou se opondo ao passaporte vacinal por compreender que ela interfere na liberdade individual do brasileiro. Em um primeiro momento até poderia acreditar que esses comentários eram expressões identitárias bolsonaristas, mas não havia ali os mesmos marcadores que encontrava no início do ano, como *tags*, *emojis* da bandeira brasileira ou imagens fazendo referência ao presidente. Classificar essas interações poderia nos dar sentidos sobre pessoas conservadoras, conspiratórias, de direita ou nacionalistas, mas não necessariamente bolsonaristas. Seria minha experiência constituída ao longo dos últimos anos interferindo em achados sobre essa identidade, e acabaria transformando a pesquisa em algo sobre a minha própria visão de mundo, sem necessariamente analisar o objeto proposto.

Enquanto tentava estabelecer diálogos com o corpus da pesquisa, questionei a principal referência quando se pensa o bolsonarismo como identidade. Num primeiro momento, poderíamos pensar que se trata, claro, de Bolsonaro; contudo, a recorrência de menções ao ex-presidente Lula e seus valores negativos são mais expressivos do que ao apoio direto à Bolsonaro. Como já citamos, Bolsonaro se constituiu a partir do antipetismo; ainda assim a expressão da identidade de seus seguidores não vai além da exposição de suas oposições – e, a principal delas, é Lula.

Podemos pensar Bolsonaro como a figura central do bolsonarismo; mas, para que haja algo no centro, existe a região externa que o coloca numa posição de destaque, centralizado. A centralidade de Bolsonaro na constituição da identidade de seus seguidores é estabelecida por suas oposições.

Quando pensamos em oposição, pensamos em lados contrários de uma figura; para o bolsonarismo, a esquerda além de ser sua oposição direta, é também base constituinte de sua identidade. Se o bolsonarismo é uma forma, Bolsonaro está no centro, mas as linhas que marcam seus limites são encaixadas por sua oposição política.

Figura 18 - O desenho do bolsonarismo



Fonte: elaborado pelo autor

Na figura acima, utilizei um hexágono para representar uma forma imaginária do bolsonarismo. Cada lado representa um dos opositores de Bolsonaro, que cumpre o papel central da identidade. Contudo, não existe um número fixo de lados que representa a identidade – sempre podem ser adicionados novos lados, mudando sua forma de ser identificada.

Pensemos, agora, a forma como os membros do grupo se identificam como bolsonaristas ou não. Mead (1934) pensa no *self* como um objeto de auto-organização do sujeito dentro da experiência. É a partir do social que alguém constrói uma imagem de si mesmo e compreende sua posição diante o outro. Importante lembrar que o *self* não é algo fixo; ele muda conforme os sujeitos vivenciam novas experiências, obtendo duas instâncias. O “mim” é uma internalização de experiências já vividas, como um banco de dados de saberes; o “eu” é a parte imprevisível de um sujeito, que guiará suas decisões a partir do que está presente no “mim”.

Quando pensamos em um grupo social, pensamos na formação de diversos sujeitos conectados por alguns sentidos atribuídos a eles, podendo ser esses construídos a partir da sua identificação a outras pessoas. Anteriormente,

observamos anos de inquietações no contexto político brasileiro; em 2014, Bolsonaro aparece como uma solução para quem estava descontente com a política em geral. Suas falas, mesmo que polêmicas e controversas abriam espaço não apenas para interpretações e respostas, mas também para identificações. Bolsonaro aproveitou de um momento de instabilidade, de ódio à esquerda e ao lulismo para construir sua imagem como a única solução para “limpar” o país. Naquele momento, existiam milhares de brasileiros que buscavam por uma resposta, e encontraram na figura do presidente eleito em 2018 uma oportunidade de mudança. A identificação não se constitui apenas em relação aos valores de Bolsonaro, mas também nos sentimentos negativos direcionados a política em geral após quase 16 anos de governos lulistas.

Bolsonaro, então, funciona como um centralizador de sentidos; é em sua imagem que essas pessoas convergem seus sentimentos e seus anseios por um Brasil livre de corrupção – percepção constituída por anos de investigações e do apoio da grande mídia para apontar culpados por um país supostamente sucateado e pobre após um grande período de desvio de verbas públicas. A forma como Bolsonaro atacava não apenas os governos anteriores, mas todos os valores constituídos e promovidos durante os anos antecedentes, criavam em sua imagem uma “luz no fim do túnel”. Penso que o descontentamento generalizado com a política brasileira pós-2013, com muitos sentidos dispersos do que consistia ser um bom brasileiro, construíram a imagem do então deputado como um aglutinador identitário, em que visões de mundo confusas convergiram em uma solução política dispersa. Bolsonaro, então, torna-se não apenas uma resposta, mas uma solução para a pergunta que, para Goffman (2012), acompanha todo sujeito diante um novo acontecimento: “o que está acontecendo aqui?”

O contexto em que a presente pesquisa se situa, entre os anos de 2020 e 2022, é marcado por diversos acontecimentos atípicos; o principal deles, a pandemia da covid-19. Como vimos anteriormente, a partir da perspectiva de Queré (2005), um acontecimento não apenas é um rompimento no momento presente; é a partir de sua existência que o passado e o futuro são criados, demarcados. A aparição de um novo vírus, que resultaria em centenas de milhares de mortes no Brasil, não é o único que enquadra, no sentido do termo utilizado por Goffman (2012) o contexto. A ascensão de Bolsonaro como uma figura de extrema

importância para a política nacional é um macro acontecimento, advindo de um fluxo de singularidades, que emoldura todo o material empírico encontrado.

Demarcando acontecimentos mais específicos, possibilitando nossa análise com maiores detalhes sobre a expressão do bolsonarismo, classifiquei duas postagens de páginas noticiosas com desdobramentos da pandemia. A primeira referente aos protestos a favor da vacina contra a covid-19, e a segunda sobre a obrigatoriedade do passaporte vacinal para o acesso em países e estabelecimentos.

No primeiro deles, vimos maiores detalhes sobre a relação entre o bolsonarismo e sua oposição política direta. Os achados possibilitam compreender o imaginário construído sobre a esquerda-política, sua militância e grupos sociais. Percebi, ali, comentários e sentidos elitistas, meritocratas e intolerantes. No segundo, vemos os apoiadores de Bolsonaro questionar a ciência e a vacinação na tentativa de justificar as falas distorcidas do presidente. Vemos valores liberais serem defendidos, colocando o individual acima do coletivo.

Percebo que o bolsonarismo encontra formas para moldar sua expressão conforme seu contexto. Em algumas páginas de notícias, como a do G1, víamos os ataques à mídia serem feitos em maior escala, enquanto em páginas como o Portal R7, víamos os ataques serem direcionados novamente a Lula e a volta ao combate a corrupção. Ainda assim, todo esse processo me gerou um incomodo: quase todas as formas de expressão, de manifestação, de exibição do pertencimento a um grupo, eram feitas de forma violenta, direcionadas a inimigos imaginados.

Durante a leitura dos comentários, foi cansativo perceber a grande repetição de sentidos, por mais que pudéssemos encontrar uma grande variedade deles. A forma como a argumentação bolsonarista se constrói é repetitiva, parece tentar se afirmar na exaustão de seus sentidos. Talvez essa seja uma característica que as plataformas de redes sociais, em especial o *Facebook*, adiciona ao debate político por meio de suas ferramentas interacionais. As expressões identitárias e as formas de manifestação de seus valores são facilitadas pelos textos rápidos e curtos oferecidos pela plataforma.

Com essas repetições, as imagens iniciais que criamos no capítulo 2 sobre os seguidores de Bolsonaro se afirmaram durante a análise do *corpus* selecionado. Cheguei a procurar por alguns desvios, detalhes que pudessem contradizer a forma como pensei o bolsonarismo ao longo dos anos; contudo, a forma como encontramos suas manifestações afirmam o que já era imaginado. O que levamos

de conhecimento junto às questões da pesquisa dizem, então, respeito a como essa identidade se comporta nas plataformas de redes sociais, oferecendo-nos pistas de como a identificação ao grupo acontece.

Pensando na construção de si (MEAD, 1934) e na sua representação (GOFFMAN, 2009), percebo que o bolsonarismo pode não ser intrinsecamente conservador. Os sentidos que o constituem como identidade foram criados a partir de anos seguidos de ataques políticos/midiáticos à esquerda brasileira levaram uma parcela da população a compartilhar do mesmo ódio a esse grupo. A repetição extrema de comentários e tentativas de argumentação ao longo da análise dos comentários me fazem pensar que a sua identificação foi construída de forma frágil, aproveitando de sentimentos primários para agrupar sujeitos que os compartilham. Vi, ao longo dos comentários, Lula e o Partido dos Trabalhadores serem citados como corruptos inúmeras vezes e, em muitas delas, acompanhados de adjetivações ainda mais ofensivas. Considerando a leitura dos mais de mil comentários, penso que representar os seus valores de forma agressiva, sem utilizar de elementos discursivos que os afirmem sem apontar seus inimigos e suas oposições demonstram algumas inconsistências ao pensar o bolsonarismo como identidade.

De forma mais ampla no sentido político, um sujeito pode se identificar tanto de direita como de esquerda. Contudo, essa identificação não é feita a partir do ódio ou a aversão ao seu outro lado, mas sim pelo reconhecimento feito nos valores propostos por eles. A partir do exposto ao longo da pesquisa, o mesmo não parece acontecer diretamente com o bolsonarismo. Quem assim se identifica pode, com certeza, se reconhecer nos valores da direita, mas para assumir-se bolsonarista precisa de mais sentidos para além disso. Podemos pensar, então, que o bolsonarismo se constrói a partir da identificação às falas de Jair Bolsonaro. Se assim for, temos uma prévia dos seus discursos, constituídos principalmente a partir da oposição, do ódio ao outro. Não penso que bolsonarismo e direita ou extrema-direita sejam sinônimos um do outro. Isso me leva, então a refletir sobre as adições que são feitas ao bolsonarismo para levar a sua identificação. Com o trabalho aqui construído, percebo que o que o principal ponto é o antipetismo.

Quando digo que encontro inconsistência ou fragilidade ao pensar no bolsonarismo como identidade, é por ele se basear nesse antipetismo. A ascensão do ódio ao PT ocorreu após uma série de anos abastecidos por acontecimentos bastante singulares no contexto político, conforme observamos em nossa

contextualização. Todo acontecimento e toda experiência são situados em um período no espaço e no tempo. Assim como podemos pensar em Bolsonaro e o bolsonarismo como acontecimentos, o mesmo pode ser feito em relação ao antipetismo. O bolsonarismo, então, pode sim ser pensado como uma identidade, mas extremamente enquadrada por um contexto específico, levando-a a possibilidade de ser datada.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A palavra “final” em considerações finais pode ser pensada como uma conclusão, e para uma conclusão, penso ser necessária a satisfação. Não estou satisfeito – não com a pesquisa em si, mas por terminá-la com tantos questionamentos; com tanta coisa que ainda poderia ser pensada, pontos que poderiam ser explorados e perspectivas diferentes que o trabalho poderia seguir. Nunca pensei que terminaria a análise com todos os meus questionamentos respondidos, até porque, sempre que alguma faísca de resposta aparece, muitas outras perguntas acendem (e ascendem).

Terminar o trabalho com mais perguntas do que havia no início sempre foi uma possibilidade, e acredito que isso não signifique que a pesquisa não foi fecunda. Muitos pontos foram explorados, e essas novas ramificações que se expandem pelas possibilidades que ainda podem ser seguidas também são ideias para novas produções de conhecimento, sendo as próprias perguntas conhecimento em si.

Revisitando nosso objetivo geral, acredito que cumpri a proposta de coletar e identificar os sentidos do bolsonarismo por meio de suas expressões nos comentários de acontecimentos da covid-19 no *Facebook*. Foram cerca de 10 mil comentários coletados, e mais de 1000 interações analisadas para construir o mapa dos sentidos que constituem a identidade bolsonarista. A coleta, por meio de um movimento cartográfico, trouxe perspectivas que acredito serem importantes para o entendimento não apenas sobre o bolsonarismo como identidade, mas para a compreensão sobre a criação de coletividades que têm como centro figuras políticas do contexto brasileiro.

Para atingir esse objetivo, dividi o trabalho em seis capítulos. Além de introduzir o trabalho no primeiro capítulo, no segundo realizei uma contextualização do surgimento do bolsonarismo e da ascensão da figura de Bolsonaro no contexto brasileiro. Além disso, apresentei brevemente movimentações políticas em contexto mundial que levaram a extrema-direita a uma posição de destaque no final da década de 2010. Essas percepções contribuíram diretamente para que pudéssemos inferir novas percepções sobre os sentidos bolsonaristas nas plataformas de redes sociais ao final da pesquisa. No problema de pesquisa, usei o termo “atualizar” para pensar a forma como o fluxo de sentidos dessa identidade circula dentro do

Facebook. Para compreender essas atualizações, é necessário entender as formas que moldavam o bolsonarismo ao longo de sua constituição para, então, compreender como os sentidos já fixados em si são expostos e, ainda, pensar como novos sentidos podem ser agrupados em sua imagem.

No terceiro capítulo, trouxe algumas noções da cartografia não apenas como metodologia a ser utilizada na pesquisa, mas como método que guiou minha postura como pesquisador ao longo da produção deste trabalho. Como um grande curioso, sempre me senti um cartógrafo de sentidos não apenas como acadêmico, mas em minha vida pessoal. Minha atenção sempre foi dispersa a procura de novas formas, vozes, cores, aromas, sensações em geral. Aderir à cartografia como método e a liberdade proposta como metodologia foi essencial para a construção da escrita do trabalho. Como a cartografia tem como finalidade compreender processos e construir mapas que compreendem que o objeto não é fixo, mas sim mutável conforme seu contexto, acredito que sua escolha para pensar o bolsonarismo e suas expressões no *Facebook* levaram-me a importantes resultados sobre a sua construção. Como metodologia, acredito que poderia ter utilizado melhor as possibilidades de organização do material coletado para que pudéssemos observar o bolsonarismo em diferentes perspectivas. As possibilidades eram infinitas, e pensar essa identidade a partir de suas oposições me ajudou a compreender sua constituição, ainda que pudesse confrontá-la de maneiras diferentes e igualmente fecundas.

No quarto capítulo, apresentei as lentes teóricas nas quais pensaríamos o bolsonarismo. Os principais autores, basilares para este trabalho, foram Mead, Goffman e Queré. As suas perspectivas entre individualidade, coletividade e singularidades harmonizaram para que aspectos do nosso problema de pesquisa fossem compreendidos e apresentados.

No quinto capítulo a pesquisa se concretizou. Foram centenas de comentários coletados e analisados para pensar não apenas nos sentidos do bolsonarismo, mas como ele se relacionou com os acontecimentos recorrentes da pandemia da covid-19 no Brasil. Agora, aproximando-me ao fim do trabalho, vejo que alguns detalhes da coleta poderiam ter sido trabalhados de forma diferente, como a utilização e a reflexão sobre o algoritmo do *Facebook*. Como as interações analisadas eram filtradas e organizadas pela plataforma, sempre éramos direcionados aos comentários com maior visibilidade. Para a cartografia, os sentidos que apareciam

em menor frequência ou com menor número de alcance era igualmente importantes. Uma identidade não se constrói apenas no seu centro, ponto de maior visibilidade, mas acredito que a análise de suas periferias contribuiria e enriqueceria os resultados do trabalho.

Em resumo, após contato direto com muitas expressões bolsonaristas, passei a perceber que sua constituição como identidade é feita a partir de seus opositores. Surgido do antipetismo, o bolsonarismo demonstrou que suas principais facetas são construídas a partir da adjetivação de seus opositores. Em comentários quase sempre feitos de forma ofensiva, foi necessário encarar a forma como o inimigo era exposto para compreender aspectos da identidade aqui pensada.

Se eu termino o trabalho insatisfeito, não é por deixar de compreender algum aspecto do bolsonarismo. Termino insatisfeito por existirem tantas outras questões que podem (e devem) ser trabalhadas e pensadas no entorno das identidades políticas. Essa insatisfação não é negativa – da mesma forma que uma inconformação me levou a definição dessa pesquisa, utilizarei dessa insatisfação para continuar compreendendo outras perguntas que surgiram ao longo do trabalho.

Aqui, realizei uma análise com um recorte no bolsonarismo. Mas, o quanto as mesmas questões se aplicam a outras identidades políticas? Como essas visões de mundo se organizam enquanto identidade? Que outras importantes figuras do cenário político brasileiro centralizam os sentidos de diferentes identidades? Existe algum padrão na forma com que são expostas?

Concluir uma pesquisa com novas perguntas me parece uma boa forma de deixar o conhecimento aqui produzido em mente. E, é a partir do diálogo entre essas novas perguntas e as que já foram apresentadas ao longo do trabalho, que percebo a pesquisa não como um trajeto linear, mas sim como um fluxo que, a qualquer momento, pode retornar para as mesmas questões.

REFERÊNCIAS

- ARRIGHI, Giovanni. O longo século XX (A dinâmica da crise global). In: ARRIGHI, G. **O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo**. Rio de Janeiro: Contraponto, São Paulo: UNESP, 2012, p. 309-335
- BOYD, Danah M.; ELLISON, Nicole B. Social network sites: Definition, history, and scholarship. **Journal of computer-mediated communication**, v. 13, n. 1, p. 210-230, 2007.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2017.
- FRANÇA, Vera; ALMEIDA, Roberto. O acontecimento e seus públicos. Um estudo de caso. Contemporânea – **Revista de Comunicação e Cultura**, v.6, n.2, 2008
- FRANCISCO, Leonardo. **“Nossa bandeira jamais será...”**: Um estudo sobre os sentidos identitários nacionais na rede social Facebook. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso. (Bacharelado em Comunicação Social – Comunicação Digital). Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 2019
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- GOFFMAN, Erving. **Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise**. Vozes, 2012.
- GROHMANN, Rafael. Em Busca dos Fãs do Bolsonaro no Twitter: Reflexões Epistemológicas e Metodológicas sobre Circulação de Sentidos e Pesquisa em Mídias Sociais. Belo Horizonte: **XXVII Encontro Anual da Compós**, 2018. Disponível em: <
<http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/biblioteca/acervo/producao-academica/002918311.pdf>>. Acesso em 30 mai 2021.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.
- HENN, Ronaldo; GONZATTI, Christian; KOLINSKI MACHADO, Felipe Viero. Jordan lives for the applause: performances de si como propulsoras de ciberacontecimentos. In: **Encontro Anual da Compós, 25.**, 2016, Goiânia. Anais. Goiânia: UFG, 2016.
- HENN, Ronaldo. O acontecimento em sua dimensão semiótica. BENETTI, M; FONSECA, V. (Org.) **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010. p. 77-93.
- JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. **Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável**. São Paulo: Aleph, 2014
- KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. **Psicologia & sociedade**, v. 19, p. 15-22, 2007. Disponível em: <
<https://www.scielo.br/j/psoc/a/8rWQrJSBTg7w8zTV47svGTq/?lang=pt>>. Disponível em 28 jun 2021.

LEVITSKY, Steven. ZIBLATT, Daniel. Como as democracias morrem. Tradução: Renato Aguiar. 1 ed. São Paulo: Zahar, 2018

MARCHI, Ricardo. BRUNO, Guido. A extrema-direita europeia perante a crise dos refugiados. *Relações Internacionais*, Lisboa, n. 50, 2016.

MEAD, George Herbert. **Mind, self and society 1: from de standpoint of a social behaviorist**. Chicago: The University of Chicago Press, 1934.

PASSOS, Eduardo; EIRADO, André do. Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina. 2015.

PEREIRA DE SÁ, Simone; POLIVANOV, Beatriz. Auto-reflexividade, coerência expressiva e performance como categorias para análise dos sites de redes sociais. **Contemporânea – Revista de Comunicação e Cultura**, Salvador, v.10, n.3, p.574-596, set./dez., 2012.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Amanhã vai ser maior: o que aconteceu com o Brasil e as possíveis rotas de fuga para a crise atual**. São Paulo: Planeta do Brasil. 2019a. E-book Kindle.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana; FREIXO, Adriano de. **Brasil em transe: Bolsonaro, Nova direita e Desdemocratização**. – Rio de Janeiro: Oficina Raquel. 2019b. E-book Kindle.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DJICK, José. Plataformização. **Revista Fronteiras - Estudos Midiáticos**. São Leopoldo, v.22, n.1. 202

POLIVANOV, Beatriz Brandão. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. **Esferas**, v. 1, n. 3, 2013.

QUÉRÉ, Louis. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos, Revista de Comunicação, Cultura e Educação**, Lisboa, n. 6, p. 59-76, 2005.

RECUERO, Raquel. A rede é a mensagem: Efeitos da Difusão de Informações nos Sites de Rede Social. In: Eduardo Vizer. (Org.). **Lo que McLuhan no previó**. 1ed. Buenos Aires: Editorial La Crujía, 2012.

RECUERO, Raquel. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook - *Revista Verso e Reverso* (Online), v.28, n. 68, 2014.

REYNIÉ, Dominique. *Démocraties sous Tension: une enquête planétaire*. Foundation pour l'Innovation politique et l'International Republican Institute, Paris: Galaxy, 2019.

ROSÁRIO, Nísia Martins Cartografia na comunicação: Questões de método e desafios metodológicos. In MOURA, Cláudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata Vassallo (Org.) *Pesquisa em Comunicação: Metodologias e Práticas Acadêmicas*. Porto Alegre: EDIPUCS, 2016.

SANTOS, Marcelo. Mamadeira de piroca: Por que um vídeo absurdo pareceu coerente a alguns eleitores de Bolsonaro? **XXIX Encontro Anual da Compós**, 2020. Disponível em: <http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_ADMZ5D5N03VI9TXE24M7_30_8588_26_02_2020_09_00_15.pdf>. Acesso em 08 jan 2021.

SEVERO, Denise, Impactos da ascensão dos movimentos de extrema-direita sobre os Direitos Humanos no contexto do Brasil: uma proposta de matriz de análise. In: **Revista Eletrônica Interações Sociais – REIS**. Rio Grande/RS, 2020.

SOLANO, Esther. Crise da Democracia e extremismos de direita. **Análise**, v. 42, p. 1-29, 2018.

SOUSA, Dias. **Lógica do acontecimento**. Lisboa: Documenta, 2012.

TATAGIBA, Luciana. Entre as ruas e as instituições: os protestos e o impeachment de Dilma Rousseff. **Lusotopie** v.17, p.112-135, 2018. Disponível em: <<https://brill.com/view/journals/luso/17/1/article->